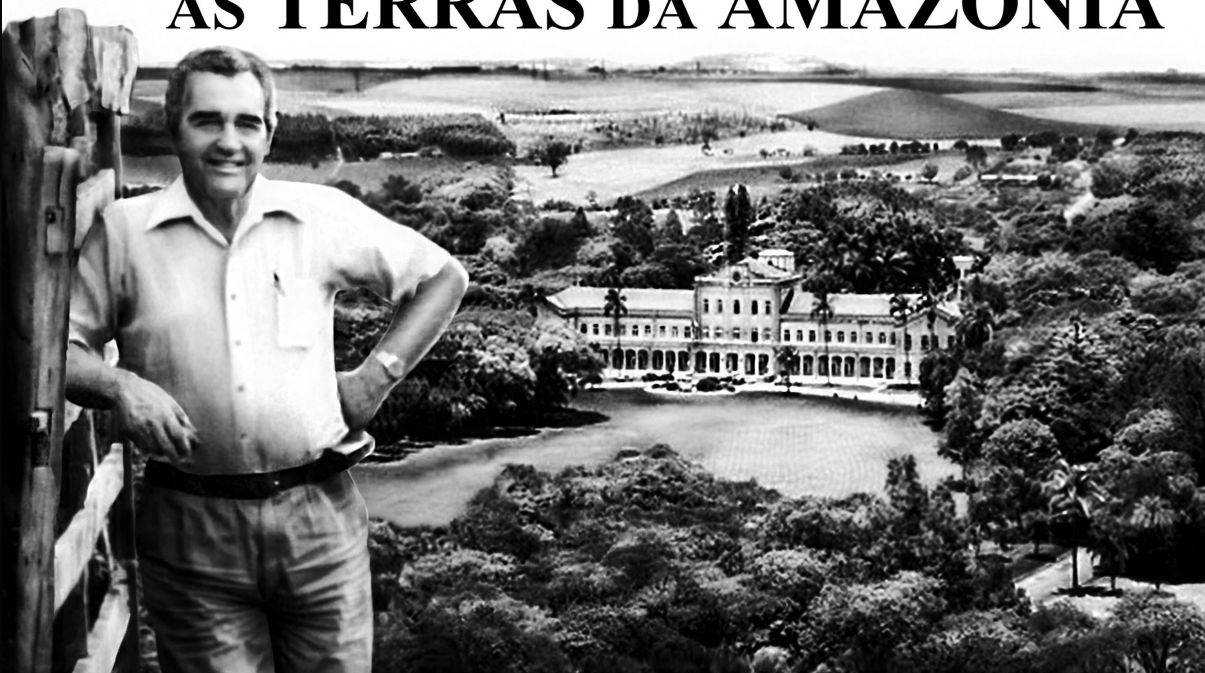


Guido Ranzani

DOS SOLOS DE PIRACICABA ÀS TERRAS DA AMAZÔNIA



Vida e Trajetória de um Cientista

Adolpho Queiroz





DOS SOLOS DE PIRACICABA ÀS TERRAS DA AMAZÔNIA

**A história dos 96 anos
de existência de um dos pioneiros
no Estudo e Classificação de
Solos do Brasil.**



APOIO:

KOPPERT

BIOLOGICAL SYSTEMS

**DOS SOLOS DE PIRACICABA
ÀS TERRAS DA AMAZÔNIA**

Adolpho Queiroz

**DOS SOLOS DE PIRACICABA
ÀS TERRAS DA AMAZÔNIA**

EDITORA
NOVA CONSCIÊNCIA

“ O SOLO, por situar-se na parte externa da crosta terrestre, numa posição de contato com as massas gasosa e líquida exteriores ao globo, tem o papel de atenuar e regular as transições de estado da matéria, sem descontinuidades, o que se traduz num perfeito equilíbrio dinâmico. Mas o conhecimento e a compreensão da constituição e funções do solo não fazem parte da cultura popular. Normalmente as pessoas sabem reconhecer plantas e animais, mas não os solos. Os índios das regiões andinas, como os Chibchas, os Coltas colombianos ou Otavalos equatorianos, veneram a terra e referem-se a ela como “La Madre Tierra”, com um profundo respeito e reconhecimento pelas colheitas que ela lhes proporciona. Já os civilizados primam pelo desconhecimento completo das entidades pedológicas. Talvez a razão desse



desconhecimento seja o fato de que o solo não é visível. Para observá-lo, há que primeiro desvesti-lo da cobertura vegetal e cavá-lo em profundidade, através da abertura de trincheiras. Até as cartilhas do primário, não raro, trazem exemplos que não pertencem ao nosso meio natural, em detrimento do conhecimento de coisas mais importantes do nosso dia a dia, como o solo. O solo é mais do que mera mistura de rochas fragmentadas e material orgânico decomposto. É uma porção bem organizada da natureza, harmoniosamente ajustada às múltiplas funções do equilíbrio que necessita exercitar - um corpo natural, independente e dinâmico, que adquire propriedades segundo a natureza, a intensidade e a extensão das forças que

sobre ele atuam. O solo é um elo de conexão entre os seres organizados e inorgânicos da terra. Ele oferece à biologia do globo terrestre o ambiente propício à elaboração de matérias-primas diversas, possibilitando o armazenamento da energia libertada em suas transformações, condensações e sínteses, e tem o privilégio de comportar a matéria primitiva transformada, mantendo-a num estado de elevada complexão orgânica, para uso do ambiente onde a vida organizada se manifesta. A morfologia, impressa no corpo do solo pelos processos pedogenéticos, torna-se acessível à observação mediante a exposição do perfil de solo e a interpretação dessas observações resulta nos conhecimentos indispensáveis para sua classificação, uso, manejo e conservação.”

Guido Ranzani

Dos Solos de Piracicaba Às Terras da Amazônia

Autor: Adolpho Queiroz

Fotos: Acervo da família, Museu da ESALQ, IHGP e
Prefeitura de Santa Rosa de Viterbo

Bordaduras: Guido Ranzani (*in memoriam*)

Projeto Editorial e Capa: Macau Ranzani

Pesquisa e colaboração: Magá Maurano e Elisabete Bortolin

Revisão e recuperação de fotos: Macau Ranzani

Produção: Pedro Vicente Ometto Maurano

Apoio: Koppert do Brasil

QUEIROZ, Adolpho. Guido Ranzani. Dos solos de Piracicaba às terras da Amazônia, vida e trajetória de um cientista, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Número de páginas: 168.

ISBN: 978-65-86541-00-7

1. Piracicaba; 2. ESALQ, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz; 3. Estudos sobre solos; 4. O pesquisador; 5. Piracicaba e ESALQ nos anos 1944-1977; 6. Depoimentos.

CDU:630

Gráfica EME – Editora Nova Consciência
Av. Brig. Faria Lima, 1080 – Vila Fátima, Capivari/São Paulo
Ficha catalográfica elaborada pela Editora

1ª. Edição **2020**. 300 exemplares

SUMÁRIO

PÁGINAS

APRESENTAÇÃO

Valdiza Capranico, Presidente do IHGP8

PREFÁCIO

Prof. Durval Dourado Neto, Diretor da ESALQ10

“Daí, numa mesa do bar”12

CAPÍTULO I

Origens.....14

Carta: ‘O Namoro na Década de 40’.....22

Guido e a ESALQ – por ele mesmo24

Uma Entrevista34

Guidianas41

CAPÍTULO II

Guido Ranzani:

O Convívio Homem-Natureza/1976.....47

O “Estado de Emergência”/199951

As Queimadas/2001.....52

Se perguntássemos a alguém/200459

Nos Anais do Senado61

‘Curriculum Vitae’64

O Cientista I- por José Luiz I. Dematte89

O Cientista II- pelo Projeto Memória - ESALQ Notícias.....93

O Cientista III- por Adolpho Queiroz.....95

CAPÍTULO III

Piracicaba e a ESALQ105

CAPÍTULO IV

Depoimentos:

Amigos e ex-alunos115

Godofredo Ranzani e filhos123

Magá Maurano e filhos129

Macau Ranzani e filhos.....139

Adriano Ranzani e filhos156

Árvore da família Giselda/Guido Ranzani162

CAPÍTULO V

2010/2011 – O Adeus.....164

APRESENTAÇÃO

“ONORE E GIOIA”

Valdiza Maria Capranico

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

Os imigrantes italianos e seus descendentes têm sido um capítulo à parte na reconstrução da História da cidade, para a qual o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba tem colaborado intensamente ao longo desses seus 52 anos de atividades. Por isso, minha honra e alegria em apresentar-lhes mais uma contribuição do nosso Instituto à cultura e história locais.

Honra, por que? Porque o fundador do nosso Instituto, o prof. Edmar José Kiehl, foi um dos contemporâneos do nosso biografado, Dr. Guido Ranzani. E além de discípulo, foi seu orientando no mestrado e doutorado no Departamento de Solos da ESALQ. Mestre e discípulo, não necessariamente nessa ordem. Amigos, sobretudo.

Alegria por ver, mais uma vez, um trabalho de dois associados nossos, o advogado Pedro Vicente Ometto Maurano e o prof. Adolpho Queiroz, que retrata o alegre jeito de viver do biografado, e a equipe que com eles colaborou para que este livro fosse publicado, justamente quando estamos concluindo mais um período de gestão no nosso IHGP.

Alegria, igualmente, por ver nascer importante biografia de um dos mais destacados pesquisadores que passou pela ESALQ. Guido Ranzani começou seus estudos no final dos anos 30, trabalhou por 58 anos, construiu uma reputação sólida como um dos desbravadores das pesquisas sobre solos no Brasil e América Latina. Escreveu inúmeros livros – um deles com o selo do nosso IHGP, fazendo o primeiro inventário de solos da nossa cidade. E depois deste, recebeu ainda a nossa mais alta condecoração, a “Medalha Prudente de Moraes”, aos piracicabanos nativos, ou que por aqui construíram suas carreiras profissionais e contribuíram decisivamente para o enriquecimento cultural da nossa cidade.

A pesquisa foi feita tendo como base a própria ESALQ, seu diretor, museu, protocolo, biblioteca e amigos que com ele conviveram

naquele período e estendeu-se também aos olhares generosos dos filhos, netos e bisnetos, que com ele percorreram boa parte dos seus 96 anos de vida. Uma vida de trabalho intenso, como professor, pesquisador, difusor do conhecimento científico pelos vários países onde atuou como conferencista, espalhando suas ideias sobre configuração dos solos brasileiros e estrangeiros.

Seu caráter peculiar e personalidade dos “oriundi” o transformaram num pai e esposo exemplar, num professor catedrático dos mais respeitados na sua instituição e depois dela. Percorreu, após a aposentadoria, outros caminhos como a Amazônia no INPA; a Embrapa em Brasília e como professor da Unitins em Palmas/TO.

Esta biografia é mais um importante esforço para sistematizar um pouco da vida e da trajetória de um piracicabano emérito que, embora nascido em Serra Azul, viveu e colaborou intensamente para com os êxitos da “Luiz de Queiroz” no campo científico.

Minha gratidão também a todos os amigos, filhos, netos e bisnetos, que colaboraram com seus depoimentos e emoções, para que o livro mostrasse o pesquisador inquieto, o professor amigo e o pai que sempre buscou o conforto e principalmente a alegria de todos.

Convido-os a percorrerem as próximas páginas, com um relato importante e competente feito sobre o Dr. Guido Ranzani.

PREFÁCIO

MÚLTIPLOS GUIDOS

Durval Dourado Neto

Diretor da ESALQ - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

Há uma foto na parede do Departamento de Solos, outra na galeria dos formandos da nossa Instituição. Registros na nossa Biblioteca e no Museu. Registros impressos e digitais e histórias de vida contadas pelos egressos, que conviveram por décadas com um dos nossos pioneiros no estudo dos solos de Piracicaba, do Brasil e de vários outros países. Com seu ensinamento e aprendizado, com sua didática peculiar, ele foi iluminando, conforme avançavam as suas pesquisas, um território, até então privilégio dos geólogos.

O solo é um componente fundamental do ecossistema terrestre, com propriedades essenciais para o plantio e proteção da qualidade da água e do ar. Como recurso natural dinâmico, responde à interferência humana e o estudo científico de suas funções traz benefícios primordiais para a vida do homem.

Portanto, ao conhecer como poucos os solos, o Professor Guido Ranzani nos ensinou a respeitar a mãe-terra e a cuidar de um ecossistema responsável por alimentar a humanidade de energia e esperança.

Mas o velho Guido também era cultura. Antes de cada chamada dos seus alunos em sala de aula – como se verá mais adiante – perguntava os nomes e origens de cada um e descrevia os solos das cidades de origem usando apenas o tato.

No esporte, seu apelido de “Arado” mostrava o “*back*” (como se chamava o zagueiro da época), como um guerreiro que ninguém ousava passar, nem mesmo os antigos craques do XV de Piracicaba que, nos jogos contra o nosso “A” Encarnado, raramente ultrapassavam o nosso gigante, valente e brincalhão.

Do ponto de vista científico, teve uma produção admirável e reconhecida, publicada no Brasil e no Mundo. Com seu jeito intrépido, nos legou o Departamento de Solos (um prédio onde ensino, pesquisa e extensão ainda hoje apresentam grande produtividade científica), como

se saltasse de um sonho – antes, eles lecionavam nas casinhas que existiam em frente ao antigo restaurante e depois ganharam casa própria, laboratórios e vida nova, graças (em especial) ao grande empreendedor que foi Guido Ranzani.

É importantíssimo para uma instituição como a ESALQ/USP ver reconhecido e perpetuado, em forma de livro, um pouco do trabalho do valeroso professor catedrático que foi Guido Ranzani.

Que sua memória seja saudada e perpetuada às novas gerações, para que elas conheçam melhor ‘quando’ e ‘como’ tudo isso começou.

DAÍ, NUMA MESA...

DO BAR MARAVILHOSO

“Era preciso relembrar e cavoucar a memória de todos”.

Adolpho Queiroz

Foi numa tarde no Bar Maravilhoso, coincidentemente na rua “Luiz de Queiroz” de Piracicaba, um dos mais aprazíveis e de bom chope de nossa cidade, que entre uma conversa e outra colocou-se na roda de discussão uma homenagem mais substancial ao pai, sogro e avô, Guido Ranzani, dentre os que ali estavam.

O neto Gustavo Herrmann, jovem presidente da Câmara de Vereadores, havia recém ofertado ao avô, por conta das comemorações dos 100 (cem) anos da ESALQ, uma sessão comemorativa em homenagem à efeméride. E questionou aos demais presentes: *“O vô merecia mais... quem sabe um Instituto de Pesquisa com seu nome aqui na cidade.”*

Merecia sim!

Mas, se o Instituto não saiu do espírito dos convivas do bar, a ideia ficou martelando a cabeça do genro (Pedro Maurano) e do filho (Godofredo Ranzani), que ora ou outra cobravam-se: *“E o velho Guido?”* Como se em busca de uma resposta sobre o que fazer, para não deixar a ideia ir para o fundo das gavetas da memória.

Até que, sem mesa de bar, mas na mesa de trabalho do escritório de Pedro, numa conversa com este autor – que foi assessor de João Herrmann Neto em Brasília, então casado com a Macau (filha de Guido Ranzani) e pais do Gustavo, como amigo da família e jornalista habituado a escrever livros, veio a pergunta fatal: *“Você topa?”*

Do desafio aceito, veio o planejamento do trabalho. Era preciso relembrar os amigos, dar fala aos netos e bisnetos, falar com o pessoal da direção da ESALQ e cavoucar a memória de todos para que, em formato de livro, fossem conhecidos não só o Guido Ranzani, professor e pesquisador, referência brasileira em estudos de solos, mas também (e com muita saudade) o Guido esposo, pai, genro, sogro, avô, contador de histórias, piadista, torcedor do Santos, eleitor do Mário Covas, piloto de

avião, zagueiro central do “A” Encarnado... Enfim, do Guido que adorava bichos e plantas e que sabia ouvir a “música” dos solos, para afirmar, sem medo de errar: *“Isso é som de piçarra.”*

Durante seis meses fizemos os contatos, fomos aglutinando as pessoas e suas histórias e o livro foi tomando formato. Veio o primeiro boneco, já com a pré-capa aprovada por todos e feita pela Macau Ranzani (que cuidou também do *design* de cada uma das páginas) e as companhias sempre cobradoras da Magá Maurano e da Bete Bortolin, que conduziram este coordenador do projeto nos dias e horários das entrevistas, nas revisões parciais do livro e nos prazos. Em suma, o Dr. Guido virou nosso personagem preferido nesses dias.

Que um pouco de sua vida e o que conseguimos recuperar neste livro de seus 58 anos de trabalhos profissionais, seja o gesto de reconhecimento de sua família, amigos e discípulos, por tudo aquilo que Guido Ranzani proporcionou a todos em vida, esbanjando carinho e competência profissional.

Fica aqui nosso convite para sua leitura. Esperamos que gostem.

*“Mamãe é a rosa que papai colheu
Eu sou o botão que a rosa deu”.*

Com cerca de 8 anos e muito tímido diante de uma plateia na escola, Guido costumava contar com alegria e ‘ar’ de menino bobo que, certa vez, viu-se obrigado a recitar, mas a única poesia de que se lembrava era essa. E foi assim que, dizia, parado como estaca e alternando braços e mãos esticados, um por vez, na cadência da estrofe... o menino Guido recitou, debaixo de risos dos colegas.



Esta foto é a única existente de Guido quando criança, da época em que frequentou o Colégio Champagnat, fundado pelos Irmãos Maristas em Franca – fase adolescente em que começou a ficar ‘terrível’, nas palavras do padre Diretor – Irmão João Francisco.

Chamado pela Diretoria do Colégio, o pai Francesco Elia recebeu a notícia de que Guido, apesar de ser um menino estudioso, não poderia mais frequentar a escola por causa de suas travessuras e desobediência... e estava sendo expulso.

Com a braveza característica de todo bom italiano, o pai vociferou em alto e bom som para os presentes:

“Meu filho era um ótimo menino antes de chegar ao Colégio. Se ele está arteiro agora, é porque vocês o deixaram assim!!!” – Deu meia-volta e foi-se embora, deixando o menino lá.

Guido Ranzani nasceu em Serra Azul, interior do estado de SP, no dia 5 de fevereiro de 1915. Quinto filho de Francesco Elia Ranzani (imigrante italiano provindo da cidade de Ochiobello, na Província de Rovigo/IT e casado no Brasil com Elizabetha Bernardi, também

descendente de italianos), teve uma infância tumultuada pela perda da mãe em decorrência de problemas no parto, pelos poucos recursos médico-hospitalares da época.

Suas irmãs mais velhas, Leonor, Antonia e Maria (na foto), e



também o irmão José, foram os que o criaram, ao lado do pai e da ‘Nona’, Maria Destéfane (avó paterna).

Do pai, antigo ferreiro e mais conhecido como Elia (como foi chamado por um Capitão do Exército Italiano), Guido herdaria o gosto pela terra a partir de

sua Serraria, que era abastecida pela Fazenda Amália da região, e que foi responsável pela cessão de boa parte da madeira que auxiliou na construção das primeiras casas que povoaram a cidade naqueles dias.

Desde 1963 o município de Serra Azul possui um bairro chamado Vila Ranzani, no entorno onde existiu a velha Serraria, por iniciativa dos herdeiros do velho Elia.

Mas, Guido ainda era menino quando a família mudou-se para Santa Rosa de Viterbo, pois seu pai queria ficar mais próximo à sede da Fazenda Amália, do então empresário Henrique Santos Dumont (filho de Henrique Dumont – o ‘Rei do Café’ com sua esposa Amália, tendo por irmão ninguém menos do que Alberto Santos Dumont – o ‘Pai da Aviação’). Henrique Santos Dumont foi o responsável por trazer os imigrantes italianos para trabalhar na Fazenda (atitude já tomada por seu pai, que agenciava o alemão Francisco Schmidt para recrutar trabalhadores na Itália) e construiu uma usina hidrelétrica no Rio Pardo, para dispor de energia elétrica em sua propriedade.



Em 1930, o conde Francisco Matarazzo Jr. veio a assumir o comando da Fazenda Amália, mudando todo o contexto sócio-político-econômico local.

Da direita para a esquerda: Henrique Santos Dumont, sua esposa Amália e Alberto Santos Dumont ao centro.



Contando com a Ferrovia Mogiana, que saía de Campinas para Franca, com linha tronco até São Simão, o comércio na cidade tomou impulso com aglomeração de casas e estabelecimentos comerciais. A Fazenda Amália também crescia com a pecuária e uma usina de açúcar, a ponto de construir sua ferrovia particular para servir de entroncamento com a Mogiana, inaugurando assim a Estação Glória (depois Santos Dumont) para dar escoamento à sua produção de queijos, compotas, açúcar e aguardente. Depois disso, a Mogiana veio a comprar esse ramal particular, abrindo a ferrovia ao transporte público e construindo duas novas estações: a Estação Santa Rosa e a Estação Nhumirim.

Dessa forma, a Vila Santa Rosa tornou-se a cidade de Santa Rosa do Viterbo. Mas há que se registrar, aqui, um fato interessante: com a chegada dos imigrantes italianos que deram impulso ao desenvolvimento local, foi construída uma igreja, concebida em homenagem à Nossa Senhora. A imagem foi adquirida de um mascate que visitara o povoado, pela senhora Francisca de Paula Espírito Santo – mais conhecida como “Sá” Chica, que tinha uma pousada no caminho entre as fazendas próximas ao Rio Pardo e São Simão, conhecida como “Pouso de Sá Chica”; o pouso ficou muito famoso por causa dos terços em louvor a

Nossa Senhora que Sá Chica realizava em sua casa e que atraía fazendeiros e sitiantes de toda a região. Porém, depois de adquirida, e tendo levado a imagem para ser benzida pelo padre de Cajurú, este revelou que Sá Chica tinha sido enganada pelo mascate, pois a imagem se tratava da italiana “Santa Rosa de Viterbo” e não de Nossa Senhora! Os devotos ficaram chocados, mas o padre apressou-se em exaltar os ânimos, contando a história de vida e os milagres da santa. Os fiéis foram convencidos e aceitaram a nova padroeira. Mais tarde, a própria Sá Chica fez uma promessa e alcançou uma graça atribuída à Santa Rosa.

Guido jovem



Assim, a nova padroeira foi definitivamente aceita, o bispo diocesano Dom Alberto José Gonçalves criou a Paróquia de Santa Rosa de Viterbo e a cidade, que não possuía padre fixo, teve seu primeiro pároco, o Pe. Gastão de Moraes, que era aliado aos esforços do gerente da Fazenda Amália – o Dr. Guido Maestrello. NOTA: Na Itália, Viterbo era a mais forte cidade dos Estados Pontifícios no caminho de Roma, no

século XIII, e guarda até hoje o corpo do Papa Adriano, considerado o primeiro Papa, após o Apóstolo Pedro. Nela também se deu o nascimento e morte de Rosa – a menina missionária que se tornou ‘Santa’ por sua luta contra o Imperador tirano, com seu exílio pela expulsão da cidade e retorno triunfante, graças a seus inúmeros milagres.

E foi assim que, pela facilidade de locomoção através das ferrovias e por não haver escola além da alfabetização em Santa Rosa, Guido foi estudar no internato marista em Franca e logo após, noutro, em Campinas, para concluir o secundário. Depois, Guido seguiu para São Paulo, no intuito de ingressar na Politécnica. Dava aulas de Matemática aos amigos, pois era muito bom na matéria. Porém, no

exame oral, frente à banca examinadora da Escola, enrolou-se com a pergunta sorteada:

“O que é número”? Envergonhado, não soube responder e retirou-se da sala.

Guido resolveu, então, estudar Agronomia em Piracicaba, achou oportuno ingressar no Curso Universitário para prestar o vestibular e conseguiu entrar para a Universidade. Esta foto mostra o ‘trote’ que recebeu, quando ingressou na ESALQ - ele é o 2º atrás, com corte moicano e braços abertos.



Nos últimos anos de ESALQ, Guido veio a conhecer Giselda, uma “ragazza molto bella” de São Paulo, por quem se apaixonou. Além de exímia pianista, Giselda era biblioteconomista formada.

Ao perder o pai em São Vicente, no litoral paulista - o português Godofredo Barbosa, casado com Adalgiza Cândia Barbosa - Giselda veio morar em Piracicaba a trabalho, como bibliotecária chefe da Escola Estadual Sud Mennucci, no Bairro Alto da cidade. Assim, o namoro

surgiu ao se encontrarem num baile, não sem antes desfrutarem de muitas voltas e flertes no famoso “footing” da praça central José Bonifácio.

Quando Guido se formou, e tendo sido chamado pelo “Dr. Mellinho” (então diretor da ESALQ), para ser professor da Cadeira de Solos, os dois se casaram.



Mas o amor que os uniu em 1943 não permitia a mulher alguma, que se dignasse “recatada e do lar”, trabalhar fora de casa, muito menos ao marido, ganhar um salário menor do que o de sua esposa!

Devido a essa realidade da época, Guido, o caipira interiorano que costumava amarrar as calças com gravata, não teve dúvida: exigiu



que Giselda pedisse demissão do emprego e prometeu sustentá-la pelo resto de sua vida, para que pudessem constituir uma família. E ela aceitou.

Assim, em 29 de dezembro de 1944, às 16 horas na Matriz de São Vicente, Guido Ranzani casou-se com Giselda Candia Barbosa e foram passar a lua de mel em Águas de Lindoia.

Com ela teve quatro filhos (ou quase cinco): o primeiro, Godofredo (Dinho), depois, Maria da Graça (Magá), Maria Cláudia (Macau), Adriano (Dri) e Ricardo, que veio a falecer com apenas oito dias de idade. Todos os filhos se casaram e a família cresceu muito para satisfação do pai, que viu crescerem os 12 netos e chegou a conhecer os primeiros 10, dos 13 atuais bisnetos.

**Na foto ao lado,
Giselda está com
Godofredo e
Magá, ainda bebê.**



**Abaixo, os quatro
filhos em 1960:
Magá, Macau, Dinho
e Dri, nos EUA.**



Outro traço da personalidade de Guido foi ter sido e permanecido um apaixonado por carros e, apesar dos protestos constantes da esposa Giselda, sempre comprava um novo, ou trocava por um modelo mais recente.

Uma de suas últimas paixões foi um Opala Diplomata preto, que os filhos e netos mais jovens brincavam ser carro de “mafioso”. Guido ria e se aprumava no volante, posando todo garboso com seus óculos escuros, como se fosse tirar uma foto, adorando a farra de ser comparado a um “Dom Corleone”!

Outra de suas paixões – que ele mesmo montou todo original nas horas vagas, fins de semana e feriados, na garagem da casa da ESALQ, com seu amigo e motorista do Centro de Estudos de Solos Zé Poteiro – foi o Ford 29, que ele chamava de “Fordinho”, e se orgulhava de sua buzina de corneta: “AHUUUUU”.....



Esta nostálgica carta do Dr. Guido Ranzani para o filho Adriano, nos foi entregue por sua neta Rafaela, para quem o avô havia escrito no intuito de ajudá-la numa pesquisa que precisou fazer (em 2001) sobre os anos 40!

O NAMORO DE JOVENS NA DÉCADA DE 40.

Estamos relatando fatos e situações vividos nos anos 1940-1950, em uma cidade do interior paulista, encravada em área da cultura caçavieira.

Cidade relativamente pequena, em que todos se conheciam e os acontecimentos, de rasos que eram, pronta atenção eram dada.

As Contarías, os comentários de qualquer sucedido, se alteravam na razão direta do número de pessoas que os transmitiam de esquina em esquina; e simples acontecimentos se transformavam em verdadeiras novelas, ao sabor dos sucessivos interlocutores, principalmente das Comadres vizinhas.

E assim, à falta de novidades mais importantes, a vida do dia a dia se enchia de tédio para os jovens que, além do esporte e do estudo, não contavam com muitos entretenimentos ou oportunidade de lazer, a não ser um cinema ou quadrar na praça da Catedral no sentido Contrário às moças.

O namoro na época era apenas o olho no olho além de conversas sérias e intermináveis, de vez em quando admitindo uma referência direta à interlocutora ou interlocutor.

Uma das formas de demonstração de apreço e consideração era a realização de serenatas no calar de noites às vezes muito frias, ou maquiadas com neblina.

Lógico e evidente que, em consequência do Fim de Moradia — a vida em república de estudantes e por força das atividades escolares e de estudos — épocas de arquiets e exames, exigidos por professores carrancudos e dispostos a esfolar os que não trouberam a lição e ainda, por força de uma necessidade superior de distração, o calante era sempre um violão, um cavá-quinho, um gaudeiro e um cantor puxando a fila.

Assim, e principalmente quando da visita de um colega chegado à música, estava formado o "Chorinho", rolando música e cantoria da época noite adentro, até que alguém lembrasse da serenata.



Aos sábados à tardinha, invariavelmente nos visitava um verdadeiro Caruzo, o "Paulistinha", que procurava interpretar os maiores cantores da época: Silvio Caldas, Vicente Celestino, Carlos Galhardo, Francisco Alves, Zequinha de Abreu, Valdeci Soriano e por aí fora.

As músicas mais tocadas pelo "Chorinho" eram: Brauca, Fascinação, Renúncia, Maria Helena, Nancy, Marina, não faltando Piracicaba que eu adorava tanto.

O percurso feito a pé obedecendo a um programa dependente dos participantes, tocávamos mais músicas nas casas das mamoadas de amigos. Estes últimos, acordados pela seresta, nos recebiam com café e às vezes bolos. Não raro, quando afeiçoados a algum instrumento, tocavam de rompa e nos acompanhavam pelo restante da noite.

Quas talvez às serestas, ao meu violão ou ainda talvez, da minha "conversa", consegui impressionar minha "cara onetadi", que a todo custo procurava resistir aos encantos do "galã" Santa-Rosence. E o que se iniciou apenas como uma amizade mais próxima, se transformou em uma forma de vida "a dois", das mais extraordinárias, apoiada no amor, respeito e compreensão recíprocos.

Foi e eu. Conseqüência, vieram nossos filhos, edições melhoradas do que fomos e somos e vieram também seus filhos nossos netos que muito nos orgulham, além dos bisnetos: somos uma grande família, grande em dimensão e qualidade, o que é muito, muito importante.

Em foi o resultado do namoro de dois jovens em 1940.

Eppeu daiz

GUIDO E A ESALQ

POR ELE MESMO

Carta-resposta à ADAE

Associação dos Docentes Aposentados da ESALQ

Nesta carta, Dr. Guido comenta sua origem e sua trajetória na ESALQ:



“Meu pai Francesco Elia Ranzani, de origem italiana, veio para o Brasil com 17 anos, voltando aos 19 para prestar o serviço militar na Cavalaria Italiana, onde aprendeu a correção do aprumo de animais puro sangue, com auxílio de

ferraduras especiais. Voltando ao Brasil, casou-se em Serra Azul. Foi carroceiro na Fazenda Palmira, produtora de café na região de Ribeirão Preto, de onde saiu para se instalar em pequena Ferraria em Serra Azul, tendo como ajudante minha mãe. Em 1915, com a morte de minha mãe, mudamos para Serrana, próxima a Ribeirão Preto, onde meu pai comprou uma Serraria. Após 6 anos, nos mudamos para Santa Rosa de Viterbo, situada no ramal de Cajurú da Estrada de Ferro Mogiana. A Serraria foi transferida para uma fazenda com pastagens e matas, às margens do rio Pardo, próxima da estação de Corredeira. Em Santa Rosa, completei meu primário, realizando os primeiros anos do curso ginasial no Ginásio Champagnat de Franca, onde me encontrava em 1932, época da Revolução Constitucionalista, da qual não participei. Completei o ginásio no Instituto Cesário Mota, em Campinas, em 1934. Talvez, o que tenha influenciado para a escolha de Agronomia, seja o fato de passar minhas férias escolares na fazenda, envolvido com os afazeres rurais.

Em 1936/37, fiz o Colégio Universitário da ESALQ. Uma das grandes experiências foi o fato de morar em uma República, a Rio Negro, na rua Voluntários de Piracicaba, onde as alegrias e tristezas eram repartidas, num convívio reciprocamente benéfico de tolerância e

amizade, além de um grande entusiasmo por tudo que representasse nossa Escola. Um fato que gostaria de mencionar refere-se a um convite feito pelo Professor Torres, de amansar um cavalo chamado Anil, um reprodutor redomão recém-importado de Colina/SP. O professor Torres me afirmou que montaria com um selim, pois segundo ele, passando ‘parquetina’ nas botas e na aba do selim, não haveria possibilidade de cair. Eu preferi um arreio bastos, encontrado pelo Aranha (cuidador dos animais na Zootecnia), num quartinho da leiteria. No dia marcado para domar o bicho, na presença dos colegas de turma, pudemos assistir, pesarosos, a queda do Professor Torres, felizmente sem nenhuma gravidade. Trocando os arreios, montei com o coração na mão, tendo a felicidade de aguentar os primeiros pulos e, em virtude de abrirem a porteira do curral, fui parar num terreno de experimentação de mandioca do Professor Carlos Mendes. Nesse terreno fofo, o animal desistiu de pular e assim, mais obediente aos comandos, passei a desfrutar duma bela montaria por muito tempo.

Na República, companhias como a de Gérson Mercadante, Alaor Menegário, Augusto Livramento Prado, Noel Sampaio, Ney Cuiabano, Caio Paes de Barros, além das permanentes visitas de Miguel Bechara, Marcílio Dias, Mário Borgonovi, dos piracicabanos Dovílio Ometto, Celso Silveira Mello, Leônidas Ferreira e outros, representaram para mim um estreitamento de relações entre colegas muito significativo. Incrível, como brincadeiras do tipo “papelzinho espetado na cama” com uma seta, um ponto de interrogação e os dizeres: “Siga a flecha para encontrar o que procura”, nos mantinha durante dias seguindo a flechinha para encontrar o aparelho de barba, o par de botinas de futebol, etc. – um verdadeiro jogo de treinar os limites da paciência de cada um. O Mercadante, cujo apelido era ‘Boi’, sempre ficava furioso, principalmente com o Agostinho, que tinha mania de terminar a brincadeira no telhado da casa, cujo difícil acesso era uma amarração de tijolo-à-vista da própria parede externa. Assim, entre galinhadas sempre ‘emprestadas’ de vizinhos distantes, estudos, arguições, práticas dos mais variados esportes, conquistas e decepções, além de serestas para as respectivas namoradas, levávamos uma vida de sadio coleguismo, que evidentemente deixou muitas e agradáveis lembranças.

Dos professores dessa época, só convivi e tive relações com o Dr. Arquimedes Dutra, de cuja tese de doutorado “A Contribuição de Piracicaba na Arte Nacional” recebi um exemplar por ele autografado. O professor Arquimedes deixou muitas saudades a seus alunos, pela atenciosa acolhida que dispensava aos que a ele se chegavam e pelos magníficos dotes de artista de que era possuidor. Na sua tese, muito apreciada pelos seus examinadores, deixou sua marca de grande caráter e humilde grandeza.

A colação de grau ocorreu quatro meses após conclusão do Curso de Agronomia, em virtude da realização de viagem de estudos feita pelos formandos aos Estados Unidos, acompanhados de alguns professores



como: Mello Moraes, Érico da Rocha Nobre e José Benedito de Camargo. Essa viagem foi conseguida graças à ajuda do Dr. Dante Miraglia, secretário do Presidente Vargas, o qual nos recebeu no Palácio Catete (a mim e ao Miguel Bechara), prometendo interceder junto ao Presidente da República para a realização da viagem, que já contava com uma manifestação do vice-Presidente dos EUA Henry Wallace, de que nos receberia como hóspedes a partir de águas territoriais norte-americanas.”

Na foto, Guido é o segundo em pé, da esquerda para a direita.

“Os quatro anos após minha formatura foram assim vivenciados:

O governador Manoel Ribas solicitou ao prof. Mello Moraes a indicação de um engenheiro agrônomo para trabalhar na Escola de Trabalhadores Rurais de Castro/Paraná. Aceitei essa indicação, ficando na ETR “Carlos Cavalcante” um ano, onde, com a ajuda do médico veterinário Barros, procurei organizar a Fazenda Matilde, sede da ETR, que naquela época encontrava-se desorganizada:

animais de puro-sangue registrados em locais ignorados; porcos da raça durock-gersey alongados no banhado; 68 alunos em situação precária, mantidos sob regime militar de caserna. Conseguimos organizar a fazenda graças à ajuda do batalhão sediado em Castro, que nos auxiliou na recuperação dos animais registrados de cada fazenda em que se encontravam. Quanto aos alunos, formamos diversas equipes de futebol, programando competições cujos vencedores desfrutavam de saída para cinema e passeios. A administração só falava com os chefes de equipe, através dos quais eram divulgados os afazeres e obrigações de cada um. A ideia de formação de equipes teve um grande resultado, que se traduziu na ausência quase completa de problemas e num convívio muito sadio entre funcionários e alunos.

Depois de um ano, a ETR se transformou completamente e, nessa época, ocorreu um novo convite para organizar a Estação Experimental de Vitivinicultura em Campo Comprido, próximo a Curitiba, onde apenas comecei a organizar a biblioteca com publicações a mim enviadas pelo prof. Mello Moraes. Em seis meses, vagou a ETR padrão do Paraná, situada no bairro Bacacheri em Curitiba, para a chefia da qual fui indicado. A ETR funcionava no prédio da Escola de Agronomia e Veterinária do Paraná (EAVP), existindo também em sua área o Instituto de Biologia e Pesquisas Científicas (IBPC), dirigido pelo Dr. Marcos Augusto Henriette, filho adotivo do governador Ribas.

Nesta ETR encontrei os mesmos problemas que os assinalados em Castro e não tive dúvidas em aplicar o mesmo tratamento: eliminação de uma cadeia existente no porão do prédio, transformando-a num restaurante para alunos, formação de times de futebol e contatos apenas com os chefes de equipes. Felizmente obtive os mesmos resultados de ordem e respeito entre alunos e funcionários. Quando propus a verificação de utilização de 'próprio' do Estado, foi constatada a presença de diversos animais alheios, ocupando as instalações juntamente com os registrados na instituição. Nossos frequentes pedidos enviados aos interessados, donos dos animais, não foram sequer respondidos. O resultado mais espetacular correu por conta dos alunos que, com meu consentimento, soltaram os animais na

avenida Bacacheri, rumo ao centro de Curitiba. Alguns dias depois, recebi um telefonema do Dr. Marcos Augusto dando-me os parabéns, pois o Diário Oficial do Estado trazia minha ‘demissão do serviço público do Paraná’.



Nesse mesmo dia, o Dr. Marcos me convidou para dirigir o Departamento de Botânica do IBPC, oferecendo-me uma apresentação ao Instituto de Botânica de São Paulo e um ano de estágio com o prof. Dr. Hoene no IB, cuja sede era na av. Paulista. Agradecendo, não aceitei o convite, voltando para São Paulo, onde me reuni ao grupo do recém-criado Serviço de Combate à Erosão, Irrigação e Drenagem, da Secretaria da Agricultura, dirigido pelo eng. agrôn. Laerte Ramos Moura. Coube-me a área da alta Sorocabana, de São Paulo a Porto Epitácio, onde deveria desenvolver programas de conservação em solos utilizados com lavouras. O programa consistia em fazer o trabalho de demarcação, construção de curvas de nível, de terraços ou de banquetas, empregando a tração animal e a plaina em “V”. Uma vez pronto o serviço em cada fazenda, fazia-se uma reunião dos agricultores da região, para divulgação dos trabalhos. Consegui fazer uma dessas reuniões com grande participação de interessados e da imprensa. Em pouco mais de oito meses de serviço, fui atingido por tifo, paratifo e pleurisia. Internado na Santa Casa de Paraguaçu, fui removido por meu irmão José para sua casa em Duartina, onde me

recuperei das doenças sem, contudo, ter condições de continuar meu trabalho na SCEID. Retornei a Piracicaba, aceitando convite do prof. Mello Moraes para ser assistente da 2ª Cadeira de Química Agrícola em 25/06/1944.

A respeito da defasagem de cinco anos (de 1952 a 1957), entre a impressão de minha tese e a realização do concurso, tenho a dizer o seguinte: a tese de Cátedra havia sido elaborada com o propósito de conquistar o doutoramento em Química Agrícola, cuja inscrição deveria ser feita em 52. Com a aposentadoria do prof. Sílvio Tricânico e atendendo à pressão dos alunos do curso de Química Agrícola e de colegas da ESALQ, troquei a tese e me inscrevi no “Concurso da 13ª Cadeira de Agricultura Geral”. No entanto, a realização desse concurso (no qual fui o primeiro candidato inscrito), foi protelada de 1952 até 57, não sabendo dizer por que razões ou motivos. Apenas tomei conhecimento da sua realização após inscrição do segundo candidato, eng. agrôn. Cyro Marcondes Cesar.

No intervalo 1952-57 aproveitei para fazer a tese ‘Levantamento da Carta de Solos da Seção Técnica de Química Agrícola’ (36pgs.), defendida com aprovação em janeiro de 1956, fazendo jus ao título de Livre-Docente em Agricultura Geral. O prof. Walter Radamés Accorsi não foi membro de minha comissão examinadora, a qual foi assim constituída: prof. Edgard do Amaral Graner e prof. Phelipe Westin Cabral de Vasconcelos (como membros da ESALQ), profs. José Emílio Gonçalves de Araújo e Ady Raul da Silva (Instituto Agrônômico do Sul/Pelotas), e prof. Sandoval Ribeiro Ribas (da Escola de Agronomia do Paraná/Curitiba).

O prof. José de Mello Moraes foi realmente muito presente em minha vida acadêmica e profissional, como chefe, diretor da ESALQ e grande amigo. Foi ele quem sugeriu um dos meus primeiros trabalhos de pesquisa: a Simplificação do Método de GUTZEIT, de determinação do arsênico. Consegui não apenas rapidez com a determinação colorimétrica como a elaboração do equipamento necessário no laboratório. Como professor, teve grande influência sobre meu interesse pela ciência coloidal e, como Diretor da ESALQ, foi ele quem consolidou o patrimônio da Escola. Um reconhecimento da ESALQ pelos grandes serviços prestados por Mello Moraes como professor e

diretor, está consagrado na placa dando seu nome ao Pavilhão de Química Agrícola.

A estrutura da 2ª cadeira de Química Agrícola em 1944 estava completamente reformulada, com o ensino e pesquisa centrados em adubos e adubações. Mas não conheci o prof. Theodureto de Camargo na ESALQ; vim a conhecê-lo como diretor do IAN (Instituto Agrônomo do Norte), em Belém/Pará, por ocasião de nossa viagem para participar do Projeto Radam-Brasil, no Igarapé Preto em Rondônia. A ele ficamos devendo a gentileza de nos hospedar no hotel Açai do IAN.

Em Igarapé Preto/RO, integramos a equipe de campo do Projeto Radam-Brasil para substituir o agrônomo encarregado da parte de solos do projeto. Este fora atingido por uma friagem e se



encontrava de licença para tratamento. O trabalho era feito com o apoio de fotos aéreas; uma vez elaborado e aprovado o programa, o trabalho se iniciava de manhã pelo transporte da equipe (um pedólogo, um botânico e dois mateiros). A descida do

helicóptero se fazia por meio de 'rapel' nos pontos escolhidos e o trabalho era conduzido por observações de solos, relevo e vegetação, além de coleta de amostras e materiais, numa área correspondente a 1 ha (10x1.000m). Para a volta, preparava-se um local livre de árvores para pouso do helicóptero, sendo o resgate feito à tarde. No acampamento procedia-se ao exame morfológico das amostras de terra colhidas e acondicionamento destas, além das exsiccatas das plantas para o herbário. Do Igarapé Preto seguimos para Vilhena, onde permanecemos todo o mês de julho. Em seguida, encerramos nossa colaboração ao projeto voltando para Belém, de onde, pelo litoral, voltamos para Piracicaba.

Álvaro Segra era na época o que representa hoje, para os pesquisadores, os recursos oferecidos pela informática. Sempre com muita disposição, não só aceitava atender os pedidos feitos, como argumentava sobre a melhor maneira de realizá-los, não raro traduzindo em traços ou cores uma ideia precisa das mensagens pretendidas com a elaboração dos desenhos ou figuras. Foi um grande artista que tivemos o privilégio de contar, em nossos anos de ESALQ.

O eng. agron. Cyro Marcondes Cesar era assistente do prof. Sílvio Tricânico na 13ª Cadeira-Agricultura Geral. Como pessoa, vim a conhecê-lo melhor a partir do momento em que entrou em minha sala para colocar seu cargo à minha disposição. Nessa oportunidade, fiz a ele convite para se juntar a nós, na pretendida reformulação do programa da 13ª Cadeira, o que aceitou, juntando-se aos que se dispunham a ampliar os estudos e pesquisas de solos na ESALQ.

O Dr. Tufi Coury, substituiu o prof. Mello Moraes nas aulas técnicas de Química Agrícola, realizadas no auditório do Pavilhão de Química Prof. Mello Moraes. Além das aulas, destacou-se como incentivador de experimentação agrícola, tanto em casos de vegetação como de campo, pois dispúnhamos de um campo experimental da seção técnica de Química Agrícola situado no bairro Sertãozinho, próximo ao campo de aviação. Ali foram realizados os experimentos com sisal, milho, abacaxi e outros. Tufi Coury foi um grande amigo e figura humana de grande carisma, sempre atencioso e disposto a colaborar com empenho, na busca de soluções para os problemas que atingiam a 2ª Cadeira, quer administrativamente, quer de ensino ou pesquisa. Apresentou grande contribuição para o avanço da Química Agrícola na ESALQ através de inúmeros trabalhos de pesquisa realizados.

Não restam dúvidas de que a preocupação em participar de congressos e reuniões científicas foi importante para minha formação profissional. Por outro lado, não menos importante foi a viagem de estudos aos Estados Unidos, patrocinada pela 'Rockefeller Foundation' na Universidade de Cornell/NY. Nessa oportunidade, tive certeza da necessidade de alterar alguns pontos de nosso programa de ensino, em termos de atualização. A Rockefeller Foundation também me proporcionou viagem à Califórnia para conhecer o prof. Stout, autor

da Contaminação Mundial de Radônio nos Solos, depois de Hiroshima. Nesse trabalho eu havia participado, com a determinação em solos brasileiros.

Troquei a passagem aérea e fui de carro, acompanhado de minha família, em viagem bastante proveitosa para todos.



Os avanços tecnológicos na área de sensores de satélites suprem as informações que as fotos aéreas supriam, ou seja, uma primeira aproximação ao objetivo do levantamento de solos; contudo, a morfologia não é mostrada na fotografia ou na imagem de satélite e deve ser levantada com o apoio dos sentidos de que somos dotados, quando suficientemente treinados para tanto.

Não posso destacar apenas um, mas um grupo de colegas que esteve sempre presente nas realizações do Departamento e do Centro de Estudo de Solos. Assim, devo mencionar Octávio Freire, Toshiaqui Kinjo, José Luiz Ioriatti Dematte, Zilmar Ziller Marcos, Ernesto Pessotti, Geraldo Vitorino França, Edmar José Kiehl e os auxiliares Miguel Célio Hypólito, Vinicius de Moraes, Armando Porta, Valentim Bombo Filho, José Fernandes Gomes e Américo Tabay, aos quais devo gratidão pela dedicação e empenho dispensados à causa comum, representada pela abertura de projetos, na época tidos como de difícil

execução, dadas as dificuldades operacionais e condições ambientais nem sempre favoráveis apresentadas para os trabalhos de campo. Uma das primeiras atividades foi a escolha de uma equipe de campo que inicialmente foi comandada por José Rosatelli e em seguida por José E. Pessotti. Amparados por doações de equipamentos ao CES feitas pela Rockefeller Foundation e em projetos aprovados pelo CNPq, MINTER e Cia. Vale do Rio São Francisco (SUVALE e depois CODEVASF), a partir de 1969, demos início aos projetos de levantamento de solos para fins de irrigação, iniciados na área de Santana do Brejo/BA. Esses projetos consistiam no levantamento, classificação e mapeamento de solos a nível compatível com projetos de irrigação, segundo indicações do ‘U. S. Bureau of Soil Reclamation’. Esses levantamentos em número de 4 áreas, foram mantidos em cópias na biblioteca do CES, os quais, infelizmente, tiveram destino que desconheço. Possuo alguns exemplares que destinarei à biblioteca da ESALQ. Os trabalhos realizados de 1973 a 1977 em “Levantamento de Solos e Classificação de Terras para Irrigação” foram: Projeto Corrente-Divisão Correntina/BA, Projeto Corrente-Divisão Formoso/BA, Projeto Rio das Velhas e Divisão Jequitai/MG.

Todos os diretores da ESALQ no período de 1944 a 1977 fizeram boas administrações, alguns evidentemente com mais empenho do que outros, quer através de divulgações das realizações da Escola, quer através da realização de reuniões científicas e congressos, ou da ajuda proporcionada a essas atividades, bem como a prestação de serviços à comunidade. Para o Departamento de Solos e o CES, foram importantes e oportunas as colaborações de Ferdinando Galli, Eurípides Malavolta e Salim Simão.”

Piracicaba, setembro de 2005.

Guido Ranzani

UMA ENTREVISTA

João Humberto Nassif

TRIBUNA PIRACICABANA

“Cansa fazer cara de inteligente”

Guido mantém extremo bom humor e ao ser fotografado, muito bem-disposto, contagiou o ambiente dizendo isso: *“Cansa fazer cara de inteligente!”* (Risos).



Durante o bate papo, do alto dos seus 95 anos, manteve um diálogo alegre, esbanjando cultura e, de extremo bom senso, mantém-se muito bem atualizado através dos veículos de comunicação.

Sua filha Macau, que foi a primeira dama de Piracicaba, na gestão do marido entre 1977 e 1982, o ex-prefeito João Hermann Neto, já falecido, confia em voz alta que seu pai ainda gosta de comer uma rabada com polenta e uma taça de vinho, tradição italiana da qual ele não abre mão. Admiradora do pai, ela diz que ele era um terrível “pé-de-valsa”, a ponto de algumas vezes deixar a mãe com certa ponta de ciúmes injustificados. Na foto, Guido e Giselda num baile.

Guido Ranzani foi piloto nos tempos em que a coragem era o melhor combustível de um avião. Paraquedista, bom futebolista, atacante destemido, daqueles que jogam para decidir a partida. Seu apelido entre os jogadores era “Arado”, porque jogava como beque central, chegava sempre de carrinho e com força nas bolas divididas”, relata o ex-aluno Gil Câmara, que se lembrou dele por ter sido publicado no livro sobre os “40 Anos de Glórias da AAALQ”.



Assim como jogava com garra, também mergulhava nos livros. Estudioso, é o pioneiro na Classificação de Solos de diversas regiões do Brasil e de outros países, tendo elaborado Cartas de Solo, inclusive a de Piracicaba. Seu currículo é composto por trinta e uma páginas. Guido Ranzani é uma autoridade consagrada dentro e fora do Brasil, tornando-se uma figura de referência entre os estudiosos de solos.

O senhor é piracicabano?

Nasci em Serra Azul, no dia 5 de fevereiro de 1915, sou filho de Francisco Elias Ranzani e Elizabetha Bernardes Ranzani, sou o mais novo de cinco irmãos: Leonor, José, Antonia e Maria. Meu pai era ferreiro, sozinho ele ferrava os cavalos puro sangue inglês existentes na fazenda Serra Grande. Uma característica do puro sangue inglês é ter defeitos no andar, com a ferradura de pesos diferentes em suas patas corrige-se o passo do animal. A Fazenda Serra Grande era a maior fazenda das imediações, seu proprietário era J. Martins, um político de grande expressão naquela região. Comecei a estudar no Grupo Escolar de Serrana, minha primeira professora chamava-se Marina do Espírito Santo, ela gostava muito de mim. O secundário eu fiz em Campinas, no Instituto Cesário Motta, aos 11 anos de idade já era aluno interno, só ia para a minha casa no período de férias. Eu tocava na banda da escola, era corneteiro e, nas festas típicas, tocava violão.

Quando o senhor passou a morar em Campinas, como aluno interno, estranhou muito?

Mudou completamente! Saíamos aos sábados, tomávamos um sorvete, passeávamos um pouco no centro e voltávamos para o internato. No período de férias meu pai ia me buscar com seu carro, um Chevrolet preto.

Após concluir o ginásio o senhor estudou onde?

Fiz o Colégio Universitário, anexo à ESALQ, no período de 1936



a 1938. Prestei os exames e fiz o curso superior de Engenharia Agrônômica, no período de 1938 a 1941.

Quando o senhor entrou na ESALQ, o senhor veio morar onde?

Morei na República Rio Negro.

Após formar-se como agrônomo, o senhor foi trabalhar onde?

Fui convidado por Manoel Ribas, interventor do Estado do Paraná, para trabalhar no Norte do Paraná como diretor da Fazenda Matilde. Havia gado de diversas espécies, cavalos puro sangue inglês, duas éguas da raça Bretã Postier (a Quina e a Bala) quando eram colocadas no semi-trole formavam uma composição que mais parecia um brinquedo. Na Fazenda Matilde permaneci por três anos. Voltei à Piracicaba, ingressei na ESALQ como assistente do Prof. Mello Moraes, o Mellinho. Ele me jogou na fogueira, disse-me: “*Você vai tirar a livre docência logo, não vou esperar muito tempo não!*” Enterrei-me nos livros, fiz a livre docência e comecei a vida universitária, assumindo a cadeira de Solos, eu estudava pra valer.

Como o senhor conheceu sua esposa?



Foi em um baile da ESALQ, eu cheguei até a comentar com meus colegas: “*Vejam aquele narizinho em pé, é da paulistinha!*” Giselda Cândia Barbosa era natural de São Paulo. E não é que fui fisgado por ela? Casamos em São Vicente, para onde sua

família havia mudado e tivemos quatro filhos: Godofredo (Dinho), Maria da Graça (Magá), Maria Cláudia (Macau) e Adriano (Dri).

Em seu álbum de família há várias fotografias em que o senhor aparece dançando, essa animação sempre existiu da sua parte?

Eu era “arroz de festa”!

Qual é seu time do coração?

Sou santista! Pratiquei bastante futebol.

Era center-half (beque central) do “A” Encarnado, eu marcava a ponta direita. Um dos jogos dos quais me lembro foi uma partida contra o XV de Novembro de Piracicaba, o jogador Leme era o ponta direita, ele não pegou uma bola durante o jogo todo. Eu era uma brutalidade, muito



atrevido, entrava feio para resolver a questão, não havia meio termo. O Leme saltitava em volta, não se atrevia a ir pegar a bola.

O senhor pilotava avião?

Fazia até acrobacias aéreas com o Piper, me brevetei com um F-5, motor radial, fui o centésimo piloto de Piracicaba, entrava na pista a 100 quilômetros por hora, era um biplano muito pesado e com pouca

área de sustentação, era necessário estar sempre em velocidade para garantir a segurança do voo.

Passou algum apuro pilotando?

Passei por diversos apuros, um deles foi o motor que morreu, não pegava mais, eu desci planando. Existem duas formas de dirigir-se de um ponto ao outro: deixar o avião já caindo, ou ir inclinando para a aterrissagem.

Por acaso o senhor passou entre as duas torres da catedral de Piracicaba?

Passei!!!

(Guido respondeu com ar de criança que fez alguma arte).

Saltou de paraquedas, chegou a realizar algum salto?

Saltei na cidade de Araraquara.

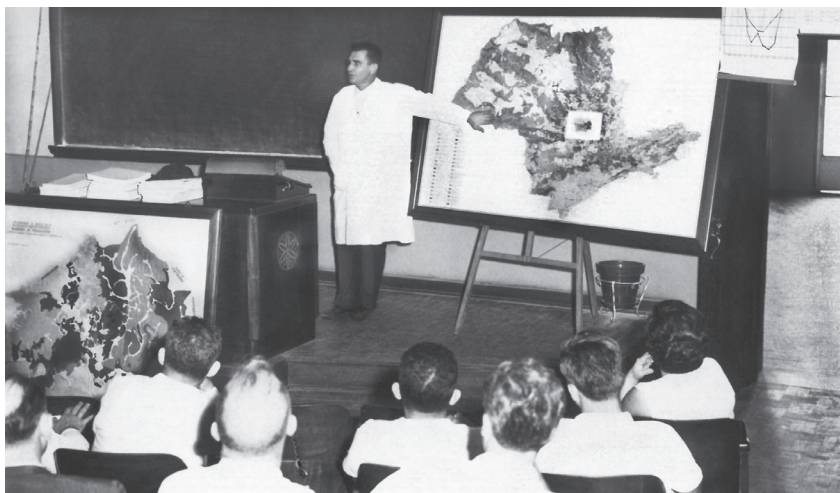
Quais são seus livros e capítulos de livros publicados?

Publiquei os seguintes aqui em Piracicaba: Solos para Cana-de-Açúcar; Pequeno Guia para Levantamento de Solos; Manual de levantamento de Solos; Terras para Café – O Solo como Fornecedor de Nutrientes aos Vegetais; Manual de Levantamento de Solos e Subsídios à Geografia de Piracicaba.

NOTA: As resenhas completas das obras estão no Capítulo II: “O Cientista III”.



O Mapa de Solos de Piracicaba é de sua autoria?



Foi trabalho do meu departamento. O mapeamento de solos já existia como atividade comum, não era novidade. Esses mapeamentos são de penetração em todos os pontos de mudança de relevo, de solo, de vegetação; o trabalho é feito visitando cada ponto e comparando, fazendo confronto entre cada grupo de solo, dando a cada um suas aptidões existentes, dando informações a cada proprietário de terras, fornecendo as orientações de uso e manejo do solo, essa era a finalidade. Existem muitos tipos de manejos que são feitos uma vez só e o solo deteriora. Mas existem os manejos conservacionistas! Estes sim, fazem bem para o solo e para o bolso do dono da terra.



O senhor sabe que foi um pioneiro?

Só distribuí o que conhecia, acreditava no que estava fazendo. É uma coisa fácil de ser feita, todo mundo fazia.

O senhor fez levantamento de solos no Estado de Tocantins?

Fiz, permaneci por 10 anos morando em Tocantins.

(Na foto, Guido e Giselda em Palmas/TO).

O solo de Piracicaba é rico?

Tem terras muito ricas, normalmente mal manejadas. O solo é uma entidade natural muito delicada, qualquer processo malconduzido produz uma energia de transformações não desejáveis, baixa o nível de atividade. Existem solos muito delicados, onde a maior agressão é colocar um arado revirando tudo. Ele perde a capacidade de agregar as qualidades. O solo é como um animal, que possui suas qualidades e o proprietário não as quer perder, faz de tudo para conservar essas qualidades. Existem processos que, uma vez ativados, não tem jeito de voltar.

E a Amazônia, onde o senhor permaneceu por vários anos?

A Amazônia é um exemplo! O desmatamento da Amazônia é feito independente de uma vistoria das possibilidades existentes para a utilização das terras, ou para qualquer finalidade que se tenha em mente. Lá acontecem as coisas sem nenhum cuidado. Não se pode ir contra essas qualidades, devem ser conservadas. Geralmente a utilização é uma agressão tremenda, o uso de produtos químicos é uma das questões mais polêmicas, pois altera o dinamismo das atividades, em vez de beneficiar, prejudica, aumenta os problemas. Há terras em que o equilíbrio é mantido com uma delicadeza a toda prova. Não se pode simplesmente entrar, limpar e arar! Isso está completamente errado. Existem terras que não devem sustentar produções agrícolas. Essas terras são indiscriminadamente utilizadas, não há separação do joio e do trigo, são solos muito delicados, que devem permanecer com a vegetação natural para manter o equilíbrio ecológico.

É difícil expor isso para quem está explorando a terra?

É difícil! Às vezes é a única terra disponível.

O que a ESALQ representa para a agricultura brasileira?

A ESALQ é uma peça fundamental para o desenvolvimento agrícola do país e ela está no rumo certo. O IPT (“Instituto de Pesquisas Tecnológicas” do Estado de SP) está se instalando também em Piracicaba, e isso é só o começo. Deverão vir outras coisas mais difíceis de se introduzir e manter.

O senhor é religioso?

Sou, rezo todos os dias, não me deito sem fazer a minha parte.

Algumas pessoas acreditam que a morte encerra completamente a existência do indivíduo, física e espiritualmente, qual é a sua opinião?



Não penso assim. Acho que a outra vida é melhor.

Cientificamente existe algum indício de outra existência?

Não sentimos racionalmente. Hoje tudo gira em torno do cérebro, o processo do raciocínio. A outra vida não tem essa contribuição, não tem o cérebro ajudando. Eu

acredito em outra vida, para mim a morte é uma troca de roupa. Tomando-se um bom banho, troca-se de roupa! Não participaremos com o organismo mas com o espírito e espiritualmente nós não temos a capacidade para discutir quase nada, não conseguimos ter a devida argumentação, não encontramos palavras e nós também não sabemos. O fato de ignorarmos o que existe após a morte não recomenda que se despreze alguma coisa. Existe uma forma de vida, completamente diferente. Eu não posso discutir isso, você não pode discutir, ninguém pode discutir a respeito. O fato de acreditar que existe é até recomendado, você vive melhor. Se morrer, irei me expressar de maneira diferente, não é falando ou ouvindo, me preocupando com as coisas que tenho me preocupado, as preocupações são outras. Troca-se esta vida por outra forma de vida, a forma de vida espiritual, que não temos nenhum parâmetro para discutir, basta acreditar, acreditando é o suficiente e eu acredito!

(Na foto acima, Guido aos 95 anos, em sua poltrona, em casa).

E o mérito pessoal? Há pessoas que agem de forma correta, outras não.

Agindo bem, a pessoa não estará criando obstáculos para essa outra vida, que desconhecemos. Mas a pessoa pode criar problemas para o outro “ele”, o maior inimigo do homem é ele mesmo.

É um tema difícil de discutir.

GUIDIANAS

“ERA E NÃO ERA”

‘Imagem vanceis’...



As histórias de Guido Ranzani são saborosíssimas, tanto quanto esta sua foto favorita, em que recebeu o batismo de piche, costumeiramente dado aos formandos do curso de piloto de avião do Aero clube de Piracicaba.

Ele as contava com sotaque, ora puxando algumas palavras em italiano, ora reforçando nosso dialeto caipira.

Aqui seguem algumas delas, lembradas pelos membros da família:

“Numa vorta de esquina,
Topei dando cu Nhô Juquinha cua vara de tocá gado.
Passemos sete rua - oito cu largo.
Tomemo café e fumo – eu cu mia fia, cumadre ca dela”.

“Trepei numa árvore de figo

Carregadinha de pêsego maduro
E toca apanhá as maçã.
Quando veio o dono du feijoá e gritô:
Ô tihoso, qui tá fazendo aí no sapesá alheio.
Eu ia arresponde, mais o marvado
Garrô num moio di repoio e me acertô na testa.
U festa, me esbandaiô o jueio”.

“Foi no dia 31 que eu vim du capão da anta
Amanhecê na cidade pra mi incontrá com a Santa.
Cheguemo na cidade havéra umas cinco e meia
Tudo oiava pra Candinha, pu tá di brusa vermeia.
Afiná nós resorvemo, fumo tudo passeá
Tónico levantô o guarda-chuva e fez o bicho pará.
O bonde deu um arrepique e saiu num carreirão
Nhá Candinha curcuviô e grudô no Manecão.
Acontece, eu falei pro Tónico: É mió nós apiá,
Nhá Candinha amarelô, tá cum ânsia di lançá.
Levemo nhá Candinha na farmácia do nhô Juquinha
Qui mandô nhá Candinha lá pros fundo vumitá.
Por isso memo é que eu arrenego essa gente da cidade,
Anda tudo cu nó pras costa incapais di fazê caridade.
Perfiro passá fome e sofrê muita mardade,
Do que largá meu sitinho e vim morá na cidade”.

Canção do Tamoio

I

Não chores, meu filho.
Não chores, que a vida é luta renhida: viver é lutar.
A vida é combate, que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos, só pode exaltar.

II

Um dia vivemos! O homem que é forte
Não teme da morte, só teme fugir.
No arco que entesa, tem certa uma presa,
Quer seja tapuia, condor ou tapir.

III

O forte, o covarde seus feitos inveja
De o ver na peleja garboso e feroz;
E os tímidos velhos nos graves conselhos,
Curvadas as frentes, escutam-lhe a voz!

IV

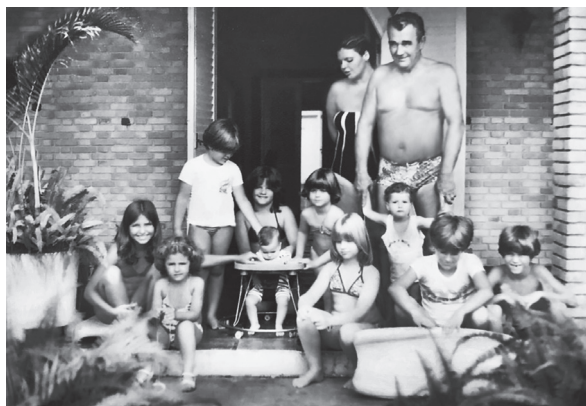
Domina, se vive; se morre, descansa
Dos seus na lembrança, na voz do porvir.
Não cures da vida! Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte, que a morte há de vir!



Zinho Muié. Personagem folclórico e famoso na década de 60/70, era massagista e frequentador dos Bailes do Bidito. Um dia, o genro Pedro estava com uma crise lombar e a filha Magá o levou a um fisioterapeuta, era o Zinho Muié. Por precaução, Pedro pediu pra ela ficar a seu lado. O fato interessante foi que, quando a Magá se apresentou, o Zinho disse: “*Ranzani? Então você é filha do Guido... aquele moço liiindo?*”

Ribeirão Preto. Há muito tempo, na década de 70, o professor Guido precisava tratar de um assunto na USP daquela cidade e Pedro foi com ele. Depois das reuniões, já no fim do dia, pararam no Pinguim para tomar uns chopos acompanhados da famosa “moela de frango ao vinagrete”, que o professor adorava. Na volta, pararam em São Simão, pois ele queria dar um beijo na tia Nora (sua irmã Leonor). Depois de outras cervejas e umas comidinhas da tia Nora, pegaram a estrada de novo. Naquela época não tinha lei seca e nem cinto de segurança. Mal saíram de lá e Guido mandou parar o carro dizendo: “*Desde moleque adoro mijar nesse cerrado e sentir o seu cheiro!*”

Praia. Na década de 80, a família costumava passar férias de fim de ano numa casa de praia do condomínio Pioneiro, praia da Enseada, em Ubatuba-SP. Ia toda a galera: o casal Guido e Giselda, João e Macau,



seus filhos João Guilherme, Alexandra, Gustavo e Matheus, Pedro e Magá com os filhos Maria Paula, Ana Carla, Tatiana e Pedro Augusto; Adriano e sua namorada Marcia e Godofredo (solteiro na época). Alugavam uma

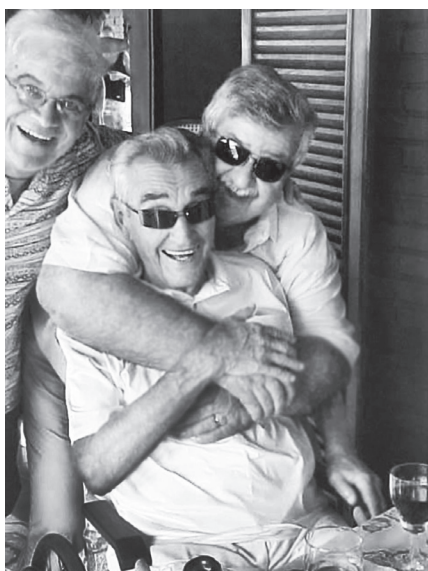
casa de frente para o mar, eram jovens e tudo muito divertido. Numa das vezes, Pedro levou um barco a vela, um pequeno Laser, e velejaram na enseada muitas vezes. Como era o único que conhecia o barco, levava os adultos para passear, um de cada vez. Numa das ocasiões, o professor Guido caiu do barco e não conseguia mais subir e Pedro disse: *“Doutor, não tem problema, segura firme na borda e vamos velejando até a praia assim mesmo; o único problema é que às vezes aparece tubarão por aqui.”* Foi impressionante... no mesmo minuto ele pulou para dentro do barco!

O contador de histórias. O professor Guido na intimidade era um grande contador de histórias, inspiradas nas muitas viagens que fazia, um verdadeiro “Forest Gump” piracicabano. Isso encantava a todos, principalmente seus netos. Numa tarde de domingo, na beira da piscina na casa da Nova Piracicaba, estava toda a família reunida comentando que fazia muito tempo que não chovia. Então, o Dr. Guido contou que no Xingu os índios faziam a “dança da chuva”. Reuniu a todos os parentes e netos presentes num grande círculo e começou a ensinar a dança, que consistia em bater os pés em passos largos para a direita, todos ao mesmo tempo e voltados para o centro do círculo, numa cadência que envolvia um canto indígena: *“Eeeô... eeeô... eeeô”*... e todos o imitaram, no que ele dizia ser uma dança do “Quarup”. Foi uma farra só e por mera coincidência ou não, o fato é que começou a chover!

Branca de neve. O genro Pedro também se lembrou de que Dr. Guido, na época em que administrou a antiga fazenda Areião da ESALQ, dizia brincalhão: *“Por acaso vocês se lembram do nome do motorista do jipe? Ele usava desodorante ‘Branca de Neve e os 6 Anões’”* – um tinha morrido!

O susto de dona Giselda. O sobrinho Toís (Antônio Luís de Paula Ribeiro, filho mais velho da irmã Leonor), recém-aprovado na ESALQ, hospedou-se por uns tempos na casa do ‘tio Guido’ e aprontou uma pesada para dona Giselda. Uma revista de sucesso da época, publicou o anúncio de um prêmio: quem achasse uma chave dentro do sabonete Lifebuoy, ganharia um carro Chevrolet. Foi a dica para o jovem Toís, pacientemente, cortar um sabonete e colocar dentro dele uma chave velha de Chevrolet, fechou-o cuidadosamente e colocou-o no banheiro do casal. Numa das manhãs, logo após entrar no banho, dona Giselda

saiu aos gritos pela casa afora: “*Ganhei... eu ganhei um Chevrolet novo no concurso da Lifebuoy*”, saiu com o cabelo enrolado em uma toalha e foi até o Departamento onde Dr. Guido trabalhava. E logo ela entregou a chave ao marido, que de cara percebeu que era uma chave antiga e já imaginou que ‘alguém’ tinha armado uma peça ao casal. Não foi difícil descobrir o autor da façanha. Sempre bem-humorado e cordial, dizem os filhos, daquela vez Guido perdeu a compostura. Mas, mesmo assim, acabou um dia emprestando o carro para o sobrinho, que fez uma lambança, bateu e acabou com o carro! Envergonhado, Toís enviou uma carta aos pais em São Simão, relatando todo o ocorrido e o que havia



aprontado na casa do tio. O pai de Guido, sr. Francesco Elia, passou um grande sermão no neto e não permitiu que ele morasse mais com os tios, comprou um Chevrolet novinho e mandou de presente para Da. Giselda. Assim, Toís foi morar numa república. Mas, como todo bom Ranzani que entende as travessuras e brincadeiras ‘pesadas’ do outro, tio e sobrinho continuaram amigos muito queridos e companheiros inseparáveis, pelo resto de suas vidas! Nesta foto de 2008: Pedro Maurano, Guido e Toís abraçados.

Choquinho. Dizem que nosso querido professor tinha o costume de dar choque nas pessoas, usando a estática. Arrastava os pés pelo tapete estalando os dedos e quando chegava perto dos funcionários que trabalhavam com ele na parte administrativa, tocava a pessoa que, mesmo com roupa, recebia um choquinho ‘elétrico’.

A “Véia”. O professor Guido tinha um sítio perto de Ártemis, chamado Potreiro do Congonhal. Numa tarde, quando o genro Pedro e ele voltavam do sítio, precisaram parar no “Posto da Véia” para abastecer o carro. Veio uma senhora idosa (justamente a ‘Véia’, que era a proprietária) e colocou o rosto na janela do carro, dizendo: “*Oi*

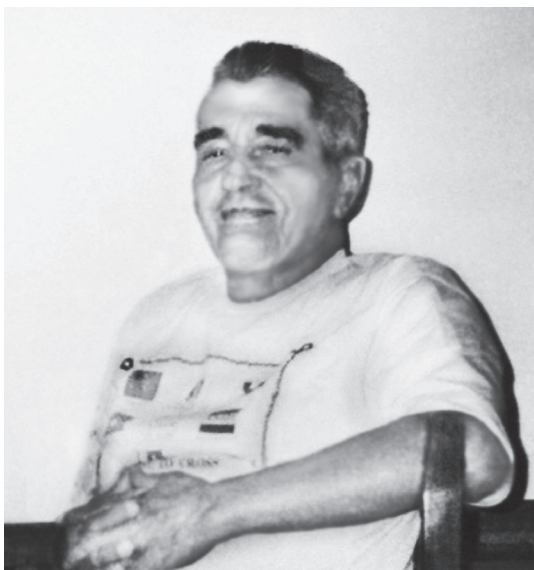
Guidooo... é você???” Pedro perguntou de onde a conhecia e ele disse: *“É da época de estudante”* – sorrindo com ar maroto!

Família grande.

Quando viajavam de carro e saía briga no banco de trás, o das crianças, dona Giselda no banco da frente soltava o braço e todo mundo apanhava... merecendo ou não!

Enterro do sr. Elia.

Quando o pai do Dr. Guido faleceu, como era de costume, foi velado na sala da casa onde morava em São Simão. Estavam todos chorosos à volta do caixão e,



de repente, entrou uma mulher desconhecida no velório com três crianças que, quando viram o defunto, começaram a chorar, falando em uníssono: *“Papaai!!!”* As filhas Leonor, Antonia e Maria emudeceram e soltaram ‘fogo pelos olhos’. Ninguém tinha conhecimento dessa família clandestina do vovô Elia. Na época, ele era viúvo.

Provérbios de Guido e Ralph Candia. Ralph era primo de Da. Giselda e sempre que os dois se encontravam tomavam muito vinho e ficavam a ‘caraminholar’:

“O açúcar é um pozinho branco que deixa o café amargo,
se não lhe bota”...

“A cera de ouvido não há abelha que faça, mas também, pudera”...

“A mão tem cinco dedos; a que tem quatro, falta-lhe um”...

Rio das Pedras. Guido dizia que os italianos de lá tinham um grito de guerra:

“Que tem na xesta? Pastél.

E nos pastél? Zeitona.

E Rio das Pedra?

Campeon da zona”!

O CONVÍVIO DO HOMEM...

COM A NATUREZA

Em virtude da sua posição geográfica e área, o Brasil apresenta regiões bastante distintas e uma grande diversidade de clima, relevo, materiais geológicos e solos.

Contando com aproximadamente 850 milhões de hectares de terras contínuas, o território brasileiro não apresenta nenhuma área anecumênica: é acessível à ocupação humana em toda a sua extensão territorial. É um dos poucos países no mundo que pode “crescer por dentro”, de vez que possui uma imensidade de terras para colonizar.

A colonização das áreas que possuímos e que ainda não ocupamos representa um desafio, uma solicitação à qual devem responder todos os campos do saber disponíveis e uma excelente oportunidade aberta à capacidade científica nacional de se inteirar e de se identificar com os parâmetros responsáveis por tudo o que se apresenta nessas áreas, ainda incompletamente compreendidas.

Todos almejamos um desenvolvimento da Amazônia, uma ocupação dessa região com garantias de permanência. Contudo, para que tais garantias existam e resistam, digamos, à implantação de sistemas de agricultura, torna-se indispensável, entre outras coisas, que existam possibilidades. É através da linguagem impessoal dos fatos, de fatos reais pertinentes a essas áreas, obtida com a devida assepsia e sem contaminações de ideias preconcebidas, que nos habilitaremos a compreender as possibilidades e as limitações eventualmente impostas à ocupação humana e à colonização.

É evidente que esse agrupamento de informações básicas norteadoras de ações deva contar com múltiplos setores de investigação científica, cada qual exercitando suas especialidades, dentro de uma harmoniosa cronologia de serviços destinados ao aproveitamento dos fatores prodigalizados pela natureza.

Esses setores do saber, conquistando os elementos diagnósticos de condições, identificando as causas responsáveis pelos efeitos observados, traduzindo, avaliando, ou mesmo dimensionando as inscrições naturais apresentadas, compulsando enfim, os recursos

proporcionados pelo método experimental, só podem resultar no estabelecimento de um convívio mutuamente benéfico do homem com a natureza, porque é baseado no respeito que só o conhecimento dos fatos naturais pode proporcionar.

Dentre outros setores científicos exigidos pelo empreendimento de colonização, cabe à Ciência do Solo um papel de destaque, seja pela sensibilidade do seu objeto de estudo às condições do ambiente, seja pelas relações que o solo guarda com os vegetais que sustém.

Os recursos proporcionados pela fisiologia vegetal, as contribuições da bioquímica ao metabolismo das plantas e os métodos genéticos de melhoramento dos cultivares, não prescindem das contribuições e das bases fornecidas pela Ciência do Solo.

Vale aqui reconhecer, contudo, as dificuldades experimentais impostas a esse campo científico, que lida com um paciente mudo e, em cujos domínios, pontificam influências sutis de eventos naturais que geralmente escapam ao controle, avaliação ou medida.

Diferentemente dos vegetais, os solos não se desenvolvem sob o controle de “genes”, mas de fatores externos.

Um fator de formação do solo é um agente, uma força, uma condição ou combinação destes, capaz de alterar o material geológico que o origina.

Os efeitos observados no corpo do solo podem provir de uma constelação de combinações de fatores que, para naturalidade de tratamento e de estudo, são representados pelo clima, pelos organismos, pelo material geológico de origem, pelo relevo e pelo tempo. Os vegetais que ocupam a terra estão subordinados a situações proporcionadas pelas propriedades do solo, definidas por condições de estado desses fatores, aos quais se associam os efeitos de massa e energia.

Considerar o solo em conjunto com os fatores responsáveis por sua formação, significa visualizarmos um “ecossistema” e, como tal, um sistema aberto, oferecido ao livre acesso dos fluxos de energia e matéria. O fluxo ou transporte de energia e matéria para dentro ou para fora do ecossistema se dá, graças à presença de gradientes ou de diferenças de potencial contra uma resistência imposta a esses dinamismos pelas partes operantes do próprio sistema.

Nessas condições, qualquer propriedade do solo, favorável ou não ao vegetal cultivado, é uma função de estado do ecossistema no tempo zero de formação, além do fluxo de potenciais externos e da idade do sistema, como expressa a equação geral de estado descrita por Jenny.

Portanto, para termos acesso às relações solo-planta-ambiente, para nos habilitarmos à interpretação das respostas dos vegetais em experimentação agrícola, para nos colocarmos na condição de proporcionar recomendações de uso ou manejo de nossas terras e para, enfim, prepararmos a ocupação das áreas brasileiras a colonizar, torna-se indispensável caracterizar ou pelo menos inferir:

- 1- O ecossistema na sua origem – isto é, determinar a natureza, condição e estado do que foi utilizado como matéria-prima na elaboração do sistema;
- 2- Identificar e caracterizar os fluxos de potenciais externos responsáveis pela incorporação de energia – como é o caso das taxas de radiação solar, de pressão e de calor recebidas e a competência das formas de relevo herdadas pelo sistema; e a incorporação de matéria – representada pelos movimentos de massas gasosas e líquidas, pelos aportes de partículas sólidas em suspensão ou em solução, pelas incorporações de organismos vivos;
- 3- Assinalar o espaço de tempo em que esses eventos operaram no sistema.

Vemos, assim, porque numa antecipação ao uso da natureza, impõem-se conhecimentos sobre a intensidade, grandeza e extensão dos eventos responsáveis pela sua formação.

O presente “Encontro sobre Escoamento em Meios Porosos”, no qual me foi dada a honra de proferir a palestra de abertura, oferece, a meu ver, perspectivas das mais desejáveis e contribuições das mais preciosas à Ciência do Solo.

O título “Escoamento em Meios Porosos” evoca a ideia de fluxos, de dinamismos através de barreiras materiais. Evoca, portanto, a acomodação e comportamento dos diferentes estados da matéria nos espaços deixados por estruturas sólidas, naturais ou não, modelos experimentais que o homem improvisa, ou ocorrências naturais dentre as quais não posso deixar de incluir os solos.

Como é evidente, não poderíamos pretender substituir – se bem que eu o desejasse – a expressão “Meios Porosos” por “Solos”, em virtude da universalidade que esse título contempla: os “Meios Porosos” constituem uma regra e não uma exceção no mundo em que vivemos.

“Porosos” são os seres vivos...

“Porosos” são os ecossistemas...

“Porosos” são os solos.

É precisamente graças à presença de um *continuum* poroso entre solo, planta e ambiente, que o metabolismo vegetal se realiza, num intrincado circuito fechado pela água do solo. É, ainda, em virtude desse *continuum* poroso, que vamos encontrar, a par dos sólidos, líquidos e gases perfeitamente caracterizados e diferenciados, a presença de estados da matéria não mais obedientes às leis físicas ou químicas, em função de sua subdivisão material.

Ao me congratular com os idealizadores deste Encontro pela feliz e oportuna escolha de um tema tão promissor, volto a reafirmar minhas esperanças nas contribuições que aqui poderão ser oferecidas e, por certo, incorporadas ao acervo de conhecimentos desta integração científica, pois que a nós compete desenvolver – para suportar as solicitações de um País que “cresce por dentro” – as garantias de um convívio reciprocamente benéfico do Homem com a Natureza.

Guido Ranzani

Palestra de abertura do
IV ENCONTRO SOBRE ESCOAMENTO DE MEIOS POROSOS

06 a 09 de outubro de 1976

Faculdade de Medicina Veterinária, Agronomia e Zootecnia de
Jaboticabal/SP

Nº Especial da Revista “CIENTÍFICA”

Publicada na revista oficial da Faculdade de Ciências Agrárias e
Veterinárias - “CAMPUS” DE JABOTICABAL
UNESP - 1977

O “ESTADO DE EMERGÊNCIA”

UMA OPINIÃO

Em virtude das consequências geradas pela longa estiagem que perdura e castiga principalmente os municípios do Sudeste do Tocantins, fala-se na decisão de alguns Prefeitos em decretar ‘Estado de Emergência’. Mas o que realmente importa fazer, em tais circunstâncias, é uma identificação da ‘causa’ responsável pela ocorrência dessa realidade vivida pela população e outras formas de vida, nos municípios atingidos. A atual inclemência da estiagem pode ser proveniente de distúrbios, tanto locais como globais e, assim, ter suas raízes enclavadas em áreas que até aqui não mereceram a devida atenção por parte daqueles que elegemos para comandar os destinos da nossa sociedade.

Não é com decretos que se resolve esse problema que, dentre as alternativas oferecidas, deveria priorizar a adoção de programas intensivos de comunicação e esclarecimento, levando sistematicamente à população as informações necessárias ao entendimento dos fatores que estão à mostra no dia a dia de cada comunidade, causando essas graves e recorrentes consequências. O que se assiste atualmente, relativamente à seca e de forma geral, é resultante das muitas imprudências cometidas, algumas propositalmente e outras por ignorância, ao se lidar com os Recursos Naturais sem os devidos cuidados e precauções. São ações de natureza antrópica que individualmente seriam insignificantes, mas que reunidas são capazes de gerar grandes alterações nas condições do equilíbrio dinâmico que deve prevalecer para o Sistema Natural, nas diversas regiões do Estado. Cada ambiente desfruta de condições especiais de equilíbrio que, na presença de distúrbios, colapsa numa cadeia de desastres que se propagam por todo o sistema, num conjunto de reações que se destinam a ‘contrariar’ a alteração provocada.

É, portanto, o Homem a provocar as reações do ambiente que lhe são adversas. Logo, cabe somente a ele a função de controle dos ecossistemas presentes, no sentido do restabelecimento do equilíbrio perdido, para que possa assegurar-se de um futuro sem os percalços pelos quais é flagelado hoje.

Palmas, 7 de setembro de 1999.

Guido Ranzani

AS QUEIMADAS

Instrumento de trabalho?

*“Batalharmos por melhores condições de vida para todos nós,
depende da manutenção de todos os seres vivos que nos cercam.”*



1- O destino das cinzas

“Graças à revolução científica, organizamos nossos conhecimentos sobre a Natureza em segmentos cada vez menores, partindo do pressuposto de que as ligações entre esses compartimentos separados não são importantes. Fascinados com as partes, nos esquecemos de olhar o todo” – Al Gore.

O que hoje se observa, percorrendo as diversas regiões do Estado do Tocantins, é simplesmente alarmante.

A quantidade e extensão das queimadas, não mais se restringindo às áreas ocupadas com pastagens ou desbravadas para a agricultura, vem atingindo reservas florestais, matas ciliares, pés de serra e grotões, destinados à preservação da vida silvestre regional. Vida essa que a cada dia se extingue, não propriamente em função das inclemências climáticas, mas e principalmente devido às agressões antrópicas.

Sinceramente, não compreendemos as razões ou motivos que vêm garantindo, aos usuários das terras no nosso Estado, o manejo indiscriminado do fogo, num autêntico desrespeito à natureza e à própria comunidade.

De qualquer forma, não podemos silenciar ou nos manter alheios ante essa monstruosidade que, a se julgar pelas dimensões atuais, em relativamente pouco tempo transformará o Tocantins num triste continuador do deserto que vem nascendo no vizinho Piauí, no vale do Gurguéia.

Pelo menos aparentemente, não se percebe a existência de nenhum freio interposto ao generalizado uso e emprego das queimadas que, além de outros inconvenientes e perigos, acentuam a intensidade das brumas que normalmente ocorrem na seca, dificultando a visibilidade e diminuindo a segurança dos quem transitam pelas nossas estradas nessa época.

Este fato, inclusive, vem contribuindo para abalar a credibilidade popular quanto à operacionalidade das leis pertinentes à matéria. A situação é sempre a mesma: ninguém sabe, ninguém viu quem começou a devastação que religiosamente se repete todos os anos nos meses de seca.

Temos, por força dos trabalhos que vimos realizando, contato direto com proprietários rurais, o que nos permitiu verificar ser generalizada a ideia de que as queimadas melhoram as pastagens. Essa ideia, como teremos oportunidade de expor mais adiante, deve ser combatida através de um trabalho sério e contínuo, com demonstrações práticas dos efeitos danosos ao ambiente e a toda forma de vida que ela entretém, incluindo o homem.

No caso das pastagens, sucessivas queimadas representam uma diminuição contínua da capacidade de suporte através da lavagem das cinzas que, capturadas pela água das chuvas que a atingem, deixam a superfície do solo na forma de enxurrada. Devemos, para bem compreender o que em realidade se passa, atentar para alguns fatos e tendências de grande importância, para o entendimento dos processos envolvidos na solubilização das cinzas.

Em primeiro lugar, trata-se de substâncias facilmente solúveis em água, que se solubilizam prontamente em presença desta. Concomitantemente à solubilização das cinzas, ocorre drástica modificação das condições de acidez da solução formada. A água da chuva, antes límpida e neutra, se torna extremamente alcalina, em virtude da presença de grandes quantidades de potássio, sódio e outros óxidos

(solução alcalina, popularmente conhecida como “dequada”, que antigamente servia para a fabricação do sabão de cinzas).

A solução alcalina, em contato com o solo promove a dispersão das partículas minerais e orgânicas, suspendendo-as no seio do líquido que, em parte, se movimenta declive abaixo, com destino à calha dos córregos da área.

Como se pode facilmente verificar, não se perde apenas parte das cinzas produzidas pela queimada. Quantidade substancial de minerais de argila e de matéria orgânica – os quais representam a parte mais ativa, mais fina e mais rica da camada superficial das terras - são levadas para fora da área e, portanto, perdidas para o solo em questão, que progressivamente se empobrece a cada queimada seguida de chuva.

É importante assinalar que, investindo em adubos, consegue-se restabelecer apenas o nível de nutrientes antes presentes no solo, o mesmo não acontecendo quanto às perdas de argila e de matéria orgânica, respectivamente de recuperação impossível e bastante onerosa.

2- Os microrganismos do solo

As frequentes queimadas, que anualmente, por ocasião das secas, ocorrem no Estado do Tocantins, são geralmente atribuídas a diferentes causas: queimadas propositais, como as realizadas com a intenção de “melhorar” a pastagem; queimadas que chamaríamos naturais, provocadas por descargas elétricas ou pela incidência de raios solares em fundos de garrafa de vidro, expostos à superfície do solo e queimadas realizadas por indivíduos dados ao vandalismo.

A queima ou combustão do material orgânico vegetal representa uma mineralização, isto é, a transformação imediata (agenciada pela ação do fogo) de materiais orgânicos em substâncias minerais, com dissipação de energia na forma de desprendimentos de calor, vapor de água, gás carbônico e luz, além da formação de um resíduo representado pelos óxidos metálicos e carvão.

Nenhuma dessas formas de energia é aproveitada para o novo sistema resultante da queimada. Há, em realidade e em consequência da queima, uma diminuição do total energético, antes presente no solo.

Os vegetais que vestem a superfície das terras e, em particular, as plantas do cerrado, representam um potencial energético de grande

importância para a “vida” do solo – resultado da captura da radiação solar pelas partes verdes do vegetal e do processo da fotossíntese. Essa energia pode ser, como já visto, parcialmente perdida através da queima ou combustão.

Não havendo queima pelo fogo, as diferentes partes dos vegetais, uma vez realizadas suas funções de vida, sofrem uma verdadeira mineralização através do que se entende por humificação, um processo bioquímico agenciado pelos microrganismos do solo.

Assim, os microrganismos vão mineralizando o material orgânico para atender suas necessidades de vida e de multiplicação, o que concorre para manter localizados os produtos finais das transformações havidas que, em vez de removidos ou exportados, são incorporados ao solo, numa reciclagem energética bastante favorável às formas de vida animal ou vegetal presentes.

Como facilmente se pode verificar, em presença da biologia do solo, ocorre o mesmo processo de mineralização da matéria orgânica. Contudo, sem perdas, senão com um acúmulo energético que, em primeira instância, representa um aumento da população microrgânica do solo.

Este fato é extremamente desejável, uma vez que “terras mais produtivas são, em geral, as que detêm maior população microrgânica”. Como é do conhecimento geral, esse aumento populacional é dependente da presença de farta alimentação representada pelas substâncias orgânicas do solo.

Uma prática recomendável no caso das pastagens seria a preparação do denominado “mulch” ou cobertura morta por ocasião da seca – trata-se do corte da parte aérea do capim, deixando todo esse material “vestindo” a superfície do solo, fazendo-se o seccionamento da área por meio de aceiros, para evitar a propagação de eventual fogo.

Essa prática não apenas procura controlar o fogo, como proporciona proteção do solo contra o transporte ou ascensão capilar da água disponível, provocado pela evaporação na camada superficial do solo.

O “mulch”, em consequência desses fatos, concorre para aumentar a dieta alimentar e o suprimento de água para os organismos vivos na rizosfera.

3- A quem cabe a culpa?

Mas a quem cabe a culpa pelas agressões ambientais crônicas representadas pelas queimadas, sofridas pelo Estado do Tocantins, na época seca de cada ano?

No que diz respeito aos aspectos legais, pelo artigo 27 do Código Florestal, é expressamente proibido o uso do fogo nas florestas e demais formas de vegetação. Contudo, o parágrafo único desse artigo mostra que a proibição do uso do fogo não é absoluta: “Quando utilizado como instrumento de trabalho, é permitido, desde que observadas as precauções estabelecidas em lei”.

Ora, o que significa ‘instrumento de trabalho’ senão a peça fundamental do trabalhador, como é o caso do ferreiro ou do soldador?

O FOGO NÃO É E NÃO PODE SER INSTRUMENTO DE TRABALHO DO AGRICULTOR!

Isto, para nós, se coloca mais como uma heresia, que fere frontalmente todos os fundamentos científicos que possam ser arrolados para tentar justificá-la.

Entre os instrumentos de trabalho do agricultor podem ser mencionadas as mais variadas máquinas, cada uma adaptada às características do trabalho a executar e concebida para realizá-lo com um mínimo de esforço, atrito ou ruído e um máximo de rendimento e perfeição.

Além das máquinas agrícolas utilizadas nas fases de preparo do solo, semeadura, tratos culturais, colheita, armazenamento e beneficiamento da produção, o agricultor pode ainda receber o mais precioso instrumento de trabalho, representado pela orientação técnica disponibilizada pelos organismos públicos da área e pelas Universidades.

Já no sistema não mecanizado, o agricultor, em lugar de máquinas, utiliza ferramentas agrícolas acionadas por seu próprio esforço com a participação da família.

Como pode-se observar, em nenhum destes dois casos de exploração agrícola há o emprego do fogo como ‘instrumento de trabalho’.

Numa fase preliminar do trabalho de adaptação duma área à agricultura, e por força da presença de matas nativas, o desbravamento

ou a derrubada, encoivramento, destoca e aleiramento em nível representam as fases recomendadas, ou seja, sem o emprego do fogo, para que se possa evitar a exportação e destruição de nutrientes, minerais de argila e matéria orgânica, como mencionado no nosso primeiro artigo sobre queimadas.

Mas, o parágrafo único do artigo 27 do Código Florestal não é o único vilão da história.

Por se tratar de bens naturais dificilmente renováveis, caberia, à guisa duma primeira aproximação, culpar a todos que, direta ou indiretamente, encontram-se envolvidos com a matéria em pauta: Órgãos Públicos, Entidades Privadas, Sociedades Cíveis ou mesmo cada indivíduo da comunidade.

Cabe culpa à sociedade tocantinense, que não se faz presente cobrando dos que possuem poder de decisão política e/ou administrativa, o cumprimento ou alteração das leis e ainda exercitar a aplicação de sanções, que permitam sustar a devastação da cobertura vegetal e de toda forma de vida que ela abriga ou detém. Salta aos olhos a necessidade imperiosa de um basta, mas um basta efetivamente capaz de sustar esse desastroso processo de destruição, para preservarmos o pouco que ainda resta dos magníficos recursos naturais do Estado do Tocantins.

Cabe culpa a nós cidadãos, todos nós que, convivendo com esses fatos no nosso dia a dia, nos esquecemos ou deixamos de cumprir nosso direito e nossa obrigação, pois, batalharmos por melhores condições de vida para todos nós, depende da manutenção de todos os seres vivos que nos cercam.

Cabe culpa ao IATEC, que somente agora vem a público lutar pela preservação do nosso principal bioma, desfaldando a bandeira de refreio das queimadas.

Sabemos que é muito pouco, mas é um começo no qual hoje nos empenhamos, contando com a participação de outros companheiros profissionais do próprio Instituto e da Universidade do Tocantins, cuja contribuição teremos a satisfação de oportunamente aqui apresentar.

Guido Ranzani

Presidente do IATEC/2001

Instituto Araguaia-Tocantins de Estudo do Cerrado

NOTA: Infelizmente e por razões que desconhecemos, depois que o Dr. Guido voltou definitivamente para Piracicaba/SP no final de 2001, ao término de seu contrato com a Universidade do Tocantins, não foi dada, pelos professores e pesquisadores que lá permaneceram, a continuidade necessária aos estudos e projetos do IATEC – provavelmente, por questões financeiras junto à Unitins.

SE PERGUNTÁSSEMOS...

A ALGUÉM

“Você conhece algum rio de águas transparentes, cristalinas a ponto de permitir enxergar, em toda extensão, sua profundidade e diversidade biológica?”

Num ambiente natural equilibrado, todo e qualquer curso d’água se apresenta SOBERBO e GRANDIOSO... independentemente do porte ou do volume de suas águas, ostentando a dignidade que lhe conferiu a prodigalidade da Mãe Natureza, mantenedora da vida terrestre.

Nesse sentido, estamos de olhos postos no baixo curso do Rio Cravari, afluente do Rio Sangue, estado do Mato Grosso. É aí que se deve buscar o referencial de avaliação e conhecimento dos nossos rios, para podermos nos posicionar favoravelmente às demandas solicitadas.

Ao pretender comparar o rio Piracicaba com o Cravari, confirma-se com tristeza a existência de diagnósticos sombrios, em duas fases distintas: a das chuvas e a da estiagem ou seca.

Na estação chuvosa, o Piracicaba atinge normalmente sua vazão máxima, de águas coloridas em vermelho, graças à carga sólida em suspensão, constituída de colóides minerais ou argilas. Esse carreamento ininterrupto retira da região a parte mais ativa e, portanto, a mais rica do complexo mineral-orgânico das camadas superficiais dos solos cultivados, exaurindo as terras em sua capacidade de retenção localizada de nutrientes, de água e de ar – indispensáveis à vida das plantas.

Na estiagem, período aproximadamente compreendido entre abril e setembro, o Piracicaba atinge sua cota de vazão mínima, concentrando em suas águas rejeitos de naturezas diversas que tendem a caracterizar a fase mais triste da vida do rio. Nessa ocasião, a presença de espuma branca em suas águas é denunciadora da descarga de resíduos industriais à montante que, invariavelmente, é acompanhada de uma brutal mortandade de peixes, em consequência da grande demanda biológica de oxigênio. O Piracicaba, nessa época,

assume a triste imagem de um esgoto a céu aberto, clamando por intervenções de controle e solução das agressões ambientais perpetradas nas terras de sua bacia hidrográfica.

Caríssimo leitor:

É sabido que existem leis para garantir eficiente PROTEÇÃO AMBIENTAL para todas as áreas, quando estas são adaptadas para uso agrícola.

É sabido, ainda, que existem conhecimentos técnicos suficientes e amplamente disponíveis nas áreas do saber, envolvidos com o MANEJO AMBIENTAL.

O que, afinal, está faltando?

Piracicaba, 8 de maio de 2004.

Guido Ranzani

Eduardo Siqueira Campos

Em discurso no Congresso Nacional, o Senador Siqueira Campos enalteceu o papel de Guido Ranzani como cientista e como cidadão brasileiro, conforme as seguintes palavras, pronunciadas no Plenário do Senado, em 20 de março de 2000:

“Sr. Presidente, Sras. e Srs. Senadores. Uso desta Tribuna para um comunicado, uma homenagem e algumas considerações em torno de um dos assuntos que mais tem preocupado esta Casa. O que desejo comunicar a esta Casa é o lançamento ocorrido em Palmas da "Carta de Solos" dos Municípios de Porto Nacional e Ipueiras.

A obra, Sr. Presidente e nobres Senadores, de menos de cem páginas, é acompanhada de quatro Cartas de Aptidão Agrícola dos mesmos municípios, apresentadas essas sob a forma de mapas.

O trabalho foi realizado, conforme informa a descrição de sua metodologia, "percorrendo as estradas disponíveis com auxílio de veículo, sendo muitas as áreas de penetração a pé". Os registros obtidos tiveram confirmação por foteointerpretação de pares fotográficos, com auxílio de estereoscópios de espelhos Zeiss, empregando fotos de 1:60.000 de cobertura efetuado pela USAF no período 66-68.

O estudo, Sr. Presidente, permite conhecer em detalhes o melhor uso agrícola das terras, as correções necessárias, as áreas efetivamente produtivas e as áreas a serem preservadas. O trabalho prossegue e espera-se em breve contar com novos volumes, pois o projeto prevê a cobertura em uma dezena de municípios, abrangendo 14% da área do Estado.

A homenagem que desejo prestar, Sr. Presidente, é ao professor Guido Ranzani, professor da Unitins que, junto com seus alunos, realizando este trabalho de grande significado para o Estado, os introduz, simultaneamente ao trabalho prático, à metodologia da pesquisa científica, sem aguardar grandes projetos, recursos de financiamento ou aparelhos de última geração.

Além dos trabalhos de fotogeometria e de recuperação de imagens via satélite, o professor Guido Ranzani percorreu pessoalmente centenas de quilômetros de "Jeep" – o único veículo adequado para as circunstâncias e outras dezenas de quilômetros a pé.

Se esta dedicação ao trabalho, se a produção desses resultados em meio a tantas dificuldades constitui uma forma rara, mesmo nas universidades e centros de pesquisa frequentemente à espera de garantia de recursos e de condições ideais, o trabalho do professor Ranzani merece registro.

Com um longo currículo científico, tendo sido consultor de organismos internacionais, diretor de programas da Embrapa e longa folha de serviços prestados ao INPA – Instituto de Pesquisa da Amazônia, o professor Guido Ranzani voltou-se aos estudos do solo nesse imenso interior do Brasil, constituindo-se um exemplo para o Brasil, da fé, da dedicação ao trabalho e à Ciência, e é esta homenagem que desejo prestar-lhe, Sr. Presidente, nobres Senadores, para que conste dos Anais do Senado da República.

Para concluir, Sr. Presidente, teço algumas considerações em torno da questão da ocupação e uso do solo em face à necessidade da preservação dos recursos naturais e dos recursos ambientais em geral.

Estou certo sobre este assunto, que não é suficiente – para não chamá-la simplesmente de inócua – a política de tratar assunto de tamanha importância apenas através de normas, ou critérios de caráter legislativo, como se tem feito. Refiro-me às normas vigentes em relação às reservas legais, especialmente as referentes às Regiões do Norte e Centro-Oeste, ou seja, da Amazônia e dos Cerrados.

Na verdade, Sr. Presidente, áreas existem onde percentual algum da cobertura natural – mata ou cerrado – pode ser extinta ou substituída. Assim como outras áreas existem, que poderiam ser cem por cento ocupadas.

Só estudos e análises como os que ora estão sendo realizados pelo professor Ranzani, podem dar uma resposta adequada a esta questão. Somente quando tivermos as Cartas de Solo de cada área da Amazônia ou dos Cerrados é que poderemos promover o máximo de ocupação produtiva, com o mínimo de ameaça à preservação ambiental.

Evidentemente, Sr. Presidente, nobres Senadores, que isto não é possível se pensado em termos centralizados, feitos de Brasília e por seus órgãos governamentais.

Mas isto será possível sim, se operado desconcentradamente, integrando Universidades, Prefeituras, Centros de Estudos e Pesquisas, enfim, despertando a imensa potencialidade da sociedade para a execução desta tarefa.

O exemplo do professor Guido Ranzani e de seus alunos comprova que isto é possível.

Muito obrigado.”

CURRICULUM VITAE

Guido Ranzani



Nascimento: 05-02-1915

Naturalidade: Serra Azul/SP

Nacionalidade: Brasileiro

Filiação: Francesco Elia Ranzani e Elizabetha Ranzani

Esposa: Giselda Barbosa Ranzani

Filhos: Godofredo, Maria da Graça,
Maria Cláudia e Adriano

VIDA ESCOLAR E CURSOS REALIZADOS

- **Ensino Médio** – Ginásio Champagnat, Franca/SP 1932 e Instituto Cesário Motta, Campinas/SP - 1934
- **Colégio Universitário da ESALQ-USP** – Piracicaba/SP - 1936/38
- **Curso Superior** - Engenharia Agrônômica, ESALQ/USP - 1938/41
- **Tratores e Máquinas agrícolas** – prof. Hugo de Almeida Leme, ESALQ/USP - 1948
- **Tecnologia de Argilas** – prof. Ralf E. Grin, Escola Politécnica/USP - 1953
- **Gênese, Morfologia e Cartografia de Solos** – prof. Luiz Bramão (FAO), ENA/RJ - 1954
- **Metabolismo do Nitrogênio em Plantas e Microrganismos** – prof. Constant C. Delwiche (Univ. da Califórnia/USA), ESALQ/USP - 1954;
- **Instrumentos em Química Analítica** – prof. W. L. Lott (Univ. da Califórnia/USA), ESALQ/USP - 1957
- **Bolsa de Estudos Rockefeller Foundation** – Cornell University, Ithaca/NY/USA - 1960/61

VIDA PROFISSIONAL

NA ESALQ/USP:

- **1º Assistente** da Cadeira de Química Agrícola - 25/06/1944
- **2º Assistente** da Cadeira de Química Agrícola - 24/04/1944
- **Assistente Auxiliar** – Sessão Técnica da Química Agrícola - 09/10/1944
- **Substituto** do prof. Tufi Coury – Química Agrícola - 15/01/1954
- **2ª Reunião de Pedólogos** – Belém/PA - 28/12/1955
- **Substituto** do prof. Tufi Coury – Química Agrícola - 1956
- **Assistente Auxiliar** de Chefia e **1º Assistente** da 2ª Cadeira de Química Agrícola - 30/11 e 02/12/1956
- **Professor Catedrático** da 13ª Cadeira de Agricultura Geral - 23/05/1957
- **Membro do Conselho** Técnico-Administrativo da ESALQ - 31/01/1958
- **Presidente da Comissão Organizadora** – 7º Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Piracicaba/SP - jul./1959

- **Membro da Comissão Organizadora** – Concurso de Títulos e Provas, 3ª Cadeira de Geologia Agrícola, ENA- Universidade Rural/RJ - 195;
- **Colaboração Técnica à SUDENE** – Recife/PE - 10/02 a 02/03/62
- **Membro da Comissão Técnica** – Recuperação da Lavoura Cacauera, CEPLAC, Itabuna/BA - 1963
- **1º Congresso Latino-americano de Ciência do Solo** – Mendoza/Argentina - 23 a 30/04/1962
- **Membro do Conselho Técnico-Administrativo da ESALQ** - mar/1963
- **Membro da Comissão de Planejamento** – Centro de Estudos do Cacau, Itabuna/BA - 05/07/1963
- **Simpósio Transição Floresta-Savana** – Caracas/Venezuela - 15/05/1964
- **Colaborador do CNPq, INPA e Museu Goeldi** – Belém/PA - 19 a 26/07/1964
- **Membro da Comissão Norte** do país – Fundação Antunes; Escolas de Agronomia e Veterinária - 27/11/1964
- **Simpósio de Suelos Rojos** – Maracy/Venezuela - 22/10 a 11/1965
- **Coordenador do II Congresso Latino-americano e X Congresso Brasileiro de Ciência do Solo** – ESALQ-USP, Piracicaba/SP - jul./1965
- **Viagem ao Mato Grosso** – região do Cravari, com Dr. Nicholas Holowaychuk da OSU - 01 a 18/02/1969
- **Viagem ao Litoral Sul do Est. de São Paulo** – Iguape/Cananéia - out./nov.1969
- **Seminário de Desenvolvimento Integrado** – Itabuna/BA - 08 a 13/06/1970
- **Convênio SUVALE-CES** – Início dos trabalhos, Vale do São Francisco/BA - 19 a 24/07/1970
- **Viagem ao Vale do Rio Doce** - Companhia Vale do Rio Doce e Aracruz Florestal/ES
- **Curso de Fotointerpretação e Morfologia de Solos** – Fazenda Ipanema, Ministério da Agricultura, Sorocaba/SP - 16 a 22/08/1970
- **Viagem à Universidade da Califórnia/Riverside/USA** – como representante da ESALQ junto ao Depart. of Soils and Plant Nutrition - prof. Pratt - 21/11 a 03/12/1970
- **Chefe do Departamento de Solos e Geologia da ESALQ – idealizador e 1º Diretor** do CES-Centro de Estudos de Solos da ESALQ/USP (tendo construído a sede do CES), anexo ao DSG - a partir de 25/03/1971
- **Membro da Comissão** de Assuntos Administrativos da ESALQ - a partir de abr./1971
- **XIII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo** – Vitória/ES - 11 a 15/07/1971
- **Professor do Curso de Morfologia de Solos** – Engenharia Agrícola da Fazenda Ipanema - 16 a 20/08/1971
- **Eleição das unidades de solos da área do Jequitaiá/MG** – convênio CODEVASF-CES - 13 a 18/09/1971
- **Coordenador da Carta de Solos do Vale do Rio Jequitaiá** – convênio CODEVASF-CES - 01 a 08/11/1971
- **Projeto Rondon** – coleta de amostras de terras no Campus Avançado do Marabá/PA - 10 a 23/12/1971

- **Coordenador do Curso de Pós-Graduação de Solos e Nutrição de Plantas, ESALQ/USP** - 1969 a 1971
- **Assistente de assuntos relativos a Métodos Analíticos** – Sete Lagoas/MG - 01 a 06/02/1972
- **Convênio SUVALE-CES** – Rio de Janeiro/GB - 08 a 10/02/1972
- **Convênio SUVALE-CES** - Salvador/BA - 18 a 28/04/1972
- **Trabalho sobre Solos de Tarija – OEA:** Buenos Aires, Santiago, Quito, La Paz e Assunção, 22/06 a 20/09; apresentação do ‘Relatório de Viagens a Países da América Latina’ e publicação do mesmo - 1972
- **Convênio SUVALE/CES** – Rio de Janeiro/GB - 26 e 27/09/1972
- **Convênio SUVALE/CES** – região de Correntes/Santana do Brejo/BA - 21 a 30/10/1972
- **4º Congresso Latino-americano e 2ª Reunião Nacional de “La Ciencia del Suelo”** – Maracá/Venezuela - 12 a 18/11/1972
- **Convênio SUVALE/CES** – região de Correntes/BA - 21 a 30/11/1972
- **Convênio SUVALE/CES** – região de Formoso, Bom Jesus da Lapa/BA - 19 a 23/02/1973
- **Convênio SUVALE/CES** – Formoso/BA - 07 a 14/06/1973
- **Viagem ao Acre** – Averiguação de viabilidade da implantação de indústria açucareira - 05 a 13/07/1973
- **Convênio SUVALE/CES** – Levantamento detalhado da área de Formoso/BA - 26/07 a 13/08/1973
- **Professor no Curso de Agrologia** – Ministério da Agricultura, Diretoria Estadual do Grupo Executivo da Produção Vegetal, Fortaleza/CE - 19 a 30/11/1973
- **Delegado brasileiro na reunião sobre Projetos Multinacionais dos Trópicos Úmidos/AM**, patrocinada pela OEA – Bogotá/Colômbia - 13 a 23/05/1974
- **Congresso Brasileiro de Ciência do Solo e Projeto DEA** - Reserva Duque do Amazonas, São Luís/MA - 10/07 a 16/09/1977
- **Aposentadoria como Professor Catedrático da ESALQ/USP** – ref.MS-6 da PG-QDUSP em RDIDP, RUSP Proc.4322/50, DO nº243 - 23/12/1977

NO INPA:

- **Membro da CESSOLO/AM** – representante titular do INPA - a partir de 09/10/1981
- **Chefe do Departamento de Ciências Agrônômicas do INPA** - a partir de 01/10/1982

NO IICA:

- **Assessor do IICA** – Instituto Interamericano de Ciências Agrárias, junto ao CPATU/EMBRAPA, Belém/PA - a partir de 29/02/1984

NA EMBRAPA:

- **Chefe do CPAC** – Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados - 14/08/1985 a 23/06/1986
- **Consultor da EMBRAPA, junto ao DTC** – Departamento Técnico Científico, Brasília/DF - 1987 a 1992

NA UNITINS:

- **Professor da UNITINS** – Universidade do Tocantins em Porto Nacional/TO, com bolsa do CNPq/IA - 03/03/93 a 02/02/1994
- **Professor da UNITINS** – Porto Nacional/TO, com bolsa de Desenvolvimento Científico Regional - DCR do CNPq - 1995
- **Consultor da Fundação Universidade do Tocantins** – em Palmas/TO - 1997 a 2001
- **Presidente do IATEC** – Instituto Araguaia Tocantins de Estudo do Cerrado- 2001

TÍTULOS, ENCARGOS E FUNÇÕES

- **Engenheiro Agrônomo** diplomado pela ESALQ/USP em 1941
- **Conselheiro** da 1ª Diretoria da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo - 1947 a 1949
- **Membro** da Comissão Técnica de Química do Solo, na II Reunião Brasileira de Ciência do Solo, Pelotas/RS - 1949
- **Presidente** da Comissão Técnica de Física do Solo no V Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Pelotas/RS - 1956
- **Livre-Docente** em Agricultura Geral - 22/10/1956
- **Professor Catedrático** da 13ª Cadeira de Agricultura Geral da ESALQ/USP - 23/05/1957
- **Vice-Presidente** da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo - 1957 a 1959
- **Presidente** da Comissão Organizadora do VII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo - 1957 a 1959
- **Membro** da Comissão de Terminologia na 1ª Reunião de Técnicos de Irrigação e Drenagem – CETI - 1957 a 1960
- **Vice-Presidente** da 2ª “Reunión Argentina y Primer Congreso Latinoamericano de la Ciencia del Suelo”, Universidad Nacional de Cuyo, Chacras de Coria/Mendoza/Argentina - 23/03 a 10/04/1962
- **Membro** da Comissão Executiva do 1º Congresso Nacional de Conservação do Solo - jul./1960
- **Membro** do Conselho Técnico Administrativo da ESALQ, nos períodos - 1958 a 1961; 1961 a 1964; 1964 a 1969
- **Membro** do Grupo de Trabalho do Cacau, a convite da Comissão Executiva do Plano de Recuperação Econômico-Rural da Lavoura Cacaueira – CEPLAC - 1962 e 1963
- **Presidente** da Sociedade Latinoamericana de Ciência do Solo - 1962 a 1965
- **Membro** da Comissão Permanente de Métodos de Campo e Ensino da Ciência do Solo da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo - a partir de 1963
- **Presidente** da Comissão de Recursos dos Solos da América do Sul, FAO – Meeting of Soil Survey, Correlation, Interpretation for the Latin American Region, IQA - Inst. Quím. Agrícola, Rio de Janeiro - 1963
- **Vice-Presidente** da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo - 1963 a 1965
- **Membro** da Comissão de Orçamento e Patrimônio da ESALQ - 1964 a 1969
- **“Chairman”** do Simpósio de “Suelos Rojos” – SHELL Foundation, Maracay/Venezuela - nov/1965
- **Conselheiro** da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo - 1965 a 1969

- **Membro** da Comissão de Orçamento do Cons. Dir. CPG – Curso de Pós-Graduação da ESALQ - 1965 a 1970
- **Diretor** do Centro de Estudos de Solos da ESALQ - 1965 a 1973
- **Membro** do Conselho Diretor dos Cursos de Pós-Graduação da ESALQ - 1965 a 1977
- **Administrador** do ETA – Escritório Técnico da Agricultura, Projeto I - 4A, convênio Ministério da Agricultura/Universidade de São Paulo, Fazenda Ipanema/SP - 1966 a 1968
- **Presidente** da SBEA - Sociedade Brasileira de Engenharia Agrícola, 1967 a 1969;
- **Coordenador** do Curso de Geologia e Geomorfologia do Quaternário – Piracicaba e Rio Claro/SP - 19 a 24/10/1970
- **Membro** do ICSC - “International Comitee of Soil Condition”, junto ao “Laboratorium Voor Bodenfysika-Gent/Belgique - a partir de 30/11/1972
- **Membro** da PSA-“Pacific Science Association” desde 1968, admitido como pesquisador do INPA, Manaus/AM - a partir de 02/05/1978
- **Chefe** da Divisão de Ciências Agrônômicas do INPA - mai./1978 a abr./1980
- **Conselheiro** da SBCS – Sociedade Brasileira de Ciência do Solo - biênio 1979/81
- **Chefe** da Divisão de Solos do INPA - 1980 a 1985
- **Membro** da Comissão Técnica do 1º Simpósio do Trópico Úmido, Belém/PA - 12 a 18/11/1984
- **Chefe** do CPAC, Planaltina/DF - 14/03/1985 a 23/05/1986
- **Consultor** junto ao DTC – Dep. Téc. Cient. EMBRAPA, Brasília/DF - 24/05/1987 a 01/03/1990
- **Sócio Honorário** da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo - a partir de abr/1996
- **Membro** do Conselho Técnico Científico do Projeto Internacional dos Ecótonos Brasileiros - a partir de 1997

PALESTRAS E CURSOS MINISTRADOS

- **Curso** ‘Extensão Teórica Prática’ – 2ª Cadeira de Química Agrícola, com José Mello Moraes, Tufi Coury e Edmar José Kiel, ESALQ/USP - jan./1948
- **Palestra** ‘O Problema da Vinhaça em São Paulo’ – Semana do Fazendeiro - jul./1951; Rádio Difusora de Piracicaba PRD-6, publicada na revista Colheitas e Mercados-6pgs - 1952
- **Palestra** ‘A Calagem dos Solos’ – 2ª Semana do Agricultor, ESALQ/USP - jul./1952
- **Palestra** ‘Argila e Minerais de Argilas’ – Instituto Agrônômico do Norte, Belém/PA - fev./mar.1956
- **Palestra** ‘Levantamento Conservacionista’ – Centro de Treinamento Básico de Conservação de Solo, Campinas/SP - 24/08/1956
- **Curso** ‘Pós-Graduação de Adubos e Adubações’ – para agrônomos da Petrobrás, com E. Malavolta, T. Coury e M. C. do Brasil Sobrinho - fev./mar.1957
- **Palestra** ‘A Matéria Orgânica do Solo’ – Centro Paulista de Debates Agrônômicos da Sociedade de Agronomia de São Paulo - 27/06/1958
- **Curso** rápido ‘Solos e Agricultura Geral’ – com C. M. César, E. J. Kiel e O. Freire, ESALQ/USP - 14 a 19/07/1958

- **Palestra** ‘Aspectos Edafológicos da Irrigação’ – Semana Luiz de Queiroz, Pavilhão de Química da ESALQ/USP - 08 a 13/09/1958
- **Palestra** ‘A Carta de Solos como Base Essencial na Conservação do Solo’ – Sociedade Paulista de Agronomia, Centro de Debates Agronômicos, São Paulo/SP, publicada na revista São Paulo Agrícola-Sociedade Paulista de Agronomia, Ano II nº18:60-62 - 08/06/1960
- **Palestra** ‘Alguns Aspectos da Vida Universitária Norte-americana’ – Rotary Club de Piracicaba/SP - mar/1962
- **Palestra** ‘Os EUA, do Atlântico ao Pacífico’ – Lions Club de Piracicaba/SP - abr./1962
- **Palestra** ‘A Carta de Solos como Base da Conservação do Solo’ – comemoração do 196º aniversário de Piracicaba, Salão Nobre ESALQ/USP - 01/08/1962
- **Palestra** ‘Solos do Cerrado’, Simpósio sobre o Cerrado – Departamento de Botânica-Cidade Universitária de São Paulo - 05/12/1962
- **Palestra** ‘O Homem Civilizado Aprende com o Índio’ – Sobre a terra preta de índio da Amazônia, Rotary Club de Piracicaba - mai/1963
- **Palestra** ‘Plaggen Epipedon no Brasil’ – Sobre a terra preta de índio da Amazônia, ESALQ/USP - 19/10/1963
- **Palestra** ‘Carta de Solos do Município de Piracicaba’ – Encerramento do 1º Ciclo de Seminários sobre Ciência do Solo, ESALQ/USP - 07/12/1963
- **Aulas** (com outros professores da ESALQ), sobre ‘O Solo como Fornecedor de Nutrientes’ – Curso Internacional de Diagnose Foliar, IICA - Instituto Interamericano de Ciências Agrárias - 20/01 a 20/02/1964
- **Palestra** ‘Conservação do Solo’ – Colégio Assunção de Piracicaba - 24/05/1964
- **Palestra** ‘Solos para Pastagens no Município de Piracicaba, SBZ – Sociedade Brasileira de Zootecnia, subseção de Piracicaba, ESALQ/USP - 30/04/1964
- **Palestras** e Plano de Trabalho ‘Carta de Solos do Estado de São Paulo’ – 10ª Zona Conservacionista do Estado, Presidente Prudente - 04/06/1964
- **Palestra** ‘Estado Atual dos Conhecimentos dos Solos do Estado de São Paulo’ – Simpósio ‘O Problema de Classificação e Uso da Terra’ patrocinado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, Poços de Caldas/MG - 14/07/1964
- **Palestra** ‘Considerações sobre Uso e Manejo dos Solos de Cerrado’ – Universidade de Brasília-Ministério da Agricultura - 18/09/1964
- **Palestra** ‘Solos da Fazenda Ipanema’ – Fazenda Ipanema, Sorocaba/SP - abr./1965
- **Curso** ‘Morfologia de Solos’, CES-Centro de Estudos de Solos ESALQ/USP, para alunos da Universidade de Pernambuco - 01 a 30/01/1966
- **Curso** rápido ‘Atualização em solos’ – CES-Centro de Estudo de Solos ESALQ/USP, para agrônomos da Quimbrasil-AS - 04 a 09/07/1966
- **Palestra** ‘Solos do Estado de São Paulo’ – Cadeira de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro/SP - 02/09/1966
- **Palestra** ‘Brasil Central: Aspectos e Possibilidades oferecidas à Investigação Científica’ – II Ciclo de Seminários em Ciência do Solo, ESALQ/USP - 1966
- **Palestra** ‘Interpretação das Cartas de Solo’, II Ciclo de Seminários em Ciência do Solo, ESALQ/USP - 1966

- **Curso** ‘Fotointerpretação Aplicada a Solos’ – patrocínio SUDENE, SUDEC, DNOCS e CODAGRO, Centro de Treinamento de Pessoal, Pentecoste/CE - 08 a 20/07/1968
- **Palestra** ‘Classificação de Solos’ – Divisão Fitotécnica DOT, CATI, Campinas/SP - 30/11/1968
- **Curso** ‘Conservação do Solo e Fotointerpretação’ – Centro de Treinamento da Fazenda Ipanema, Sorocaba/SP, para agrônomos do Ministério da Agricultura - 21 a 28/09/1969
- **Curso** ‘Conservação do Solo e Fotointerpretação’ – Centro de Treinamento da Fazenda Ipanema, Sorocaba/SP, para agrônomos do Ministério da Agricultura - 07 e 08/10/1969
- **Palestra** ‘Subsídios à Geografia de Piracicaba’ – Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba/SP, Salão de Atos do Jornal de Piracicaba - 03/04/1970
- **Palestra** ‘Solos do Cerrado no Brasil’ – XXII Congresso Nacional da Sociedade Botânica do Brasil e 3º Simpósio sobre Cerrado, São Paulo/SP - 15 a 22/01/1971
- **Palestra** ‘Conservação do Solo: Passado e Presente’ – Rotary Club de Cosmópolis/SP - 12/04/1971
- **Palestra** ‘Considerações sobre os Solos da Amazônia’ – Salão Nobre da ESALQ/USP - 05/05/1971
- **Curso** ‘O Solo Piracicabano’ – Curso de Orientação Museológica, Museu Histórico e Pedagógico ‘Prudente de Moraes’, Piracicaba/SP - 14 a 22/07/1971
- **Curso** ‘Morfologia de Solos’ – Ministério da Agricultura e Fazenda Ipanema,, Sorocaba/SP - 16 a 20/08/1971
- **Curso** rápido sobre ‘Solos de Café’ – ESALQ/USP com duração de 3 semanas, e palestra sobre ‘Caféicultura’ IAC - Instituto Agrônomo de Campinas e Fund.CM Banco do Brasil - 13/10/1971
- **Palestra** ‘O Polígono das Secas-Considerações Gerais’ (ilustrada com 50 ‘slides’) – Rotary Club de Piracicaba/SP - 28/03/1973
- **Curso** ‘Capacitação Profissional em Fotointerpretação, Levantamento e Conservação de Solos’ – Para agrônomos do Ministério da Agricultura, com G. V. França e O. Freire ESALQ/USP - 21/11 a 20/12/1975
- **Palestra** ‘O Melhor Solo-Conceito’ – Seminário ‘Solos e Nutrição de Plantas’ do CPG - Curso de Pós-Graduação, ESALQ/USP - 24/04/1976
- **Palestra** ‘O Papel do Engenheiro Agrônomo ante a Realidade Nacional’ – Faculdade de Ciências Biológicas de Botucatu, para alunos do 4º ano de Agronomia - 03/05/1976
- **Palestra** ‘O Projeto RADAM na Amazônia Brasileira’, Rotary Club Vila Resende, Piracicaba/SP - 06/05/1976
- **Conferência** ‘O Convívio do Homem com a Natureza’ – Abertura do IV Encontro sobre Escoamento em Meios Porosos, Faculdade de Medicina Veterinária e Agronomia, Jaboticabal/SP - 06/10/1976
- **Conferência** ‘Ecologia Amazônica e Preservação’ – FUA-Fund. Univ. da Amazônia, INPA-Inst. Nac. Pesquisa da Amazônia e Projeto RONDON, Manaus/AM - 06 a 19/07/1978

- **Curso** disciplinar ‘Solos I da Amazônia’ – Curso de Pós-Graduação do INPA-Inst. Nac. Pesquisa da Amazônia, Manaus/AM - 04/09 a 30/10/1978
- **Palestra** ‘Comportamento dos Solos Amazônicos’ – Seminário do INPA-Inst. Nac. Pesquisa da Amazônia, Manaus/AM - 17/10/1978
- **Palestra** ‘Algumas Terras e os Ecossistemas da Amazônia Brasileira’ – Universidade Federal de Mato Grosso/INPA, Cuiabá/MT - 18/10/1979
- **Exposição** ‘Aspectos Gerais das Pesquisas em Andamento na Divisão de Agronomia do INPA’ – Seminário do INPA, Manaus/AM - 25/09/1979
- **Palestras** ‘Aspectos Fundamentais de Solos da Região Amazônica’ – Sede da UEPAT - Unid. Exper. Pesq. da Amazônia Tropical/INPA, Porto Velho/RO, a convite do Agrº Marcio A. Cattini - 16 e 17/06/1981
- **Curso** de Pós-Graduação – Disciplina Eco 01-Solos da Amazônia, FUA-Fundação Universidade do Amazonas/INPA, Manaus/AM - 28/08 a 13/11/1981
- **Curso** ‘Atualização em Fertilidade do Solo’ – INPA- Inst. Nac. Pesquisa da Amazônia, Manaus/AM - mai./jun.1982
- **Palestra** ‘Considerações sobre Possíveis Atributos de Solos da Região Amazônica’ – INPA-Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia - 31/05 a 04/06/1982
- **Palestra** ‘Natureza dos Solos do Estado do Amazonas’ – Encontro de Geotecnia do Amazonas, Manaus/AM - 07 a 09/06/1982
- **Palestra** ‘Considerações sobre o Uso de Terras Amazônicas’ – Simpósio de Políticas para a Amazônia, Belém/PA - 27 a 29/11/1984
- **Palestra** ‘Impressão de Viagem ao Oeste Baiano’ – Seminário CPAC- Centro de Pesquisa Agrônômica do Cerrado/EMBRAPA, na visita de japoneses da JICA do Paraná - 03/04/1986
- **Palestra** ‘Solos da Amazônia - Uso e Manejo’ – XII SECITAP, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal/UNESP - 04 a 08/05/1987
- **Palestra** ‘Solos e Seus Problemas na Região de Rondonópolis/MS’ – II Encontro Regional de Conservação do Solo - 25/09/1987
- **Palestra** ‘Levantamento de Solos’ – Encontro Regional sobre Microbacias Hidrográficas da EMBRAPA, São José Mipibu/RN - 17 a 26/11/1987
- **Palestra** ‘A Contribuição da Pesquisa na Microbacia Hidrográfica’ – 1º Encontro do Centro-Oeste, EMBRAPA Brasília/DF - 04 a 06/05/1988
- **Palestra** ‘O Programa Nacional de Microbacias - Piloto’, EMBRAPA/DTC - Dep. Téc. Científico - 14/07/1988
- **Curso** ‘Atualização em Ciência do Solo’ – Para técnicos do INCRA-Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, EMBRAPA Brasília/DF - ago./1989
- **Curso** ‘Atualização em Ciência do Solo’, para técnicos do Ministério da Agricultura, EMBRAPA Brasília/DF - out/1989
- **Palestra** ‘Possibilidades e Limitações dos Recursos Naturais do Tocantins’ – Para alunos do Centro Universitário de Gurupi/TO - 16/03/1993
- **Palestra** ‘Alguns Solos do Estado do Tocantins’ – Para alunos do Centro Universitário de Porto Nacional/TO - 22/05/1993
- **Palestra** ‘Recursos Naturais do Estado do Tocantins’ – 1º Encontro de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento do Estado do Tocantins, Palmas/TO - 19/10/1993

- **Palestra** ‘Microbacias Hidrográficas’ – Auditório do IBAMA, Palmas/TO - 10/05/1995
- **Aula** ‘Solos: Gênese, Morfologia e Classificação’ – Centro Universitário de Palmas/UNITINS-Universidade do Tocantins 24/05/1995
- **Aula Magna** ‘Contribuição Pedológica à Dinâmica do Sistema Natural’ – Centro Universitário de Palmas/TO - 26/02/1996
- **Palestra** ‘Contribuição da Pedologia à Dinâmica do Sistema Natural’ – Aula inaugural do Curso de Engenharia Ambiental do Centro Universitário de Palmas/TO - ano letivo de 1996
- **Palestra** ‘Solos do Estado do Tocantins’ – Associação dos Engenheiros Agrônomos do Tocantins, Palmas/TO - 21/10/1997
- **Aula** disciplinar ‘Fundamentos de Geologia’ – 1º e 2º períodos do 1º ano de Engenharia Ambiental, UNITINS - Univ. do Tocantins, Palmas/TO - 1998
- **Aula** disciplinar ‘Fundamentos de Geologia’ – 1º e 2º períodos do 1º ano de Engenharia Ambiental, UNITINS - Univ. do Tocantins, Palmas/TO - 1999
- **Aula** disciplinar ‘Fundamentos de Geologia’ – 1º período do 1º ano de Engenharia Ambiental, UNITINS - Univ. do Tocantins, Palmas/TO - 2000
- **Aula** disciplinar ‘Cristalografia’ – 5º período do 3º ano de Engenharia Ambiental, UNITINS-Univ. do Tocantins, Palmas/TO - 2001

PARTICIPACÕES EM CONGRESSOS E REUNIÕES CIENTÍFICAS

- **Representante** da ESALQ/USP na I Reunião Brasileira de Ciência do Solo, Rio de Janeiro - 06 a 20/10/1947
- **Apresentação** do trabalho ‘Teor de Azoto em Solo Cultivado com Essências Florestais Exóticas e Indígenas’, II Reunião Brasileira de Ciência do Solo, com J. M. Moraes, T. Coury e E. J. Kiel, Campinas/SP - 11 a 23/07/1949
- **VIII Congresso** Internacional de Indústrias Agrícolas, Bruxelas/Bélgica - 1950
- **III Reunião** Brasileira de Ciência do Solo, Recife/PE - 17 a 29/07/1951
- **II Congresso** Mundial de Adubos Químicos, Roma/Itália - 1951
- **2ª Semana** do Agricultor, Piracicaba/SP - 1951
- **I Congresso** Brasileiro de Química, Rio de Janeiro - jul./1952
- **IV Reunião** Brasileira de Ciência do Solo, Belo Horizonte/MG - 17 a 20/07/1953
- **II Congresso** Pan-americano de Agronomia, São Pedro-Piracicaba/SP - mar./abr. 1954
- **V Congresso** Brasileiro de Ciência do Solo, Pelotas/RS - 04 a 16/07/1955
- **2ª Reunião** de Pedólogos, Belém/PA - 02 a 03/1956
- **VI Congresso** Brasileiro de Ciência do Solo, Cruz das Almas/BA - 15 a 26/07/1957
- **Apresentação** de tese sobre ‘Vinhaça’, ‘2nd Geneve Conference (p/404) USA’, Genebra/Suíça - 1957
- **VII Congresso** Brasileiro de Ciência do Solo, Piracicaba/SP - 20 a 30/07/1959
- **I Congresso** Nacional de Conservação do Solo, Campinas/SP - jun./1960
- **‘Annual Meeting’** – ‘American Society of Agronomy’, Chicago/Illinois/USA - dez./1960
- **VIII Congresso** Brasileiro de Ciência do Solo, Belém/PA - 18 a 30/07/1961

- **Apresentação** de trabalhos na ‘Segunda Reunion Argentina y Primer Congreso Latino-americano de la Ciencia del Suelo’, Mendoza/Argentina - 1962
- **Reunião Conjunta** – FAO e Técnicos Latino-americanos, Instituto de Química Agrícola, Rio de Janeiro - 22 a 31/05/1962
- **1ª Reunião** Sobre Planejamento da Lavoura Cacauera, Ministério da Agricultura, CEPLAC-Instituto do Cacau da Bahia, ESA-Cruz das Almas e ESALQ-Piracicaba, Itabuna/BA - 04 a 16/11/1962
- **Apresentação** de tese sobre ‘Solos de Cerrado’, 1º Simpósio Sobre o Cerrado, Cidade Universitária da USP, São Paulo/SP - 05 a 07/12/1962
- **2ª Reunião** Sobre Planejamento da Lavoura Cacauera, Ministério da Agricultura, CEPLAC, Instituto do Cacau da Bahia, ESA Cruz das Almas e ESALQ de Piracicaba, Itabuna/BA - 17/05 a 02/06/1963
- **Reunião** Sobre Planejamento do Centro de Estudos do Cacau; Itabuna/BA - 20 a 24/06/1963
- **IX Congresso** Brasileiro de Ciência do Solo, Fortaleza/CE - 15 a 30/07/1963
- **1º Ciclo** de Seminários Sobre Ciência do Solo do CES-Centro de Estudo do Solo da ESALQ, com participação dos professores das Cadeiras de Agricultura Geral, Física, Química Analítica, Química Biológica, Geologia, Engenharia, Zoologia, Fitopatologia, Matemática e Mecânica - ago./set.1963
- **Reunião Preliminar** de Planejamento de Convênio com a ESA de Areia/Paraíba, com Hugo de Almeida Leme e Frederico Pimentel Gomes, a convite da COSUPI, Rio de Janeiro - 03 a 07/01/1964
- **Reunião Preliminar** para elaboração do projeto de criação do Instituto Agrônomo do Estado do Espírito Santo, com Jorge Leme Junior, A. Küpper, J. P. Medina e técnicos da Secretaria da Agricultura Capixaba - 07 a 18/01/1964
- **Simpósio** Sobre Contato Savana/Floresta da UNESCO, Venezuela (Proc. RUSP 1736-63) - 14 a 30/05/1964
- **Coordenador** do Simpósio de Solos da VI Reunião Latino-americana de Fitotecnia, Lima/Peru - 01 a 07/11/1964
- **X Congresso** Brasileiro e II Congresso Latino-americano de Ciência do Solo, Piracicaba/SP - 19 a 30/07/1965
- **‘Symposio** Sobre Suelos Rojos’, ‘Fundação SHELL para el Agricultor’ (Cagua, Edo Aragua), Maracay/Venezuela - de 15 a 30/11/1965
- **II Ciclo** de Seminário Sobre Ciência do Solo, CES-ESALQ Piracicaba/SP - 21 a 25/06/1965
- **Reunião** do Grupo de Estudos da Região Xavantina-Cachimbo, relatório da região apresentado à RUSP- Reitoria da USP, com prof. Fernando Almeida - set/1967
- **Reunião** Alpha Helix, sobre conquistas científicas dos estudos dos grupos brasileiro e norte-americano na Amazônia, realizadas no laboratório do navio Alpha Helix - 1967
- **Reunião** para Uniformização de Métodos de Pesquisa em Solos no Estado de São Paulo, com técnicos do Instituto Agrônomo de Campinas, CES-ESALQ/USP - jun./1969
- **XII Congresso** Brasileiro de Ciência do Solo, Curitiba/PR - 14 a 26/07/1969

- **Representante** da EMBRAPA, CTI-IV, Programa Nossa Natureza – Proteção do Meio Ambiente, das Comunidades Indígenas e das Populações Envolvidas no Processo Extrativista
- **Seminário** de Desenvolvimento Regional Integrado, CEPLAC-Centro de Pesquisa da Lavoura Cacaueira, Itabuna/BA - 08 a 13/06/1970
- **Curso** Intensivo de Geologia e Geomorfologia do Quaternário, ministrado pelo prof. J. J. Bigarella, CES-ESALQ/USP, Piracicaba e Rio Claro - 19 a 24/10/1970
- **Reunião** para Projetos do Convênio CES-RIVERSIDE, realizada em Riverside, Califórnia/USA - 27/10 a 05/11/1970
- **III Simpósio** Sobre o Cerrado, Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, USP?SP - 15 a 23/01/1971
- **XIII Congresso** Brasileiro de Ciência do Solo, Vitória/ES - 11 a 15/07/1971
- **Seminário** Sobre Solos e Agroindústria Açucareira, organizado pelo CES-ESALQ, ministrado pelo prof. L. D. Baver, Universidade da Califórnia/USA, Piracicaba/SP - 31/08 a 03/09/1971
- ♦ **Seminário** Alguns Aspectos dos Solos, Agricultura e Vida na Tailândia, organizado pelo CES-ESALQ, ministrado pelo prof. T. H. Seldon, Cornell University, Ithaca/NY/USA, Piracicaba/SP - 24 a 27/11/1971
- ♦ **III Congresso** Latino-americano e II Reunião Nacional de Ciência do Solo, Maracay/Venezuela - 12 a 18/11/1972
- **Convidado do CNPq** ao IV Simpósio Sobre o Cerrado, Brasília/DF - 21 a 25/07/1976
- **IV Encontro** Sobre Escoamento em Meios Porosos, Faculdade de Medicina Veterinária e Agronomia, Jaboticabal/SP - 06 a 09/10/1976
- **Reunião** sobre Utilização dos Levantamentos de Solos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS - jul./1976
- ♦ **Workshop** ‘International Soil Classification’, Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solo, EMBRAPA, Rio de Janeiro/Brasil - 20/06 a 01/07/1977
- **XVI Congresso** Brasileiro de Ciência do Solo, São Luiz/MA - 11 a 16/07/1977
- **I Reunião** de Classificação, Correlação e Interpretação de Aptidão Agrícola, ENA - Esc. Nac. Agronomia, Rio de Janeiro km47 - 01 a 08/08/1978
- **1º Encontro** Nacional de Fruticultura Tropical, INPA-Inst. Nac. Pesq. Amazônia, Manaus/AM - 14 a 18/08/1978
- **XVII Congresso** Brasileiro de Ciência do Solo, Manaus/AM - 08 a 13/07/1979
- **Visita** à JARI Florestal e Agropecuária Ltda., com Relatório sobre Recursos Naturais-Solos, 21pgs.ilustradas - 04 a 10/11/1980
- **Workshop** Requerimentos de Fertilizantes, sob orientação do Dr. J. D. Colwell, CSIRO/Austrália e coordenação de Leôncio Gonçalves Dutra, ESPA - Manaus/AM - 30/09 a 02/10/1981
- ♦ **Curso** de Atualização em Fertilidade do Solo, INPA-Inst. Nac. Pesq. Amazônia, Manaus/AM - 07 a 09/06/1982
- **Encontro** de Geotecnia do Amazonas, FUA-Fund. Univ. do Amazonas, Manaus/AM - 07 a 09/06/1982
- **II Reunião** de Correlação, Classificação e Aptidão Agrícola dos Solos, SNLCS/EMBRAPA - 23 a 28/09/1984

- **1º Simpósio** do Trópico Úmido, Belém/PA - 12 a 18/11/1984
- **Simpósio** de Políticas para a Amazônia, Belém/PA - 27 a 29/11/1984
- **Simpósio** Paraense de Direito do Meio Ambiente, Belém/PA - 30 e 31/05/1985
- **XX Congresso** Brasileiro de Ciência do Solo, Belém/PA - 14 a 21/07/1985
- **8th Workshop** ‘International Soil Classification’, Rio de Janeiro - 12 a 23/05/1986
- **VI Congresso** Brasileiro e VI Encontro Nacional de Pesquisa Sobre Conservação do Solo, Campo Grande/MS - 13 a 18/07/1986
- **Simpósio** de Manejo de Água na Agricultura, IAC-Inst. Agr. de Campinas/SP - 07 a 14/03/1987
- **III Encontro** Brasileiro de Agricultura Alternativa, Cuiabá/MT - 12 a 17/04/1987
- **XXI Congresso** Brasileiro de Ciência do Solo, Campinas/SP - 19 a 25/07/1987
- **1º Encontro** sobre Manejo Integrado de Águas e Solos em Microbacias Hidrográficas, Toledo/PR - 18 a 21/08/1987
- **Seminário** Quantificação e Informatização em Solos, Campinas/SP - 28 a 30/09/1987
- **1º Seminário** de Agronomia do Estado do Mato Grosso, AEAMT, Cuiabá/MT - 07 a 11/10/1987
- **Encontro** ‘Escuela Latino-americana de Física de Suelos’, São Carlos/SP - 24/01 a 06/02/1988
- **1º Encontro** do Centro-Oeste Sobre Microbacias Hidrográficas, EMBRAPA, Brasília/DF - 04 a 06/05/1988
- **VII Congresso** Brasileiro e VII Encontro Nacional de Pesquisa Sobre Conservação do Solo, João Pessoa/PB - 24 a 29/07/1988
- **1º Congresso** Brasileiro Sobre Microbacias Hidrográficas, Brasília/DF - 07 a 11/11/1988
- **1º Congresso** Internacional Sobre Conservação do Pantanal, Campo Grande/MS - 12 a 16/06/1989
- **Representante** da EMBRAPA no Programa ‘Nossa Natureza’, GTI-IV: Proteção do Meio Ambiente, Comunidades Indígenas e Populações Envolvidas no Processo Extrativista - jan./1989
- **XXII Congresso** Brasileiro de Ciência do Solo, Recife/PE - 23 a 31/07/1989
- **Palestrante** do XXIV Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Recursos Naturais do Estado do Tocantins, Goiânia/GO - 25 a 31/09/1993
- **Palestra de Abertura** do 1º Encontro de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento do Tocantins, Palmas/TO - 19 a 21/10/1993
- **Debatedor** na Reunião Sobre O Papel da Engenharia Ambiental na Sociedade, Centro Universitário de Palmas/TO - 18 a 19/05/1994
- **Representante** da UNITINS (Univ. do Tocantins) e membro do Conselho sobre Ecótonos no Workshop ‘Ecótonos Brasileiros’, patrocínio da UNESCO, Governo do Est. Tocantins e Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, Lagoa da Confusão/TO - 05 a 08/03/1996

LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS PUBLICADOS

Solos para Cana de Açúcar – Ed. Instituto Brasileiro de Potassa, no livro “Cultura e Adução da Cana-de-Açúcar”, Cap.IV:99-120, São Paulo/SP, 1937

- Pequeno Guia para Levantamento de Solos** – Editado pela ESALQ/USP, 11 p., 1963
- Manual de levantamento de Solos** – Ed. da USP - Universidade de São Paulo/SP, 1ª Edição, 112 p. ilustradas, 1965
- Terras para Café** – Ed. Cia. Melhoramentos de São Paulo, no livro “Manual do Cafeicultor”, Cap.IV:63-103, com E. J. Kiehl, 1967
- O Solo como Fornecedor de Nutrientes aos Vegetais** – Ed. Agronômica Ceres Ltda., no livro “Manual de Química Agrícola de E. Malavolta, Cap.XXVI:587-606
- Manual de Levantamento de Solos** – Ed. Blucher, São Paulo/SP, 2ª Edição Revista e Ampliada, 167 p. ilustradas, 1969
- Subsídios à Geografia de Piracicaba** – Editado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba/SP, 79 p. ilustradas, 1976
- Carta de Solos dos Municípios de Porto Nacional e Ipueiras** – Ed. Unitins, apoio CNPq, Palmas/TO, 91 p. ilustradas com mapas de solos anexos, 1996
- Solos e Aptidão Agrícola das Terras do Município de Palmas/Tocantins** – Editado pela Unitins, 85 p. ilustradas com mapas de solos anexos, 2002

TRABALHOS DE PESQUISA

- 1945** - “Efeito do Arsênico sobre a Cultura do Algodoeiro em Terra Arenosa” – com T. Coury, 1ª Reunião Brasileira de Ciência do Solo, Rio de Janeiro, Anais da ESALQ, vol.2:393-422
- 1947** - “Micro determinação do Arsênico” – Anais da ESALQ-USP. Separata nº 74:362-370
 “Sobre o Teor de Azoto em Solo Cultivado c/Essências Florestais Indígenas e Exóticas” – com J. Mello Moraes, T. Coury e E. J. Kiehl, 1ª Reunião Brasileira de Ciência do Solo- Rio de Janeiro e Anais da 2ª Reunião Brasileira de Ciência do Solo, 1953, Campinas, p. 338
- 1950** - “A Vinhaça na Agricultura” – com J. R. Almeida e O. Valsecchi, Boletim nº1 do Inst. de Zootecnia, ESALQ-USP
- 1951** - “Essai de Fertilization Minerale sur le Sital” - *Agave sicalana ferrine* – com T. Coury, E. Malavolta, E. J. Kiehl, F. P. Gomes, V. Lopes Fagundes, 2º Congresso de Adubos Químicos - Roma, 1951. ESALQ-USP, Boletim Técnico nº11:73-82
 “Influência do Cloro sobre a Composição do Caldo de Cana de Açúcar Co₂₉₀, Aplicado no Solo na Forma de Cloreto de Sódio” – com J. Mello Moraes, J. R. Almeida, T. Coury, F. P. Gomes, O. Valsecchi e E. J. Kiehl, 2º Congresso de Adubos Químicos - Roma, 1951. ESALQ-USP, Boletim Téc. nº11:73-82
- 1952** - “La Fertilizacion Azoté dans la Menthe” - *Mentha arvensis* – com E. J. Kiehl, ESALQ-USP, Boletim Técnico nº11:71-72
 “Recherches sur le Fertilization de Can ne d’Assucre avec le Clorure de Potassium em Presence de Clorure de Sodium” – com J. Mello Moraes, J. R. Almeida, T. Coury, F. P. Gomes, O. Valsecchi e E. J. Kiehl, ESALQ-USP, Boletim Técnico nº11:73-82

- “Curvas de Titulação e Capacidade de Tampão dos Solos do Estado de São Paulo” – Anais da ESALQ-USP. vol.9 - Separata 165:143-156
- “Arsenicais e Inseticidas Orgânicos sobre o Algodoeiro em Terras Roxa e Arenosa” – 1º Congresso Brasileiro de Química - Rio de Janeiro/RJ, Anais da ESALQ-USP. vol.10:37-45 e Anais da Assoc. Brasileira de Química, vol.XII:103-172 - 1953
- “As Tortas de Cacau e Algodão na Adubação da Cana” – com T. Coury e E. Malavolta, 1º Congresso Brasileiro de Química – Rio de Janeiro/RJ, Anais da ESALQ-USP. vol. 10:31-35 e Anais da Assoc. Brasileira de Química vol.XII:150-162
- “Contribuição para a Solução do Problema de Fertilizantes no Brasil” – com J. Mello Moraes, T. Coury, E. Malavolta, M. O. C. do Brasil Sbrº, Revista Químico-Industrial nº244:21 e Anais da ESALQ-USP, vol.10
- “O problema da Vinhaça em São Paulo” – Boletim Colheitas e Mercados Ano III - nº5/6:11-14
- 1953** - “Sintomas de Carência de K e Mg no Algodão” – com T. Coury, Anais da ESALQ-USP, vol.11
- “Estudo sobre ‘O Vermelhão do Algodoeiro’” – com T. Coury, 4º Congresso Brasileiro de Ciência do Solo – Belo Horizonte/MG – p.186-195 Anais da ESALQ-USP, vol.11:83-93
- “A Vinhaça e Adubos Minerai-1” – com M. C. do Brasil Sbrº, E. Malavolta e T. Coury, 4ª Reunião Brasileira de Ciência do Solo – Belo Horizonte/MG e Anais da ESALQ-USP, vol.10:97-108
- “Em Torno da Questão ‘O Vermelhão do Algodoeiro’” – com T. Coury, Anais da ESALQ, vol.11
- “Competição Entre Adubos Fosfatados em Milho” – com E. Malavolta, T. Coury, R. A. Catani, M. O. C. Brasil Sbrº e H. V. de Arruda, IV Reunião Brasileira de Ciência do Solo, Belo Horizonte/MG, Anais da ESALQ vol.10:109-120
- 1954** - “Experiência com Adubação Mineral e Orgânica com Capim Kikuio” – com A. P. Torres e T. Coury, 2º Congresso Pan-americano de Agronomia – São Pedro-Piracicaba/SP e Anais ESALQ-USP. vol. XII, 1955/56, Separata nº214:20-35
- “Consequência da Aplicação do Restilo ao Solo” – Anais da ESALQ-USP - nº12:57-68
- “Contribuição ao Estudo do ‘O Vermelhão do Algodoeiro’” - *Gossypium herbaceum* – com T. Coury, E. Malavolta e M. O. C. do Brasil Sbrº, II Congresso Pan-americano de Agronomia, Piracicaba/SP, resumo dos trabalhos p. 134, Anais da ESALQ vol.11:46-65
- 1955** - “Análise Mecânica de Solos para Método de Bouyoucos Modificado” – Anais do 5º Congresso Brasileiro de Ciência do Solo - Pelotas/RS p. 18-31
- “Sorbímetro - Um aparelho para determinação das relações Solo-Água” – com A. Porta, 5º Congresso Brasileiro de Ciência do Solo – Pelotas/RS e Anais da ESALQ-USP, 1957- vol. XIV-XV: 1-12
- “O Coeficiente de Permeabilidade Hidráulica do Solo” (1) – Anais do 5º Congresso Brasileiro de Ciência do Solo - Pelotas/RS, p. 32-39

- “Os Micromonólitos” – Anais do V Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Pelotas/RS, p. 305-312
- 1956** - “Levantamento da Carta de Solos da Seção Técnica de Química Agrícola” – Tese apresentada à ESALQ-USP para a Docência Livre em Agricultura Geral, 36 p.
- “Competição entre Adubos Fosfatados em Milho” – com E. Malavolta, T. Coury, M. O. C. do Brasil Sbrº e H. V. Arruda, 4ª Reunião Brasileira de Ciência do Solo - Belo Horizonte/MG - vol.10:197-205
- “Levantamento de Solos” – Anais da 6ª Reunião Brasileira de Ciência do Solo - Seção Técnica de Química Agrícola ESALQ-USP, 36 p.
- 1957** - “Improvements of Haggmann’s Method for Injecting Insect Tracheae” – com Domiciano Dias, Revista Stain Technology vol. 32-1:3-5
- “Contribuição ao Estudo dos Métodos de Determinação do pH em Solos” – Tese apresentada para provimento do cargo de Professor Catedrático da 13ª Cadeira de Agricultura Geral - ESALQ-USP
- “Diagnose Foliar na Cana de Açúcar - I” Resultados Preliminares – com T. Coury, E. Malavolta, F. P. Gomes, O. Valsecchi, P. A. Mello, R. F. Novais e L. N. Menard, Anais do 6º Congresso Brasileiro de Ciência do Solo - Salvador/BA e “Reprint from Potash Review” subj.27 - 20th suite:151
- “Variação do pH de Solos com a Diluição” – com F. P. Gomes, Anais do 6º Congresso Brasileiro de Ciência do Solo - Salvador/BA, p. 67-70
- “O pH de Equivalência em Solos” – Anais do 6º Congresso Brasileiro de Ciência do Solo – Salvador/BA, p. 62-63
- 1958** - “Anteprojeto do Plano de Colonização das Fazendas ‘IBITI’” – Relatório publicado pelo DIC-Departamento de Colonização e Imigração, Itararé/SP.
- 1959** - “A capacidade de Produção de Radônio de Alguns Solos Brasileiros” - com E. Malavolta e C. C. Delwiche, VII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Piracicaba/SP, ESALQ/USP, Boletim 23, 13 p.
- “A Influência da Cobertura Morta Sobre a Estrutura do Solo” – com O. Freire, E. J. Kiehl, C. M. Cesar e J. V. Galhardo Silva, VII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Piracicaba/SP
- “Análise Granulométrica do Solo I” – com O. Freire, E. J. Kiehl e C. M. Cesar, VII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Piracicaba/SP
- “Registro e Tratamento de Amostras de Terra em Laboratório” – com O. Freire, E. J. Kiehl e C. M. Cesar, VII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Piracicaba/SP
- “A diagnose Foliar na Cana de Açúcar I” – com E. Malavolta, T. Coury, F. Pimentel Gomes, O. Valsecchi, J. D. P. Arzolla, M. O. C. do Brasil Sbrº, H. P. Haag, F. A. F. Mello, R. F. Novaes, S. Arzolla e L. N. Menard, VII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Piracicaba/SP
- 1960** - “A Carta de Solos como Base Essencial da Conservação do Solo” – Revista São Paulo Agrícola - Soc. Paulista de Agronomia, ano II-nº18:60-62
- “Weathering of Great World Soil Groups as Related to General Atmospheric Radioactivity” – com C. C. Delwiche, R. O. Hansen, P. R. Stout e G. B. Jones, 2nd U. E. Genova Conference (P/404 USA), p. 551-556

- 1961** - “Carta de Solos do Município de Piracicaba” – com O. Freire e T. Kinjo, VIII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Belém/PA e CES-Centro de Estudos de Solos ESALQ/USP, 85 p. ilustradas
- “Aproveitamento dos ‘Campos Cerrados’ para Pastagens” – com O. Freire, T. Kinjo e M. O. C. do Brasil Sbrº, 13ª Cadeira de Agronomia, 10 p.
- “Oxisolo de Itararé” - com O. Freire, T. Kinjo, C. O. Silveira e R. S. Inclan, VIII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Belém/PA e II Reunião Argentina e 1º Congresso Latino-americano de Ciência do Solo, Mendoza/Argentina, vol.15:80, abr-1962
- “A Diagnose Foliar da Cana-de-açúcar” – com E. Malavolta, F. Pimentel Gomes, T. Coury, C. P. Abreu, O. Valsecchi, H. P. Haag, M. C. O. Brasil Sbrº, F. A. F. Mello, J. D. P. Arzolla, E. J. Kiehl, O. J. Crócomo, L. N. Menard, R. F. Novaes, O. Freire e E. R. Oliveira, VIII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, IV Resultado de 34 ensaios, fatorial NPK 3x3x3, 1º corte Estado de SP, Belém/PA e Ed. Peri Ltda., 1963-45 p.
- 1962** - “Ocorrência de ‘Plaggen Epipedon’ no Brasil” – com T. Kinjo e O. Freire, Boletim Técnico Científico nº5 ESALQ-USP, 12 pgs, IX Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Fortaleza/CE e Notícia Geomorfológica, Campinas 1970, 10(20):55-62
- “Solos do Tabuleiro do NE” – com T. Kinjo
- “Considerações Gerais sobre Solos do Tabuleiro do NE” – com T. Kinjo, O. Freire e C. M. Cesar, publicado pela SUDENE
- “Recuperação da Lavoura Cacaueira” – com técnicos da CEPLAC-Centro de Pesquisas da Lavoura Cacaueira e Ministério da Agricultura, Plano de Execução nº 1 – Solos, Fertilidade e Produtividade, 108 p. ilustradas
- “Solos da ‘ESA Luiz de Queiroz’ I - Série Monte Alegre” – com T. Kinjo e O. Freire, Anais da II Reunião Argentina e 1º Congresso Latino-americano de Ciência do Solo, Mendoza/Argentina, vol.14:79 e Anais do IX Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Fortaleza/CE p. 39
- “Considerações Sobre o Mecanismo de Gênese do Solo Proveniente de Rochas Pré-Cambrianas I - Anfíbolito” – com T. Kinjo, ESALQ-CES/USP Piracicaba/SP, II Congresso Latino-americano e X Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Piracicaba/SP
- 1963** - “Solos do Cerrado” - ‘Simpósio sobre Cerrado’, Editora da USP, p. 55-92
- “Capacidade de Água Disponível no Solo”- IX Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Fortaleza/CE e Boletim da ESALQ/USP nº 18, 5 p.
- “Recuperação da Lavoura Cacaueira” Plano de Execução nº2, Escolha da Área – Participação com técnicos do CEPLAC-Centro de Pesq. da Lavoura Cacaueira, Ministério da Agricultura e ESA Cruz das Almas, publicado pelo CEPLAC, 109 p.
- “Mecanismo de Gênese dos Areões Soltos do Arenito de Botucatu” – com T. Kinjo e O. Freire, Anais do IX Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Fortaleza/CE
- “Pequeno Guia para Levantamento de Solos” - 1ª Edição, ESALQ/USP e Anais do IX Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Fortaleza/CE, 32 p.

- “A Terra Preta de Índio - Considerações Históricas e Sugestões à Pesquisa” – Boletim Informativo da Sociedade Paulista de Medicina – Regional Piracicaba/SP, vol.5:19-20
- 1964** - “Filtração e Sifonamento no Pré-Tratamento de Amostras de Terra para Análise Mecânica” – com O. Freire, F. Ferraz de Toledo e K. Fujihira, Revista da Agricultura 39(2):77-82
- “Origem e Desenvolvimento do Solo” – Depto. Editorial do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz, Piracicaba/SP mimeogr. 68 p.
- 1965** - “Comparação da Eficiência dos Tratamentos Químicos de Dispersão de Amostras de Solos para Análise Mecânica I - Latossol Vermelho Amarelo” – com O. Freire, F. Ferraz de Toledo e R. Vencoski, Revista da Agricultura 40(3):115-125
- “Carta de Solos da Fazenda Ipanema” – com T. Kinjo, O. Freire e G. V. França, II Congresso Latino-americano e X Congresso Brasileiro de Ciência do Solo e ETA – Projeto I- 4A, mimeogr. 52 p. ilustradas
- “Comparação da Eficiência de Tratamentos Químicos de Dispersão de Amostras de Terra para Análise Mecânica” – com O. Freire e Z. Z. Marcos, II Congresso Latino-americano, X Congresso Brasileiro de Ciência do Solo e Revista da Agricultura 41(2):39-66
- “A Capacidade de Produção de Radônio de Alguns Solos Brasileiros” – com E. Malavolta e C. C. Delwiche, Boletim Técnico-Científico ESALQ-USP nº23, 13 p.
- “Manual de Levantamento de Solos” – 1ª Edição ilustrada- Editora USP, 112 p.
- “Origem e Desenvolvimento do Solo” - 1º Volume - Apostila mimeogr. 13ª Cad. De Agricultura Geral, CA “Luiz de Queiroz” Depto. Editorial, 68 p.
- “Estudo da Formação e Ruptura de Agregados I - Série ‘Luiz de Queiroz’” – com O. Freire, F. F. Toledo, O. A. Camargo e K. Reichardt, Revista da Agricultura, vol.43(3-4)
- 1967** - “Carta de Solos de Iracemápolis” – com T. Kinjo, G. V. França, Z. Z. Marcos e J. L. I. Dematte, XI Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Brasília/DF, Anais da SBCS e Cad. Solos e Agrotecnia ESALQ/USP, Boletim Técnico-Científico 1968, nº33-A
- 1968** - “Carta de Solos ‘S. A. Usinas de Açúcar Brasileiras’” – ‘Société de Sucreries Brasiilienes’, Fazenda Sta. Rosa, São José do Pinhal, Água Santa e Primavera, CES- ESALQ/USP, mimeogr. 29 p.
- “Apontamentos de Agrotécnica” – 1º Volume, com G. V. França, Apostila CES-Centro de Estudos de Solos ESALQ/USP, Levantamento de Solos e Fotointerpretação aplicada, 79 p.
- “Pequeno Guia para Levantamento de Solos” – 2ª edição - ESALQ/USP
- “Influência da Matéria Orgânica, Calagem, Adubação e Vegetação Sobre a Agregação do Solo I Série ‘Luiz de Queiroz’” – com O. Freire, O. A. Camargo e F. F. Toledo, Revista da Agricultura
- “Carta de Solos da Usina Costa Pinto, I e II” – com alunos de Pós-Graduação em Solos e Nutrição de Plantas, Curso de Agrotecnia, 18 p.

- 1969** - “Report on Fiel Trip to ‘Fazenda Agropecuária Cravari AS’” – com N. Holowaychuk (OSU-Ohio State University), Anais da ESALQ/USP vol. XXVI, 9 p.
- “Solos da Região do Cravari” – com N. Holowaychuk (OSU) e J. Herrmann Neto, XII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Curitiba/PR e SSA-ESALQ-CES, 1971 mimeogr. 31 p.
- “Amostrador Mecânico de Solos” – com O. Saad e S. H. Benez, XII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Curitiba/PR.
- 1970** - “Estudos da Formação e Ruptura de Agregados em Solos da Região de Piracicaba - marcados com CO⁶⁰” – com O. Freire, Revista Ciência e Cultura, vol.22 n°1:49-53
- “Solos da Fazenda Bodoquena” – com N. Hollowaychuk (OSU), Anais da XXII Reunião da SBPC, Salvador/BA
- “Caracterização da Série Piracicaba” – com J. L. I. Dematte, Anais da ESALQ/USP vol.27:85-97
- 1971** - “Solos do Cerrado do Brasil” – III Simpósio Sobre o Cerrado, Ed. Edgard Blucher e Ed. da USP, pg 26-43
- “Carta de Solos dos Hortos da Champion Celulose SA” – Departamento de Solos da ESALQ/USP, 291 p.
- “Marcha Anual da Água Disponível no Solo” – XIII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Vitória/ES e Revista ‘O Solo’ Ano LXIV n°1:57-68
- “Teste de Permeabilidade da Formação Barreiras do Estado do ES” – com C. M. Mattos, XIII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Vitória/ES
- “Alguns Solos da Fazenda Bodoquena/MT” – com N. Hollowaychuk (OSU), XIII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Vitória/ES e CES-ESALQ/USP, mimeogr. e ilustrado, 27 p.
- “Alguns Solos do Município de Diamantino/MT” – com N. Hollowaychuk (OSU) e J. Herrmann Neto, XIII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Vitória/ES
- “Carta de Solos da Agroflorestal Monte Alegre” - CES-ESALQ, datilogr. 81 p.;
- “Considerações Sobre os Solos da Amazônia” – Curso de ‘Problemas Brasileiros’ para alunos de Pós-Graduação em Solos e Nutrição de Plantas, ESALQ/USP, mimeogr. 44p.
- 1972** - “Solos de Tarija” – OEA - Organização dos Estados Americanos
- “Concreções Ferruginosas, Pleosolos e a Superfície Cimeira do Planalto Ocidental Paulista” - com M. M. Penteadó e J. D. Oliveira, Fac. De Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e CES-Centro de Estudos de Solos ESALQ/USP, Piracicaba/SP, publicado pelo Instituto de Geografia da USP, ‘Geomorfologia’, 28 p.
- “Relatório de Viagem a Países da América Latina” – patrocínio da OEA, ESALQ/USP mimeogr. 155 p. ilustradas
- “Carta de Solos dos Hortos de Propriedade da Champion Celulose AS” – Departamento de Solos e Agrotecnia ESALQ/USP, mimeogr. 291 p. ilustradas

- “Carta de Solos do Vale do Jequitaiá/MG” – Convênio MINTER, SUVALE-Superintendência do Vale do São Francisco, CES-Centro de Estudos de Solos ESALQ/USP, mimeogr. 295 p. ilustradas
- “Relatório de Viagem a Países da América Latina” – Sob patrocínio da OEA, 155 p. ilustradas
- 1973** - “Viagens ao Médio Vale do São Francisco” – com M. M. Penteadó, Geomorfologia - Instituto de Geografia-USP, 44 p.
- “Natureza dos Materiais Geológicos e Solos das Áreas ‘A’ e ‘B’ do Anel Rodoviário de Piracicaba” – CES-ESALQ/USP, solicitação da Prefeitura Municipal de Piracicaba, mimeogr. 19 p. ilustradas
- “Problemas Geomorfológicos Relacionados com a Gênese dos Solos Podzolisados” - com M. M. Penteadó, Instituto de Geografia da USP, ‘Sedimentologia e Pedologia’ nº 6, 23 p. ilustradas
- “Levantamento de Solos do Projeto Corrente – Divisão Correntina/BA” - Convênio SUVALE, CES-Centro de Estudos de Solos ESALQ/USP, Piracicaba/SP, vol. I- 328 p. ilustradas; vol.2- 273 p.
- “Solos da Usina São Francisco” - om J. E. S. Pessoti e outros, Fazendas Itaíba, Covitinga, Sta. Júlia, Paraíso e São Lourenço;
- 1974** - “Levantamento de Solos do Projeto Corrente - Divisão Formoso/BA” – com J. E. Pessotti e F. P. Gomes, Convênio SUVALE, CES-Centro de Estudos de Solos ESALQ/USP - vol. III, 64 p.
- “Caracterização de Solo da Província de Mendes” – com J. Lujan C., Anais da ESALQ/USP - vol.31:251-267
- “Avaliação das Necessidades Hídricas de uma Cultura de Gladiolos Através de Métodos Climáticos” – com A. E. Klar e J. R. Mattos, Turrialba, vol.24, nº3:285-297
- “Caracterização de um Solo da Província de Mendes Cantão Sella, Tarija/Bolívia” – com J. Luján C., CES-Centro de Estudos de Solos, Anais da ESALQ/USP, vol.31:251-267
- “Solos de Jaíba, Município de Manga, Região do Médio São Francisco” – com J. E. Pessoti e J. F. Gomes, CES-Centro de Estudos de Solos, publicado pela Usina da Barra SA, vol. II-199 p. ilustradas
- “Levantamento de Solos da Área Foto nº 6531” - com alunos de Pós-Graduação em Solos e Nutrição de Plantas, CES-Centro de Estudos de Solos ESALQ/USP, mimeografado 26 p.
- 1975** - “Carta de Solos da Fazenda Barreiro Rico – Cia. Itaquerê Industrial Agrícola” - com J. E. S. Pessoti, CES-Centro de Estudos de Solos ESALQ/USP, mimeogr. 79 p. ilustradas
- “Mineralogia da Fração Argila de Alguns Solos do Município de Jaboticabal” – com R. R. Aloisi, J. L. I. Dematte e C. C. Cerri, Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciência do Solo:457-460
- “Levantamento de Solos do Projeto das Velhas” – convênio SUVALE, CES-Centro de Estudos de Solos, ESALQ/USP, mimeogr. Vol. I-243 p. ilustradas; vol. II-240 p.

- 1976** - “Subsídios à Geografia de Piracicaba” – Inst. Histórico e Geográfico de Piracicaba - Ed. Franciscana, 77 p.
 “Carta de Solos da Agropecuária Cresciumal AS, Município de Leme/SP” – com J. E. S. Pessoti e J. Jimenez Rueda, DSG/CES-Centro de Estudos de Solos ESALQ/USP, mimeogr. 180 p. ilustradas.
- 1977** - “Levantamento Semi-Detalhado dos Solos do Projeto Jequitaiá/MG” – Convênio CODEVASF-Comp. Desenv. Vale do São Francisco, CES-Centro de Estudos de Solos ESALQ/USP, mimeogr. 2 vols., 597 p. ilustradas
 “Estudo das Condições Físico-Químicas das Águas do Rio Piracicaba” – com F. P. Monteiro, VIII Congresso Brasileiro de Microbiologia, Rio de Janeiro/RJ;
- 1978** - “Alguns Solos da Transamazônica na região de Marabá” – com M. M. Penteado e J. D. Oliveira, Campus Avançado da USP, convênio USP-MINTER- Proj. RONDON, 1971, 50 p.; CES-Centro de Estudos de Solos ESALQ/USP 1972 e INPA-Inst. Nac. Pesq. da Amazônia, Manaus/AM, Acta Amazônica 8(3):333-355;
 “Carta de Solos da ‘Nova Capital’ do Estado de SP” – com M. M. Penteado, W. Politano, T. M. C. Naschenveng e M. M. Penteado, Secr. da Presidência da República, Fund. Inst. Bras. de Geografia e Estatística, Secr. Recursos Naturais e Meio Ambiente e Dir. Técnica da SUPREN, Rio de Janeiro/RJ
- 1979** - “Recursos Pedológicos da Amazônia” – INPA-Inst. Nac. Pesq. Amazônia, Manaus-Acta Amazônica 9(4):23-35
- 1980** - “Erodibilidade de Alguns Solos do Estado do Amazonas” – Divisão de Solos do INPA-Acta Amazônica 10(2):263-269
 “Identificação e Caracterização de Alguns Solos da Estação Experimental de Silvicultura Tropical” – INPA-Manaus/AM, Acta Amazônica 10(1):741 ilustrada
 “Aspectos Hídricos de Alguns Solos da Amazônia – Região Baixo Rio Negro” - com K. Reichardt, E. Freitas Jr. E P. L. Libardi, INPA Manaus/AM, Acta Amazônica 10(1):43-46
- 1983** - “Levantamento dos solos da Área de Influência do Reservatório da UHE/Tucuruí” – com J. A. Podestá F^o, Divisão de Solos do Depto. De Ciências Agrônômicas do INPA, Manaus/AM, mapa com escala 1:250.000, 167 p. ilustradas
 “Os Solos nas Proximidades da Calha do Baixo e Médio Araguaia” – com F. Scatolini, mapas expeditos de solos com provável influência para a Usina Hidroelétrica de Sta. Isabel do Araguaia, Divisão de Solos do INPA, Manaus/AM
- 1984** - “Transição Latossolos-Podzóis sobre a Formação Barreiras na Região de Manaus” - com Y. Lucas, A. Chauvel, R. Boulet e F. Scatolini, Revista Brasileira de Ciência do Solo V-8:325-335;
 “Presença e Alterações da Fauna de Artrópodos Durante a Preparação de Composto Orgânico” – com F. J. Luizão, E. F. Ribeiro e J. C. Bernardi, Acta Amazônica 14(1-2):146-158

- “Amostragem de Solo para Fins de Fertilidade em Áreas de Floresta e Pastagem Amazônica” – com L. B. Teixeira e J. R. Escobar, EMBRAPA/UEPAE-Manaus/AM, Boletim de Pesquisa ISSN nº4:6101-6691
- 1985** - “Distribuição dos Solos em Área da SHELL/ALCOA de Mineração da Bauxita no Baixo Rio Trombetas: Aptidão Agrícola das Terras e Considerações sobre Solos Tectogênicos” – com B. N. Rodrigues da Silva, F. Scatolini e J. A. Podestá, IICA - Inst. Interamericano de Ciências Agrárias e XX Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Belém/PA
- “Solos da Várzea do Baixo Tocantins I - Ilha Uruá” – com B. N. Rodrigues da Silva, R. Muller e L. G. Silva, XX Congresso Brasileiro de Ciência do Solo e Boletim de Pesquisa EMBRAPA/CPATU, Belém/PA, nº 72
- 1986** - “Alguns Aspectos do Nordeste Baiano” – com E. Lobato, J. S. Madeira Neto e P. J. R. Carneiro, IICA-Inst. Interamericano de Ciências Agrárias, 14 p. ilustradas.
- 1988** - “Programa de Desenvolvimento Rural Integrado em Microbacias Hidrográficas” – EMBRAPA, Depto. Técnico-Científico, Brasília/DF, 6 p.
- 1995** - “Contribuição para o Reconhecimento do Sistema Radicular da Pupunheira” - *Bactris gasipaes HBK - Guilielma gasipaes (HBK) Bailey* – com S. A. N. Ferreira, C. Clemente e S. S. Costa, Acta Amazônica 25(3-4):161-170
- 1996** - “Solos da Microbacia do Córrego São João” – UNITINS, Centro Universitário de Porto Nacional, 11 p.
- “Carta de Solos dos Municípios de Porto Nacional e Ipueiras/TO” – UNITINS-INVESTCO-CNPq, Porto Nacional/TO, 91 p. ilustradas
- 1998** - “Natureza e Distribuição dos Solos às Proximidades de Lageado” – com J. Torquato Carolino, Campus Universitário de Palmas/TO, 14 p.
- 1999** - “Alguns Solos do Município de Miracena/TO” – com J. Torquato Carolino, Campus da Universidade de Palmas/TO, 15 p.
- 2002** - “Carta de Solos do Município de Palmas/TO” - UNITINS, 85 p. ilustradas

TRABALHOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

- 1952** - “Algumas Generalidades em Química” – Revista “O Solo”, Piracicaba/SP, março, nº 1:41
- 1956** - “Relatório de Viagem à Amazônia” – Exposição no Território do Amapá, Baixo Amazonas e Maranhão, II Reunião de Pedólogos, Belém/PA, fev/mar, 38 p.
- “Argila e Minerais de Argila” – Apostila do Inst. Agrônomo do Norte, II Reunião de Pedólogos, Belém/PA, fev/mar, 19 p.
- 1958** - “Prática de Solos” – com E. J. Kiehl, Apostila para o 3º ano da ESALQ/USP, 50 p. ilustradas
- “A Matéria Orgânica e o Cafeeiro” – com E. Malavolta e T. Coury, Apostila da Sociedade Paulista de Agronomia, ‘Mesa Redonda’ do Centro de Debates Agrônomicos, junho
- “Curso Rápido de Solos e Agricultura Geral” – com C. M. César, E. J. Kiehl e O. Freire, Apostila da ESALQ-USP, julho, 24 p.

- 1960 - “A Carta de Solos como Base Essencial da Conservação do Solo” – Palestra da Sociedade Paulista de Agronomia, Centro de Debates Agronômicos, São Paulo/SP, junho, 10 p.
 “Conceitos Edafológicos da Irrigação” – Revista São Paulo Agrícola, Sociedade Paulista de Agronomia, Ano II nº 79
- 1964 - “O Solo como Fornecedor de Nutrientes” – Aulas do Curso Internacional de Diagnóstico Foliar, IICA-Inst. Interamericano de Ciências Agrárias/ESALQ, janeiro, 19 p.
 “Reforma Agrária do Ponto de Vista Edafológico” – Curso de Extensão Universitária sobre Reforma Agrária, ESALQ/USP, dezembro, 10 p.
- 1967 - “Origem e Desenvolvimento do Solo” – CES-ESALQ, São Paulo vol. II, 433 p.
- 1968 - “Solos para Pastagens no Município de Piracicaba” – Revista O Solo, Centro Acadêmico Luiz de Queiroz, ESALQ/USP, p. 47
 “Fotointerpretação Aplicada a Solos” – Apostila DNOCS - Pentecoste/CE, distribuída no Curso ministrado no Açude de Pentecoste, julho
 “Apontamentos de Agrotecnia” – Apostila CES-Centro de Estudos de Solos, ESALQ/USP, vol.I-79 p.
- 1969 - “Acidez e Pobreza tem Jeito” - Publicação Coper Cotia, fevereiro, p. 25-33
- 1970 - “Relatório de Viagem ao Médio Vale do São Francisco” – com M. M. Pentead, CES- ESALQ/USP, 53 pgs ilustradas e Boletim do Instituto de Geografia da USP São Paulo, 1973, nº40:1-44
 “Relatório de Visitas feitas às Áreas de Propriedade da Aracruz Florestal AS” – Relatório CES-Centro de Estudos de Solos ESALQ/USP, outubro, 22 p.
 “Relatório de Visitas feitas às Propriedades Agrícolas da Construtora Andrade Gutierrez SA”

ORIENTAÇÃO DE TESES PARA CONCURSO

- **Doutoramento** – José Bertoni, 1956/57
- **Doutoramento** – Octavio Freire, 1962/63
- **Livre-Docência** – Edmar José Kiel, 1964/65
- **‘Magister Science’** – Deodato Miguel de Paula Souza: ‘Hidrologia de Solos: Capacidade de Armazenamento e Disponibilidade de Água nos Solos Zonais da Fazenda Ipanema’, 1965/67
- **Livre-Docência** – Otavio Freire, 1966/67
- **‘Magister Science’** – José Luiz Ioriatti Dematte: ‘Calor Específico e de Umedecimento de Solos’, 1966/67
- **‘Magister Science’** – Toshiaki Kinjo: ‘Capacidade de Troca de Cátions em Relação ao PH do Solo’, 1966/67
- **Doutoramento** – Toshiaki Kinjo: ‘Saturação em Cálcio e Capacidade de Troca de Cátions em Relação ao Crescimento das Plantas’, 1967/68
- **Doutoramento** – José Luiz Ioriatti Dematte: ‘Estudo Pedológico de Perfis da Série Ibitiruna’, 1967/68
- **Doutoramento** – Zilmar Ziller Marcos: ‘Estrutura, Agregação e Água do Solo’, 1967/68

- **Doutoramento** – Geraldo V. França: ‘Interpretação Fotográfica de Bacias e Redes de Drenagem Aplicadas a Solos da Região de Piracicaba’, 1967/68
- **Doutoramento** – Helmut Tropmair (licenciado), 1968/69
- **Doutoramento** – José Pereira Queiroz Neto: ‘Interpretação dos Solos da Serra de Santana para fins de Classificação’, 1968/69
- **Doutoramento** – Delmar Antonio Bandeira Marchetti: ‘Fotointerpretação de Atributos do Relevo Aplicada a Solos da Região de Piracicaba’, 1968/69
- **Doutoramento** – Francisco Grohmann: ‘Superfície Específica e sua Correlação com Propriedades Físicas e Físico-químicas do Solo de Piracicaba, 1969/70
- **Doutoramento** – Paulo C. Corsini, 1970/71
- **‘Magister Science’** – Octavio Antonio de Camargo: ‘Contribuição ao Estudo da Composição do Ar do Solo’, 1970/71
- **‘Magister Science’** – Antonio Evaldo Klar: ‘Associação das Necessidades Hídricas das Culturas de Gladiólos e Cebola’, 1971/72
- **Doutoramento** – Raul Audi: ‘Fotointerpretação de Atributos dos Canais de Drenagem em Solos da Região NE do Estado de São Paulo’, 1970/72
- **Doutoramento** – Wolmar Aparecida Tosin (licenciada): ‘Condições Hídricas de Solos Dispostos em Sequência Catenária no Município de Botucatu’, 1970/73
- ♦ **Doutoramento** – João de Oliveira Bertoldo: ‘Variação de Características Morfológicas Físicas, Químicas e Mineralógicas em duas áreas de Oxisolo’, 1971/72
- ♦ **Doutoramento** – Rafael Aloisi, 1972/74
- **Mestrado** – Walter Politano: ‘Considerações sobre alguns Solos da República do Equador’, 1974/76
- **Mestrado** – José E. S. Pessoti, 1976
- **Mestrado** – Jairo J. Rueda, 1976
- ♦ **Mestrado** – Luiz Vicente Abarca Villegas, 1976
- ♦ **Doutoramento** – Doracy Pessoa Ramos, 1977
- **Mestrado** – Rogério Remo Alfonsi, 1977
- **Mestrado** – Ana Francisca Fernandes Correa, 1983
- **Mestrado** – Leopoldo Brito Teixeira, 1983
- **Mestrado** – Isabel V. Hrdlicka, 1986/87

SOCIEDADES CIENTÍFICAS À QUE PERTENCEU

- **Sociedade Brasileira de Ciência do Solo**
- **Sociedade Paulista de Agronomia**
- **Sociedade Brasileira de Botânica**
- **Sociedade Latino-americana de Ciência do Solo**
- **‘British Soil Science Society’**
- **‘Pacific Science Association’**
- **Sociedade Brasileira de Engenharia Agrícola**
- **Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**
- **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**
- **Associação dos Geógrafos Brasileiros**
- **Comissão Internacional de Condicionadores do Solo**

TÍTULOS HONORÍFICOS

- **Medalha Marechal Rondon** – jun./1994
- **Sócio Honorário** da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo – jul./1997
- **Cartão de Prata** da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Tocantins (AEATO) -1997
- **Cartão de Prata** do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia/TO - 2000
- **Medalha de Mérito Científico e Tecnológico**, concedida pelo Governador Geraldo Alkmin/SP - 2001
- **Cartão de Prata** da Câmara Municipal de Piracicaba/SP - 2001
- **Medalha de Mérito Científico**, ‘Scientiarum Persona Magnífica’, prof. Walter Radamés Accorsi, Clube dos Escritores de Piracicaba/SP - 2003
- **Título Cidadão Destaque Ambiental**, CONDEMA-Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente, Piracicaba/SP - 2004

PARTICIPAÇÃO EM BANCAS EXAMINADORAS

<u>CANDIDATO</u>	<u>CONCURSO</u>	<u>INSTITUIÇÃO</u>	<u>DATA</u>
1. José Bertoni	Doutoramento	ESALQ/USP	19/11/1957
2. Carivaldo G. Junior	Prof. Adjunto	ESALQ/USP	03/09/1958
3. Petezval Lemos	Prof. Catedrático	ENA/RJ	1959
4. Hélio Manfrinato	Doutoramento	ESALQ/USP	22/11/1961
5. Homero C. Arruda	Doutoramento	ESALQ/USP	29/11/1961
6. Francisco F. Toledo	Livre-Docência	ESALQ/USP	07/05/1962
7. Eujandir W. L. Orsi	Livre-Docência	ESALQ/USP	07/05/1962
8. Octávio Freire	Doutoramento	ESALQ/USP	17/09/1963
9. Clibas Vieira	Prof. Catedrático	ESA/MG	05/12/1963
10. Klaus Reichardt	Doutoramento	ESALQ/USP	28/10/1965
11. Edmar José Kiehl	Livre-Docência	ESALQ/USP	19/11/1965
12. Justo Moretti Fº	Prof. Catedrático	ESALQ/USP	09/05/1966
13. Edmar José Kiehl	Prof. Associado	ESALQ/USP	24/11/1966
14. Antonio Jacinto	Doutoramento	ESALQ/USP	10/04/1967
15. Deodato M. P. Souza	MS	ESALQ/USP	16/05/1967
16. Deodato M. P. Souza	Prof. Catedrático	EAVP/PR	19/05/1967
17. Octavio Freire	Livre-Docência	ESALQ/USP	21/06/1967
18. Henrique Bergamim Fº	Livre-docência	ESALQ/USP	07/08/1967
19. Bernardo Van Raij	Doutoramento	ESALQ/USP	17/08/1967
20. Antonio C. T. Mendes	Doutoramento	ESALQ/USP	24/08/1967
21. Achilles T. Zuniga	MS	ESALQ/USP	11/09/1967
22. José L.I. Dematte	MS	ESALQ/USP	04/10/1967
23. Toshiaki Kinjo	MS	ESALQ/USP	06/11/1967
24. Afonso Decico	Doutoramento	ESALQ/USP	28/11/1967
25. Octavio Freire	Prof. Disciplina	ESALQ/USP	07/03/1968
26. Henrique Bergamim Fº	Prof. Disciplina	ESALQ/USP	11/03/1968
27. Klaus Reichardt	Livre-Docência	ESALQ/USP	03/04/1968
28. Epaminondas S. B. Ferraz	Doutoramento	ESALQ/USP	14/04/1968
29. Oswaldo P. Godoy	Livre-Docência	ESALQ/USP	12/06/1968
30. José L.I. Dematte	Doutoramento	ESALQ/USP	27/06/1968
31. Zilmar Ziller Marcos	Doutoramento	ESALQ/USP	05/08/1968
32. Antonio C. T. Mendes	Livre-Docência	ESALQ/USP	27/11/1968

33. Geraldo França	Doutoramento	ESALQ/USP	28/11/1968
34. Douglas A. F. Campos	Doutoramento	ESALQ/USP	09/01/1969
35. Arary Marconi	Doutoramento	ESALQ/USP	29/04/1969
36. Antonio S. de Oliveira	Doutoramento	ESALQ/USP	03/05/1969
37. Helmut Troppmair	Doutoramento	ESALQ/USP	25/06/1969
38. José P. Queiroz Neto	Doutoramento	ESALQ/USP	28/06/1969
39. Delmar Bandeira	Doutoramento	ESALQ/USP	28/11/1969
40. Edmundo H. Escobar	MS	ESALQ/USP	09/12/1969
41. Antonio F. L. Olitta	Doutoramento	ESALQ/USP	21/05/1970
42. Francisco Grohmann	Doutoramento	ESALQ/USP	22/05/1970
43. Francisco A. M. Lima	MS	ESALQ/USP	12/08/1970
44. José L.I. Dematte	Livre-Docência	ESALQ/USP	26/10/1970
45. Hélio A. Manfrinato	Livre-Docência	ESALQ/USP	05/11/1970
46. Paulo C. Corsini	Doutoramento	FMVAJ/BA	21/03/1971
47. Antonio S. Oliveira	Livre-Docência	ESALQ/USP	16/06/1971
48. Octavio A. de Camargo	MS	ESALQ/USP	12/11/1971
49. Raul Audi	Doutoramento	ESALQ/USP	09/04/1971
50. Antonio E. Klar	MS	ESALQ/USP	12/12/1972
51. Wolmar A. C. Tosin	MS	ESALQ/USP	23/02/1973
52. João B. Oliveira	Doutoramento	ESALQ/USP	24/04/1973
53. Rubens Sacardua	MS	ESALQ/USP	27/04/1973
54. Arquimedes Dutra	Doutoramento	ESALQ/USP	02/05/1973
55. Douglas A. F. Campos	Livre-Docência	ESALQ/USP	08/10/1973
56. Rafael R. Aloisi	Doutoramento	FMVAJ/SP	04/05/1974
57. Octavio Freire	Prof. Adjunto	ESALQ/USP	26/08/1974
58. Ibrahim O. Abrahão	Prof. Adjunto	ESALQ/USP	26/08/1974
59. Douglas A. C. Ferraz	Prof. Adjunto	ESALQ/USP	26/08/1974
60. Francisco A. F. Mello	Prof. Adjunto	ESALQ/USP	26/08/1974
61. Antonio C. T. Mendes	Prof. Adjunto	ESALQ/USP	26/08/1974
62. José L. I. Dematte	Prof. Adjunto	ESALQ/USP	26/08/1974
63. Moacyr O. C. Brasil Sobr ^o	Prof. Adjunto	ESALQ/USP	26/08/1974
64. Edmar José Kiehl	Prof. Titular	ESALQ/USP	29/08/1974
65. Helmut Troppmair	Prof. Adjunto	FFCLRL/SP	18/11/1975
66. José P. Queiroz Neto	Livre-Docência	FFLCH/SP	15/12/1975
67. Walter Politano	Mestrado	ESALQ/USP	30/01/1976
68. Henrique Bergamim F ^o	Prof. Tirular	ESALQ/USP	06/12/1976
69. Nadir A. Gloria	Prof. Tiurlar	ESALQ/USP	06/12/1976
70. Marcelo N. Camargo	Livre-Docência	UFRJ/RJ	13/12/1976
71. Franklin S. Antunes	Livre-Docência	UFRJ/RJ	13/12/1976
72. José L. I. Dematte	Prof. Titular	ESALQ/USP	10/10/1977
73. Ibrahim O. Abrahão	Prof. Titular	ESALQ/USP	10/10/1977
74. Mauro Rezende	Prof. Titular	UFV/MG	14/12/1977
75. Bairon Fernandes	Prof. Titular	UFV/MG	14/12/1977
76. Ronaldo de Almeida	Mestrado	INPA/AM	24/05/1978
77. Carlos Roberto Bueno	Mestrado	INPA/AM	13/02/1981
78. Flavio Jesus Luizão	Mestrado	INPA/AM	01/10/1982
79. Ana Francisca F. Corrêa	Mestrado	INPA/AM	22/10/1982
80. Maria Imelda L. Anjos	Mestrado	INPA/AM	28/04/1983
81. Ronaldo P. Manarino	Mestrado	INPA/AM	12/10/1983
82. Izabel V. Hrdlicka	Mestrado	INPA/AM	13/10/1987

O CIENTISTA I

José Luiz Ioriatti Dematte

“Você topa abrir e fechar as portei­ras?”

Eu, Dematte, concordei e fui.

Corria o mês de janeiro de 1961 e a ESALQ em recesso acadêmico. O segundo ano de agronomia iria começar e estava com uma série de formulários para pedido de bolsa da FAPESP. De acordo com as instruções, eu deveria encontrar um professor que tivesse interesse em me orientar, preparar o plano de trabalho, assim como providenciar todos os documentos exigidos. Tarefa árdua, principalmente levando-se em consideração que eu não residia em Piracicaba e não conhecia os departamentos e professores da ESALQ.

Após três tentativas frustradas nos setores de Zootecnia e de Tecnologia (nem me quiseram atender), já estava desanimado e com a ideia de abandonar o projeto da aquisição de bolsa, quando me deparei com um prédio localizado numa das esquinas do Campus.

Entre­i num amplo saguão. A porta à direita estava fechada (era o setor de Agricultura, como fiquei sabendo mais tarde). À minha frente, outra porta fechada (posteriormente fiquei sabendo tratar-se do anfiteatro). À minha esquerda outra porta, porém estava aberta. Entre­i e me deparei com dois senhores. Um deles, inclinado sobre uma mesa, estava desenhando um mapa. O outro, em pé, observando. O que estava desenhando perguntou-me o que desejava.

Munido de coragem, relatei as minhas pretensões. O que estava em pé, dirigindo-se ao que estava desenhando, comentou: *“Como você está fazendo o levantamento de solos do Município de Piracicaba, vai precisar de um auxiliar para abrir e fechar as portei­ras nas estradas e carreadores das diversas propriedades rurais.”* O outro me perguntou: *“E aí, você topa abrir e fechar as portei­ras?”* - Esta pessoa era o Catedrático da 13ª Cadeira de Agricultura Geral – o Prof. Guido Ranzani. Eu concordei e fui aceito.

Iniciava-se aí uma amizade franca e duradoura, durante a qual tive o privilégio de acompanhá-lo e aprender as bases da Pedologia durante os anos de bolsista e, posteriormente, como seu Assistente. Talvez fui, dentre os assistentes daquela época, o mais próximo do Prof. Guido.

Este filho de italianos, nascido em Serra Azul em 1915, formou-se pela ESALQ e esteve trabalhando no Estado do Paraná, primeiramente como diretor da escola Prática Eliseu Maciel e posteriormente na Estação Experimental Campo Comprido, próximo a Curitiba. Transferiu-se para Presidente Prudente, região da Alta Sorocabana no estado de São Paulo, no Serviço de Combate à Erosão e Drenagem até 1944. Neste ano, foi convidado pelo diretor da ESALQ, Prof. Mello Moraes, para ser assistente na Cadeira de Química Agrícola.

Em 1952, por concurso, ganhou a cátedra da 13ª Cadeira da Agricultura Geral. Nesse período, graças aos conhecimentos de química de solos, o Prof. Guido contribuiu com a comunidade piracicabana na célebre pesquisa sobre a vinhaça, ao viabilizá-la como fertilizante. Esse subproduto ácido da indústria canavieira é poluente e era lançado, até então, nos rios.

Em 60/61 esteve nos EUA como estudante na Cornell University em Ithaca/NY, através de uma bolsa de estudos da Rockefeller Foundation, onde trabalhou com Kline e Bradfield. De volta, iniciou uma nova era na ESALQ, com profundas alterações no currículo das disciplinas da antiga 13ª Cadeira, agora mudada para Solos e Agrotecnia, quando introduziu e desenvolveu novos conceitos de Pedologia, inclusive internacionalmente.

Em 1964, com a visão de que seria preciso treinar melhor os nossos técnicos, Guido Ranzani criou o curso de Mestrado em Solos, apesar das grandes dificuldades que tínhamos na época, em relação à falta de professores devidamente treinados, assim como de material e estrutura. Na ocasião, vencendo barreiras de preconceitos e vaidades pessoais, solicitou auxílio didático a outras instituições, como o IAC (Instituto Agrônomo de Campinas), UNESP de Rio Claro e Instituto de Geociências de São Paulo. Foi em frente e em 1965 teve o primeiro aluno de todos os cursos de Pós-Graduação da ESALQ a defendê-lo em dissertação, consolidando o curso. Posteriormente, criou também o curso de Doutorado em Solos.

Apesar do pequeno orçamento e da falta de infraestrutura, o prof. Guido conseguiu sediar (na ESALQ) o II Congresso Latino-Americano de Ciência do Solo, junto ao X Congresso Brasileiro de Ciência do Solo.

Na foto, da esquerda para a direita: Nélio Ferra de Arruda (prefeito de Piracicaba), Hugo de Almeida Leme (professor da ESALQ e ex-Ministro da Agricultura), Eurípedes Malavolta (Diretor da

ESALQ), Guido Ranzani (Chefe do Departamento de Solos/ESALQ), Ermor Zambello e Mário Dedini.



Nesse período, e ciente da burocracia da Universidade em relação à administração de projetos, inspirou-se no tripé Universidade-Estado-Empresa para criar o Centro de Estudos de Solos.

Durante o trabalho de levantamento de solos de Piracicaba, dirigiu-se a mim, comentando que o nome da “série” em homenagem a Luiz de Queiroz deveria ser a de um solo que representasse este nome à altura. A terra Roxa Latossólica, com a sequência Bt/Bw, que tanta pesquisa originou e tem sido desenvolvida para esclarecer devidamente os processos genéticos nela envolvidos, foi designada, então, como a Série “Luiz de Queiroz”.

Como pedólogo, Guido Ranzani foi um dos primeiros a reconhecer a relação solo/paisagem no estudo dos solos, introduzindo nos currículos de graduação e pós-graduação rudimentos de geomorfologia, inicialmente lecionada por professores da UNESP de Rio Claro e posteriormente por pesquisadores do IAC.

No início dos anos 70, aconteceu a reforma universitária – antigas Cadeiras foram unidas em Departamentos. Criou-se então o

Departamento de Solos, Geologia e Fertilizantes, pela união de três cadeiras com os mesmos nomes. Nessa época, o Prof. Guido teve a sensibilidade, a grandeza, a humildade, o equilíbrio e a força suficientes para administrar os conflitos dos “feudos” trazidos por essa união. Ele conseguiu consolidá-la alterando, inclusive, o nome para Departamento de Ciência do Solo.

Como pedólogo, Guido Ranzani também foi um dos pioneiros no estudo dos cerrados, em trabalhos citados pelo renomado IBEC e pela História das Ciências do Brasil e daí chegou à Amazônia.

Aposentou-se em 1987 e em seguida foi para Manaus trabalhar no INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) onde, a pedido do Prof. Warwick Kerr, criou o Departamento de Ciência Agronômica. Transferiu-se para o mesmo instituto em Belém do Pará, onde atuou, através da Embrapa, no CPATU (Centro de Pesquisa Agropecuária dos Trópicos Úmidos). Nesse período, continuou executando levantamento de solos nas diversas regiões da Amazônia, assim como dando palestras e incentivando jovens alunos para a área de Pedologia.

Um fato pitoresco é que, nessa época, o Dr. Guido se perdeu na selva por dois dias, sendo encontrado por mateiros e índios. Posteriormente, foi para Brasília e lá permaneceu por cinco anos como Consultor junto ao DTC (Departamento Técnico Científico da Embrapa). Daí foi a Palmas, no Estado do Tocantins, como professor visitante da universidade local UNITINS, onde realizou inúmeras palestras e trabalhos de levantamento de solos.

Hoje, aos 87 anos e acompanhado de sua esposa Giselda, ainda não parou. Criou o Instituto Araguaia-Tocantins de Estudo do Cerrado e é seu Diretor-Presidente e pretende publicar o levantamento dos solos da região em livros.

Ao Professor Guido, um grande abraço.

ESALQ Notícias Nº 9

“O agrônomo empobrece sorrindo... porque é uma profissão dura, mas ela reserva oportunidades que eu não vejo em outras áreas profissionais.”

Guido Ranzani/2006

Foi dessa forma que o catedrático de Solos da ESALQ, Guido Ranzani, fez um balanço de seus muitos anos de trabalho. Ele acreditava que todos os profissionais da área deveriam, ao menos uma vez, visitar um outro estado ou país para terem um termo de comparação em solos. Ele fez isso sua vida toda e seus colegas costumavam dizer que ele conhecia o Brasil “andando”.

Formado em 1941, recordava-se com entusiasmo da época de faculdade. *“Minha turma tinha verdadeira adoração pela Escola. Havia realmente motivo para ter muito orgulho, não apenas pela qualidade dos professores que nós tínhamos, mas porque possuíamos os melhores atletas disputando campeonatos de vôlei, futebol, remo e outros. Ganhamos uma partida de futebol do XV de Novembro de Piracicaba e fomos carregados até a Praça José Bonifácio.”*

Walter Radamés Accorsi, Nicolau Athanassof, Salvador de Toledo Pizza, Friedrich Brieger e José de Mello Moraes foram alguns dos professores de sua turma. Foi a época em que se iniciaram os estudos sobre Genética: *“O professor Toledo Pizza dava a entender que o ‘gen’ não existia, ao passo que Brieger confirmava sua existência e nós, estudantes, colocávamos um contra o outro, mas eles nunca entraram na briga”* – relembra Guido.

“Santa Rosa”, como era seu apelido, iniciou suas atividades profissionais na ESALQ como segundo assistente da Cadeira de Química Agrícola em 1944. Dois meses depois já era o primeiro assistente da mesma cadeira. Foi substituído do professor Tufi Coury, como assistente de Química Agrícola em 1956 e no mesmo ano obteve o título de livre docência em Agricultura Geral. No ano seguinte, tornou-se Professor Catedrático da 13ª Cadeira de Agricultura Geral.

Ainda na Escola, foi responsável pela criação e direção do Centro de Estudos de Solos da ESALQ (1965 a 1973). Os modelos para análise dos solos foram trazidos dos EUA por ele. Esse Centro tornou-se, então, sede do projeto para caracterização dos solos dos países Sul-americanos: Colômbia, Equador, Peru, Chile, Bolívia e Paraguai foram percorridos por uma equipe de pesquisadores para que os estudos pudessem ser desenvolvidos.

Aposentou-se em 1977, mas não parou por aí. No período de 1981 a 2002 foi chefe do departamento de Ciências Agronômicas do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA). Foi assessor do Instituto Interamericano de Ciências Agrárias (IICA). Na Embrapa foi consultor, além de chefe do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados. Na Universidade do Tocantins foi professor visitante e consultor da Fundação daquela universidade.

Aos 91 anos, o professor Guido, que já havia viajado por este mundão afora participando de congressos, seminários, cursos e realizando pesquisas, continuou sorrindo com a profissão. Foi aí que ele elaborou um projeto, juntamente com outros três profissionais, para acabar com a devastação da Floresta Amazônica. Esse projeto girou em torno da criação de núcleos produtivos, os quais deveriam extrair das terras amazônicas férteis, mudas destinadas a cosméticos e/ou fármacos, para que fossem replantadas nas áreas devastadas. O incansável Guido nos deixou uma lição: *“Quem souber classificar um solo, saberá conservá-lo. É preciso conhecer a história, saber qual a rocha que deu origem ao solo e que tipos de transformações foram observadas nessa paisagem. Quando iniciei minha carreira, a análise era feita ‘de ouvido’”* – dizia risonho.

Ciência do Solo, realizado em julho de 1959 em Piracicaba; presidiu também o X Congresso Brasileiro da SBCS realizado igualmente em Piracicaba em 1965, como Presidente da Sociedade Latino Americana de Ciências do Solo, realizado simultaneamente ao X Congresso.

Sua contribuição bibliográfica entre artigos em revistas nacionais, livros, orientações de mestrado, doutorado e livre docência é ampla, vasta e de grande repercussão. Participou de várias organizações científicas brasileiras e internacionais, como a Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, Sociedade Paulista de Agronomia, Sociedade Brasileira de Botânica, Sociedade Latino-americana de Ciência do Solo, ‘British Soil Science Society’, ‘Pacific Science Association’, Sociedade Brasileira de Engenharia Agrícola, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Associação dos Geógrafos Brasileiros e Comissão Internacional de Condicionadores do Solo.

Foi também através de sua idealização e empenho que a ESALQ conseguiu recursos para a construção de um prédio próprio para a criação do Departamento de Solos, assinado pelo arquiteto Walter Naime e inaugurado em 1973. Foi a partir desta base de apoio funcional que Guido conseguiu promover na cidade inúmeros eventos científicos do país e do exterior. Seus principais livros foram publicados na seguinte ordem cronológica: “Pequeno Guia para Levantamento de Solos”, 1963, 34 páginas, sem identificação de editora; “Manual de Levantamento de Solos”, pela Editora da Universidade de São Paulo em 1965 e, depois dele, o “Manual de Levantamento de Solos”, pela Editora Edgard Blucher, em colaboração com a EDUSP, em 1969.

Vale registro especial sua colaboração feita em 1976, com apoio e publicação do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, intitulada “Subsídios à Geografia de Piracicaba”, cuja capa foi assinada pelo reverenciado pintor piracicabano e ex-aluno de Guido, Archimedes Dutra. Trata-se de uma das mais importantes contribuições ao estudo da geografia e da geologia dos solos piracicabanos, feito até os presentes dias.

No ano de 1996, já aposentado, ele realizou várias atividades fora de Piracicaba. Foi presidente do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) em Manaus; trabalhou na Embrapa em Belém/PA e

Brasília/DF e como professor e consultor na UNITINS (Universidade do Tocantins) e continuou prestando inúmeras consultorias a empresas, prefeituras e governos de Estado que precisavam dos conhecimentos básicos sobre solos para ampliação de suas fronteiras agrícolas e/ou outros tipos de ocupações geográficas.

Em “Carta de Solos de Porto Nacional e Ipueiras”, Ranzani deixou sua contribuição para o Estado do Tocantins, seguindo-se a este seu último livro publicado em 2002, com o título “Solos e Aptidão Agrícola das Terras no Município de Palmas, Tocantins”, ambos publicados pela UNITINS.

Esses dois livros vieram acompanhados por mapa anexado e contendo, em detalhes e artisticamente produzidas, todas as informações e referências decisivas para a compreensão dos temas abordados, neles estudados e concluídos.

Primeiro livro: PEQUENO GUIA - 1963

Como diz o título, trata-se de um “Pequeno Guia para Levantamento de Solos” de 34 páginas, sem identificação de editora.

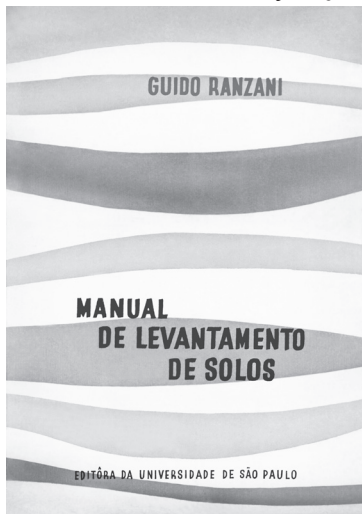
Neste livreto, as 22 páginas iniciais são dedicadas a descrições e definições de tipos de solos. Na abertura assinada por ele, Ranzani afirma: *“Este pequeno guia é uma apresentação condensada e ordenada de observações a serem conduzidas no campo, contidas na ‘1ª. Aproximação de Classificação de Solos’ do nosso Manual de Levantamento de solos. Procurou-se ordenar esta coleta de informações e uniformizar as referências às mesmas, com base nas recomendações de diferentes fontes, notadamente do “Soil Survey Manual”, 1951. E mais adiante afirma que “pretende-se, com a publicação deste desprezioso trabalho, chamar a atenção para a indispensável uniformidade de apresentação que as descrições morfológicas de solos devem possuir. Tais descrições devem estar isentas da omissão de fatos importantes ou do exagero de circunstâncias óbvias.”*

Guido segue apresentando dados sobre a posição e conformação do terreno, sua geologia, relevo, microrrelevo, cobertura vegetal, clima, drenagem, designação de cor e texturas das rochas de estrutura, serosidade e outros elementos. Nas últimas 10 páginas, Ranzani utiliza-se de ilustrações para melhor compreensão e dimensão das descrições obtidas nas páginas anteriores.

Segundo livro: O PRIMEIRO MANUAL - 1965

A Editora da Universidade de São Paulo publicou a primeira obra individual de Guido Ranzani, intitulada “Manual de Levantamento de Solos”. São 112 páginas, com gráficos e ilustrações em preto e branco, fornecidos em geral pelo Departamento de Mineralogia da própria ESALQ. Nesse trabalho, o autor já é apresentado como Catedrático de Solos e Agrotecnia da ESALQ, título conquistado para a 13ª Cadeira de Agricultura Geral da ESALQ/USP em 1957.

Em sua apresentação, Ranzani adianta que o livro *“representa a tentativa de elaboração de um manual de levantamento de solos que se destina aos nossos estudantes de Agronomia e a todos aqueles interessados na definição de posição das atividades agrícolas posteriores ao levantamento de terras em unidades taxonômicas.”*



Informa ainda que *“para a composição deste trabalho, foram compulsadas as mais recomendáveis obras, particularmente o “Soil Survey Manual”, obra que destacou da vasta bibliografia internacional a que teve acesso na Cornell University/EUA, apresentada no livro. Afirma também que trouxe como referências “a 7ª. Aproximação de Classificação de Solos, além de apontamentos pessoais frequentados no exterior”,* e define tecnicamente que o livro se propõe *“a situar a conservação do solo no seu devido lugar: uma modalidade de agrupamento interpretativo de unidades taxonômicas”*. A assinatura da apresentação é de fevereiro de 1964 e o livro finalmente foi publicado pela editora no ano seguinte.

Nos vários capítulos da obra são descritos os significados do levantamento de solos, a elaboração dos mapas de solos e os materiais da origem dos solos (tipos de rochas sedimentares, ígneas, metamórficas). Noutro capítulo, estuda a conformação dos terrenos, seus relevos, classes, declividades; as coberturas vegetais e o clima; as drenagens; a permeabilidade, a erosão e a morfologia, dentre outros

aspectos relevantes. Mostra ainda o significado da cor do solo, suas texturas, pedregosidade, estruturas, consistências, enfim, as reações do solo e o significado dos valores de pH em cada tipo diferente de solo.

A obra usa 17 quadros descritivos e mais sete figuras em formato de fotografias para melhor compreensão do leitor-estudante-pesquisador sobre as diversas formatações de solo que possuímos, seguindo a classificação do “Soil Survey manual”. Na revisão de literatura que fez para chegar à constituição desse livro, Ranzani incorporou cinco artigos inéditos produzidos por ele e sua equipe na ESALQ, com temas como o “Coeficiente de Permeabilidade Hídrica de Solos” de 1959, “Pequeno Guia para Levantamento de Solos” de 1963, “Características Associadas à Classe de Drenagem de Solo” e o “Levantamento da Carta de Solos de Piracicaba” de 1964, que posteriormente seria publicado em edição do IHGP.

Terceiro livro: UM MANUAL EXCLUSIVO PARA LEVANTAMENTO DE SOLOS - 1969



Publicado pela Editora Edgard Blücher, em coedição com a EDUSP, o novo livro de 1969 teve como base teórica o anterior, mas aperfeiçoou suas percepções sobre vários temas, incluindo aspectos como clima e vegetação, ampliando as descrições metodológicas e utilizando-se de forma ainda melhor e mais visível, os recursos gráficos e fotografias, assumindo o compromisso de ser um instrumento em favor do desenvolvimento educacional sobre a temática dos solos aos alunos, pesquisadores e demais interessados na matéria.

Guido Ranzani diz no prefácio: *“Este livro representa uma segunda tentativa de reunião das áreas científicas abrangidas pelo levantamento de cartas de solos”*. E continua a apresentação, informando que *“na primeira edição, publicada em 1965, nossa preocupação foi demonstrar que a conservação do solo não poderia ser*

conduzida senão depois de um levantamento taxonômico de solos. Tanto assim que situamos a conservação como uma etapa lógica da interpretação do levantamento de solos”. E explica, mais adiante: “Isto porque o levantamento taxonômico capacitado a proporcionar os elementos indispensáveis à eleição do melhor uso e da mais conveniente modalidade de manejo como preservação do solo, representa o único recurso técnico atualmente disponível para a implementação das bases de uma agricultura permanente.” Já nesta edição, o autor concede créditos a dois outros piracicabanos ilustres como profissionais em suas áreas: Miguel Célio Hypólito nos desenhos e Sebastião William Zerbeto nas fotografias, publicados nessa nova edição.

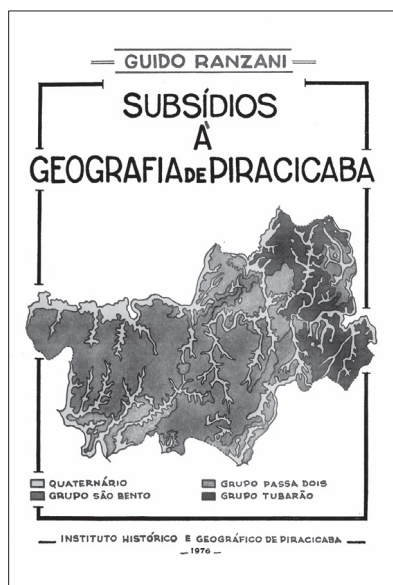
O novo livro percorre, em suas 167 páginas, assuntos como o levantamento dos solos, mapa dos solos, tipos de material básico para o levantamento de solos, emprego das fotografias aéreas nos levantamentos de solos, material de origem do solo, conformação do terreno, cobertura vegetal, clima, drenagem do solo, capacidade de armazenamento de água do solo, estimativas das perdas por erosão, caracterização morfológica de solos e alternativas de uso da terra. As referências bibliográficas ampliam-se, além das referências internacionais, para os próprios trabalhos de pesquisa publicados no Brasil, em especial pela equipe de Ranzani. No final, o livro traz outra inovação editorial com a separação de um Índice Onomástico para os assuntos tratados.

Nessa edição fica ainda mais evidente o compromisso do autor e sua equipe com o desenvolvimento educacional do tema Solos, pelas inovações possíveis da época, como o uso da fotografia para ilustrar formatos de solos, ou na indicação das possibilidades de aterros e desenvolvimento planejado para os campos de plantação do país. A partir dessa obra, novas portas, convites para palestras e cursos fora do campus da ESALQ abriram-se para Ranzani e seus colaboradores, que se firmavam como referência nacional nas pesquisas sobre Solos.

Quarto Livro: UM POUCO DA GEOGRAFIA E DOS SOLOS PIRACICABANOS - 1976

No quarto livro que publicou, Guido Ranzani fez uma revisão importante dos aspectos geográficos e geológicos da cidade de Piracicaba. Na ocasião, a cidade tinha 151 mil habitantes, 35 mil alunos

nos cursos primário e secundário e 2 mil alunos em Universidades (ESALQ, Odontologia/Unicamp e Unimep). Hoje, a cidade possui 400 mil habitantes, cerca de 80 mil alunos nas redes pública e particular do ensino médio e fundamental e mais de 15 mil universitários em novos centros que a cidade recebeu, como a Faculdade de Medicina, Fatep, Anhanguera e Salesiana, entre outras.



No Prefácio, escrito pelo então presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, o Dr. Osvaldo Cambiaghi ressalta uma crítica embutida no livro: *“Um fato que nos causa assombro e preocupação é ao que refere o Prof. Ranzani, quando diz que antes da colonização do homem branco, o Município de Piracicaba era coberto de matas em 97,5% de sua área, dos quais 41,3% eram florestas extremamente frondosas”*. E conclui Ranzani: *“O município de Piracicaba é uma região perturbada, com transformações de caráter antrópico*

com participação do Rio Piracicaba, que transportou para longe os materiais desgarrados das terras piracicabanas desprotegidas e mais sensíveis à ação das águas de superfície.”

O autor já criticava à época a influência do desmatamento sobre ribeirões e nascentes, afirmando em determinado trecho do livro que *“os animais bebem areia”*... porque o lençol freático havia diminuído de intensidade e, com ele, as minas ou olhos d’água, cuja vazão era interrompida aos primeiros sintomas da seca. E tecia igualmente comentários sobre os efeitos da estiagem sobre o clima da cidade.

Cambiaghi destaca também a obra da capa do livro, assinada pelo artista Archimedes Dutra, retratando com desenvoltura as características da cidade em seus solos Quaternário, Grupo São Bento, Grupo Passa Dois e Grupo Tubarão, que são descritos de forma técnica, mas elegante. Ranzani também identificou as três grandes superfícies de Piracicaba, classificando-as como altas, intermediárias e baixas, localizadas nas

regiões do Pau D'Alho, Monte Branco, São Joaquim e Serrote “*cujos cimos aplainados atingem cotas de 700-750 metros*”, conforme suas explicações.

As terras intermediárias, que predominam ainda hoje no Município foram descritas como pertencentes às regiões “*das colinas tabuliformes niveladas a 550-600 metros e entalhadas pela rede de drenagem dos principais afluentes dos rios Piracicaba e Tietê.*” As partes baixas, como sendo as do Vale do Itapeva – atual avenida Armando de Salles Oliveira – e dos córregos do Enxofre e do Piracicamirim, informando que “*a suavidade do relevo nessa região permitiu o desenvolvimento da planta urbana da cidade em tabuleiro xadrez.*” Informa ainda que, sobre a geologia da cidade, predominam: “*o Grupo São Bento, com 49,7% do território, seguindo-se a este, sedimentos do Grupo Passa Dois com 19,2%; os sedimentos glaciais com 15,9% e finalmente os depósitos cenozoicos, com 14,1%.*”

Esta obra pioneira do Dr. Ranzani faz também um estudo pioneiro sobre origens, extensão e características geográficas e geológicas do Rio Piracicaba, de extrema importância para a cidade ainda hoje.

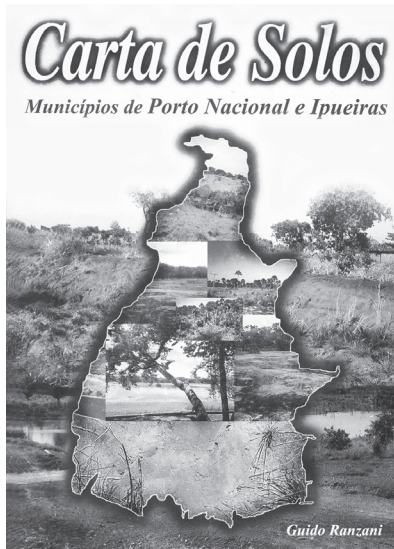
Certamente seus escritos inspiraram outros autores e perspectivas de olhares técnicos, poéticos e estratégicos exercidos pelo velho Rio sobre a comunidade. Portanto, pode-se afirmar sem qualquer dúvida, que essa obra é a primeira que busca um olhar geográfico e geológico ‘para a’ e ‘sobre a’ cidade de Piracicaba, que o teria levado a reproduzir o modelo em outras terras, como no Tocantins e em outros espaços que ocupou profissionalmente.

Quinto livro: CARTA DE SOLOS DOS MUNICÍPIOS DE PORTO NACIONAL E IPUEIRAS - 1996

Depois de deixar a ESALQ e percorrer Manaus, Belém e Brasília, nosso autor foi contratado como professor e depois consultor da Unitins (Universidade do Tocantins) em Palmas e foi lá que ele escreveu esse livro. Novos tipos de solos e de vegetação propiciaram a Ranzani um olhar importante e decisivo para a compreensão dos desafios para a agricultura no novo Estado que se criava no país.

O novo livro, com 91 páginas, tem agora acabamento melhor, como fotos coloridas, gráficos bem dimensionados, um mapa anexado

com a carta de solos impressa e, mais importante ainda, além do patrocínio da Unitins, o apoio do CNPq, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e da empresa INVEST CO, de Palmas.



Guido viajou pelas estradas abertas e recém-abertas entre os municípios de Porto Nacional e Ipueiras, ambos às margens do Rio Tocantins.

Pela primeira vez em sua trajetória como pesquisador e autor de vasta obra, Ranzani teve à sua disposição “os registros de ocorrências de solos observados por tradagens e os limites de suas áreas quando inferidos no campo, e sua confirmação por fotointerpretação de pares fotográficos, com auxílio de estereoscópio de espelho Zeiss,

empregando fotos na escala 1:60.000, de cobertura efetuada pela USAF entre 1966/68.”

Do ponto de vista metodológico, Ranzani manteve os critérios para balanço hídrico conforme sua concepção. E avançou para conhecimentos mais recentes produzidos pela Embrapa, sobre métodos analíticos. Serviu-se igualmente da bibliografia Ramalho Filho (1978) para a avaliação da aptidão agrícola das terras observadas.

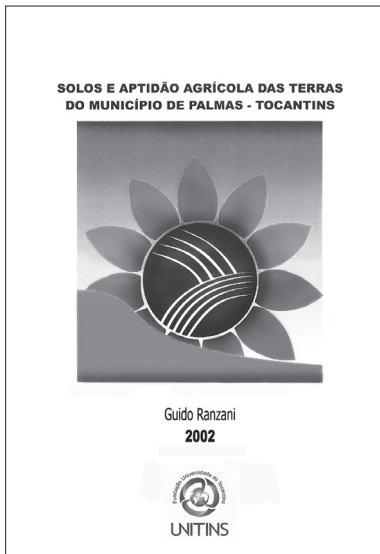
Com diferenças importantes para os solos paulistas, largamente conhecidos pelo pesquisador, sua incursão pelo cerrado tocantinense não o impediu igualmente de sugerir as técnicas mais adequadas e tipos de plantios, pastos e demais demandas agricultáveis para o desenvolvimento do Estado recém-criado.

O livro incorpora ainda nas suas páginas, 9 figuras, 13 quadros e 16 fotos coloridas tiradas pelas equipes de apoio da Unitins ao projeto.

Mesmo percebendo as limitações do solo daquele Estado, Ranzani faz um esforço rigoroso, do ponto de vista metodológico, para melhor organizar a exploração das terras do Estado, com sugestões que vieram a se tornar definitivas em Tocantins.

Sexto livro: SOLOS E APTIDÃO AGRÍCOLA DAS TERRAS DO MUNICÍPIO DE PALMAS-TOCANTINS - 2002

No último livro que publicou em 2002, já como consultor do governo de Tocantins, Guido Ranzani faz um novo relato sobre a situação dos solos do município de Palmas, capital do Estado de Tocantins. Na introdução do livro destacou que *“no presente trabalho os solos foram classificados ao nível categórico de subgrupo, o que*



torna possível o estabelecimento de algumas orientações para um desenvolvimento agrícola regional orientado, baseado em conjunto de atributos indicadores de condições que comandam o comportamento das terras, face às solicitações a que são submetidas.” E diz mais adiante: *“Nossa maior preocupação reside na expectativa de que o público alvo deste trabalho – os agricultores – se beneficie dos conhecimentos nele contidos e que, a partir deste, outros trabalhos sejam feitos abordando os vetores que comandam um desenvolvimento agrícola sustentável para o nosso estado.”*

O livro, em suas 85 páginas, traz 11 grandes campos de estudos e resultados com as análises feitas pelo grupo local. No primeiro, a Geomorfologia que estudou a depressão do Tocantins, seus planaltos e formas erosivas. No seguinte, a Geologia com formações do holoceno aluvial, pré-cambriano e suas formações de referência como a Serra Grande, entre outras. Estudos foram feitos igualmente para delimitar características de clima e vegetação, os solos e as aptidões agrícolas das terras e a busca da sustentabilidade para as grandes regiões de plantação, sugeridas pelo Estado. O livro traz impressa e anexada uma Carta de Solos da cidade de Palmas, com todas as suas referências e características. Na bibliografia que o encerra, Ranzani não cita nenhum dos seus trabalhos, mas mantém-se fiel ao levantamento inicial de 1951, feito nos Estados Unidos, que iluminou todas as suas produções em nível nacional – o “Soil Survey Manual”.

PIRACICABA...

E A “ESALQ”

Uma e outra sempre de mãos dadas.

O crescimento da Universidade refletia-se de forma marcante no desenvolvimento da cidade. E foi por aí, nesse período de quase 60 anos, que o Dr. Guido Ranzani consolidou suas habilidades como esposo, pai, professor, pesquisador e cidadão piracicabano.



Havia sempre uma garrafa de um bom vinho tinto nos almoços de uma família que crescia sempre. Primeiro foram os filhos, Godofredo, Maria da Graça, Maria Cláudia e Adriano. Depois genros, noras, netos e bisnetos. E os amigos, que ele gostava de receber sempre com sua prosa serena e muitíssimo bem-humorada. Suas piadas à mesa, suas manias, suas cantorias encantavam os 30 membros da família. Era o paizão de todos. Chegou a morar por anos no próprio campus da ESALQ, na casa onde hoje funciona o CIAGRI tendo lecionado no período de 1944 até aposentar-se em 1977.

Naquele período, trabalhou intensamente em várias frentes: começou como professor na área de ciências do solo, chegando ao cargo máximo de catedrático após o mestrado e o doutorado; organizou congressos nacionais e internacionais na área de ciências do solo; publicou livros; participou como membro e orientador de dissertações de mestrado e teses de doutorado de cerca de 77 atividades científicas na ESALQ e fora dela; escreveu inúmeros artigos científicos publicados em revistas do país e do exterior; participou também de vários congressos científicos no Brasil e no exterior.

Ainda na vida pública, seu genro João Herrmann Neto elegeu-se prefeito de Piracicaba no mesmo ano em que Guido aposentou-se na ESALQ (em 1976) permanecendo no cargo até 1982, quando elegeu-se deputado federal pelo MDB.

Maria Cláudia, a Macau, filha de Guido Ranzani e esposa do João, criou o PEP (Programa de Embelezamento de Piracicaba), realizando intenso



trabalho de criação, recuperação e preservação de parques, praças, rotatórias, avenidas e margens do Rio Piracicaba, com plantio de árvores nativas por toda a cidade, indo aos bairros sempre,

ouvindo os moradores e suas reivindicações sobre as ações a serem desenvolvidas na sua pasta.

À frente desse trabalho ambiental, Macau veio a firmar convênio com a Engenharia Florestal da ESALQ para implantar em suas dependências, ou seja, à foz do Rio Piracicamirim – o mais poluído da região – um projeto piloto de despoluição das águas, que consistiu no desvio de um braço do rio para um sistema de bacias de areia e aguapés em vários níveis de decantação, ao longo de seu curso.

O projeto instalado na ESALQ foi um sucesso e sua eficácia ficou comprovada, tendo-se constatado após todas as análises pertinentes, que a água desembocava no Rio Piracicaba pura e cristalina! Nas fotos, o dia da



assinatura do convênio PEP-Engenharia Florestal com Macau e seu esposo João Herrmann, junto aos professores da Florestal e administradores da ESALQ, responsáveis pela implantação do projeto.



O outro genro, Pedro Vicente Ometto Maurano, foi indicado vice-presidente da CPFL, Companhia Paulista de Força e Luz, no governo Quéricia, no período de 1987 a 1990. Lá envolveu-se em várias ações como a cogeração de energia a partir do bagaço da cana-de-açúcar.

Em foto da época, Pedro Maurano almoça com João Herrmann na antiga e famosa “Brasserie”, da Praça José Bonifácio.

A criação do Departamento de Solos

O Departamento de Solos e Geologia (DSG) da ESALQ foi criado em 25 de março de 1971 e Guido Ranzani nomeado seu chefe e 1º Diretor do Centro de Estudos de Solos (CES), tendo construído sua sede anexa ao DSG. Hoje, com esta mesma denominação, o CES administra o curso de graduação para as Engenharias Agrônômica e Florestal e os de pós-graduação, mestrado e doutorado.

Neste endereço eletrônico, podemos encontrar a configuração contemporânea do Departamento, com seus professores, linhas de pesquisa e projetos, entre outras atividades de ensino de graduação e pós-graduação: <http://www.esalq.usp.br/departamentos/lso/index.htm>

Luiz de Queiroz, o pioneiro

Uma monografia escrita em junho de 1964 pelo prof. Dr. Edmar José Kiehl, primeiro presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e um dos orientadores do prof. Guido Ranzani na ESALQ, intitulada “Vida e Obra de Luiz de Queiroz”, além de trechos de livros, revistas e documentos históricos da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, é o que resta da memória desse pioneiro, fundador da instituição. São 27 páginas impressas, compostas com tipos de máquina de escrever da época – uma parte preciosa da grande história de Luiz de Queiroz.

A foto seguinte nos mostra uma estátua em bronze de Luiz de Queiroz, que pesa 150 quilos e foi confeccionada na FundiArt de Piracicaba pelo escultor Edu Santos, inaugurada mais recentemente, em outubro de 2018, no hall de



entrada do prédio da reitoria da ESALQ, ampliando o nível de respeito pela figura do fundador, que possui ainda um mausoléu na entrada do Campus e mantém seu nome na simbologia esalqueana, com bandeira, brasão, flâmula, medalha comemorativa, hino e ode.

Não são poucas as referências publicadas pelos jornais da cidade, ou transformadas em livros e artigos, que situam Luiz de Queiroz como personagem decisivo e definitivo na construção de uma das maiores e mais bem-sucedidas Escolas de Nível Superior da América Latina, para o ensino da Agronomia.

Por outro lado, existe a frase popular de que “por traz de um grande homem há sempre uma grande mulher” e isso merece destaque.

Creio que os grandes homens públicos de Piracicaba sempre tiveram ao seu lado mulheres que exerceram indelével influência sobre o comportamento das ações desenvolvidas em prol da cidade. É o caso de sua esposa Ermelinda de Souza Queiroz, que teve um papel decisivo



a seu lado, na implantação da Escola de Agricultura que leva seu nome.

Do Palacete Boyes onde moravam por volta de 1880, mudaram-se para uma casa modesta na Fazenda São

João da Montanha – uma área de 131 alqueires que, à época, distava três quilômetros de Piracicaba. Para auxiliar o esposo na empreitada, Ermelinda cuidava pessoalmente, junto com sua equipe, da alimentação de todos os empregados na obra, tendo montado uma grande cozinha para esta finalidade e um estoque razoável de alimentos utilizados no dia a dia.

E embora a cidade possuísse na época mais de 5 mil escravos, Luiz de Queiroz (que sua esposa chamava na intimidade de “Lulu” e os amigos de “Queirozinho”), não permitia o trabalho escravo em suas propriedades, antes mesmo da abolição ocorrida em 1888.

Herdeira de grande fortuna dos pais, Ermelinda ajudou o marido com suas posses na estruturação da empresa elétrica e na fábrica de tecidos, que antecederam a Escola de Agronomia. Sobre sua personalidade, diz-se que era austera, reservada e extremamente religiosa. No nosso Museu “Prudente de Moraes” há um genuflexório da família, especialmente construído para as missas celebradas na igreja católica.

Ermelinda espantava os amigos com sua postura de apoio ao marido e nas suas ousadias. Era comum vê-la em sua companhia nos jantares que ele oferecia aos convidados, quando o costume da época reservava às esposas as refeições na cozinha, longe do marido. Em sua homenagem, a Prefeitura denominou a praça ao lado da Boyes com seu nome e a ESALQ deu igualmente seu nome ao Centro de Convivência Infantil no campus.

Não tiveram filhos, mas sempre se deliciaram com os sobrinhos que moravam na Europa, nas viagens que empreenderam por lá ou quando vinham visitá-los por aqui. Luiz de Queiroz faleceu em junho de 1898, aos 49 anos de idade.

Noutro espaço importante da memória esalqueana, o livro organizado por Klaus Reichardt, “Um olhar entre o passado e o futuro, ESALQ 1901 – 2001”, é comemorativo do centenário da instituição.

Nesse livro são oferecidas as características do antigo Departamento de Solos, hoje denominado Departamento de Solos e Nutrição de Plantas. Ele é resultado da fusão que houve em 1998 entre os Departamentos de Ciência do Solo e do setor de Nutrição Mineral de Plantas, então pertencentes ao Departamento de Química. Hoje oferece

5 (cinco) disciplinas básicas e 12 (doze) optativas para os cursos da ESALQ.

Entre suas funções estão a ver “o comportamento do solo e sua influência no desenvolvimento da planta, incluindo o estudo físico, químico e biológico do solo, sua correção e fertilização, poluição, manejo e conservação, processos de absorção de nutrientes pelas plantas e adubação de culturas.”

A Escola e a Cidade – alguns fatos marcantes

Nos anos de 1940, segundo o IBGE, Piracicaba possuía 76.416 habitantes. Várias das casas dos professores da ESALQ tiveram suas construções iniciadas naquele período, sob a orientação do engenheiro Eduardo Kiehl, pai do prof. Edmar Kiehl, que veio a ser um dos orientandos de Guido Ranzani na área de Ciências do Solo.

O prefeito da época era Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, que empresta seu nome hoje à Biblioteca Pública Municipal.

Como decorrência da II Guerra Mundial, a cidade teve inúmeros problemas de abastecimento e o “gasogênio”, através da queima de carvão, foi a opção que restou a Piracicaba e ao país para que os veículos trafegassem.

Guido Ranzani foi contratado pela ESALQ em 1944 e, no ano seguinte, com o fim da II Guerra, foi nomeado prefeito Bento Luiz Gonzaga Franco, o Bentão.

Em 1946 a cidade possuía 310 carroças cadastradas e dois anos depois possuía 642.

Em 1948 as maiores empregadoras da cidade eram: a Refinadora Paulista com 2.390 empregados, a Companhia Boyes com 1.600 funcionários, a fábrica Dedini



com 500 e a Usina Costa Pinto, onde trabalhavam 450 funcionários. Mais adiante surgiram a Codistil e a Mause. Na foto ao lado, o Engenho Central às margens do Rio Piracicaba, que pertencia à “*Société de Sucrieries Brésiliennes*” – o mais importante do país, com uma produção anual de 100 mil sacas de açúcar e 3 milhões de litros de álcool, incorporando-se a outras seis usinas no estado de São Paulo.

Sob o comando de Dovílio Ometto, as indústrias Dedini não paravam de crescer naquele período, montando usinas de açúcar e álcool e prestando manutenção a todas, Brasil afora. Piracicaba, mercê deste tipo de atividade, conquistava o epíteto de “o maior centro açucareiro da América Latina”.

Guido Ranzani, por ter-se formado na mesma turma de Dovílio Ometto, foi consultor desses grandes empresários para análise dos solos em suas propriedades, tanto em Piracicaba como em outros Estados do país. E foi através desse trabalho que Guido ampliou significativamente seu relacionamento com as empresas locais e nacionais, as quais iam contribuindo para que ele exercesse o mapeamento e a identificação do padrão dos solos.



Nos anos 50, Piracicaba confirmou sua vocação canavieira, com mais de 300 indústrias, três destilarias instaladas, nove refinarias, 29 mil hectares de terra cultivada para o plantio da cana-de-açúcar e uma safra superior a 1,5 toneladas de cana colhida.

Na foto, Guido e seu querido amigo e compadre da Usina Ester, o engenheiro agrônomo João Guilherme Paz Herrmann (pai do João e sogro da Macau).

Segundo Cecílio Elias Neto, no seu “Memorial de Piracicaba, ano 2000”, foi nesse período que o IAA garantiu à ESALQ uma cota de \$ 30 milhões de cruzeiros para a construção de uma usina piloto de produção

de açúcar em escala industrial, o que veio a contribuir enormemente para com o desenvolvimento técnico-científico da Escola sobre o assunto. Bentão Gonzaga autorizou, entre outras obras, a construção do campo do XV de Novembro na rua Regente Feijó, onde o XV ficaria campeão em 1948, sendo o primeiro clube paulista a ascender à principal divisão de futebol do Estado. Mas o campus da ESALQ permanecia nos “arrabaldes” da cidade, como diziam os piracicabanos com respeito a “lugares distantes”.

Por volta de 1952, o engenheiro agrônomo Romeu Ítalo Ripoli, em sociedade com Mário Dedini, lançou um empreendimento imobiliário, a Cidade Jardim, e depois dela o Jardim Europa. Esses dois novos bairros ligariam definitivamente a cidade ao campus da ESALQ. Mário Dedini também inaugurou o primeiro semáforo de Piracicaba – era a modernidade chegando.

Em 1956, um ex-orientando de Guido Ranzani, o agrônomo e artista plástico Archimedes Dutra, consegue finalmente lançar em Piracicaba o prédio da Pinacoteca Municipal, sonho de uma geração de artistas da cidade e que se transformaria em referência, com seus salões de belas artes, arte contemporânea, aquarelas e esculturas, entre outras.

No ano seguinte, Piracicaba ganhava o seu primeiro edifício, o Georgeta Brasil, e Luciano Guidotti (prefeito da cidade) impunha um ritmo veloz de novas obras: alargava avenidas, asfaltava os bairros e construía prédios públicos para modernizar a cidade. A evolução foi tão grande que a cidade recebeu da revista “O Cruzeiro”, uma das mais prestigiadas da época, o título de “Cidade de maior desenvolvimento no Brasil”.

Nesse mesmo ano, o presidente da república Juscelino Kubitschek aceitou ser paraninfo da turma de 1957 da ESALQ. Também foi nesse ano que a família Ometto doou à Santa Casa o Pavilhão Catarina Ometto, para instalação de uma clínica psiquiátrica sob a direção do dr. José Leny Jardim.

Nos anos 60, a cidade atingiria uma população de 115.403 habitantes, dos quais 57,3% estavam empregados no setor Agropecuário.

No dia 1º de agosto de 1962, Piracicaba ganharia de presente no seu aniversário, o Parque do Mirante e seu restaurante, construídos pelo

então prefeito Francisco Salgot Castillon. O restaurante servia o famoso pintado na brasa, que virou referência em todo o país.

Em 1963, a cidade ganharia, do novo prefeito Alberto Coury, a Estação Rodoviária Municipal, que homenageou o presidente norte-americano John Kennedy, assassinado naquele ano.

Com a chegada do regime militar em 1964, um agrônomo piracicabano e ex-diretor da ESALQ tornou-se ilustre, convidado para comandar o Ministério da Agricultura, o prof. Hugo de Almeida Leme. Sua trajetória, tratada no livro “O mestre da terra, vida e obra de Hugo de Almeida Leme”, reconta particularidades do professor e ministro visionário que transformou a agricultura brasileira.

No dia 6 de novembro do mesmo ano, uma majestosa construção na praça central, que levaria o nome do patrono da ESALQ (Luiz de Queiroz), um edifício em “S” conhecido como “Comurba”, caiu, causando uma das maiores tragédias urbanas não só da cidade, mas de todo o interior paulista.

Eleito deputado estadual, o ex-prefeito Salgot Castillon propôs, na Assembleia Legislativa de São Paulo, que se criasse a “Universidade Luiz de Queiroz”, autônoma e independente. O projeto foi encampado pela USP, que criou em nossa cidade um dos mais grandiosos projetos de ensino, pesquisa e extensão no campo da Agronomia e do Agronegócio.

Em 1º de agosto de 1967, a cidade comemorou o seu bicentenário de fundação, com as presenças do governador do Estado Abreu Sodré e do representante da presidência da República, o General Sizen Sarmento.

Novo momento importante para a cidade ocorreu em 1º de agosto de 1971, quando o então presidente da República Emilio Garrastazu Médici visitou Piracicaba para conhecer a ESALQ e o inovador projeto desenvolvido com a criação do CENA (Centro de Energia Nuclear aplicada à Agricultura).

Em 1975 nasceu o Proálcool – um grande projeto nacional para a produção e comercialização, em grande escala, do etanol como combustível para os veículos, em alternativa à gasolina. As pesquisas do Dr. Jaime Rocha de Almeida da ESALQ e o poder político dos empresários do estado de São Paulo na área canavieira trouxeram à

cidade, ao país e ao mundo, uma alternativa de combustível não fóssil. Por outro lado, a novidade chegou ampliando igualmente as discussões de seu impacto diante do Meio Ambiente.

Em 1976, o prefeito Adilson Maluf foi sucedido por seu secretário de obras, ex-presidente do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz e engenheiro agrônomo formado pela ESALQ, João Herrmann Neto, que fez um governo de importante aproximação com os bairros da cidade, e sua esposa Macau, filha do dr. Guido Ranzani, assumiria a pasta de Meio Ambiente através do PEP (Programa de Embelezamento de Piracicaba), que igualmente revolucionaria a cidade com o plantio de milhares de árvores de essências nativas.

No ano seguinte, Dr. Guido conquistaria sua merecida aposentadoria após 33 anos como professor e pesquisador.

AMIGOS E EX-ALUNOS

“AO GUIDO”

Zilmar Ziller Marcos

Ex-aluno e professor de Ciência do Solo na ESALQ

Zilmar nos atendeu na sede da ADAE (Associação dos Docentes Aposentados da ESALQ) e logo nos entregou um ‘ACRÓSTICO’ que fez, em versículos bíblicos, em homenagem ao Dr. Guido Ranzani: *“Fiz para o Guido, com as qualidades dele!”*

“Certa vez, o prof. Guido me convidou para irmos, logo no dia seguinte, a uma experiência no campo. Eu me preparei e o aguardei no local combinado. Quando ele chegou, de terno e gravata, me disse: ‘Zilmar, vamos pra São Paulo comigo?’ Ele era assim, meio imprevisível.

Noutra vez que fomos ao campo, estávamos perto de um barranco e, mesmo assim, ele nos fez descer com o carro. Quando pediu para pararmos, pegou os enxadões e tivemos que descer o resto a pé.

Um de seus primeiros ensaios rumo aos solos foi uma parceria que ele estabeleceu com o prof. Walter Radamés Accorsi da Botânica, para incluir, junto ao mapeamento de solos, o da vegetação local de Piracicaba. Nesse período, conviveu com os profs. Clovis de Oliveira Santos, o “Clovão” e com o Américo Tabai. Enquanto Guido fazia o levantamento dos solos, mandou os dois jovens professores para a mata, para examinarem as árvores nativas. Eles vieram com as respostas e conhecimentos que tinham na época, sobre as árvores: ‘Uma se chama ‘bica de porca’, a outra chama-se ‘coração de véia’ – eram as denominações populares, mas Guido queria as científicas: ‘Vocês vão estudar e me trazem isso direito’ – disse-lhes ríspido.

Sobre as origens do Departamento de Solos, sei que o Dr. Guido, quando teve a ideia, falou com dois rapazes que entraram num concurso e fizeram a maquete de como ficaria o prédio e consultou o engenheiro Josemil Mendes de Campos. Mas como não tinha dinheiro, deixou o projeto para mais adiante. Dr. Guido sugeriu o tamanho: 2.000 metros, conversou com meio mundo, acabou arrumando o financiamento pelo

Fundo de Obras da USP e, por fim, a nova empreitada foi conseguida através de concorrência pública, pelo engenheiro Walter Naime.

O prédio era o sonho do Dr. Guido e hoje abriga também as áreas de Química Agrícola e Geologia. Os laboratórios que ele montou eram a cara dele. Ele era impetuoso e, quando desafiado, mostrava todo o seu valor!

Devemos muito a ele pelo impulso, não só de criação e construção desse prédio do Departamento de Solos, mas da consolidação acadêmica definitiva dessa área de pesquisa na ESALQ.”

O ACRÓSTICO

Guardaste as tuas veredas que ainda brilham com o fulgor da luz da aurora (Prov. 4:18)

Ungido pela cotidiana disciplina que admiraste desde a mocidade (I Tim. 3:4)

Impuseste um freio à ira como é próprio do grande entendimento (Prov. 3:5)

Diante de Deus te apresentas como obreiro que não tem do que se envergonhar (2 Tim. 2:15)

Ouçã: Sabem os teus que és filosofo que anseia por uma pátria melhor e que (Hebr. 11:26)

Refrigeraste, com o frescor da neve, a alma de quem o recebeu como conselheiro (Prov. 2:15)

A tua fala veio no tempo certo; assim reconhecida por quem o ouvia (Prov. 8:8)

Não voltou vazia a palavra de sabedoria que saía da sua boca (Isaias 55:11)

Zeloso, educaste os filhos no caminho certo, para não mais dele se desviarem (Prov. 22:6)

Aborrecendo o mal, fazendo o bem e buscando a paz com o próximo (I Pedro 3:11)

Na vida, infinitas têm sua as tuas graças e multiplicada a paz nos seus dias (I Pedro 1:2)

Ideal que é o galardão supremo do que é fiel, recobrando tua cabeça com a coroa da vida. (Tiago 1:12)

Julio Vasques Filho

Ex-aluno, professor de Ciência do Solo e pós-graduação na ESALQ

“Penso que, melhor do que eu, outros já disseram tudo o que poderia ser dito sobre o Dr. Guido Ranzani, no que se refere ao envolvimento dele com o estudo dos solos, como pesquisador e professor.

Mas, para mim em particular, sua importância vai bem além disso. E é sobre a importância dele em minha vida pessoal que eu quero falar.

Ele me conseguiu uma bolsa de estudos quando eu ainda era estagiário, me convenceu a fazer pós-graduação e era ele o chefe do Departamento, quando eu fui contratado. Ou seja, ele contribuiu decisivamente na definição da minha trajetória profissional e de vida. Sem dúvida, está entre minhas maiores influências depois de meus pais e avós.

Há um episódio, do qual fui protagonista, que guardei como emblemático, sobre quem era o Dr. Guido ‘pessoa’.

Certa vez, no início da minha carreira como professor, eu lhe enviei uma carta contestando alguma decisão dele com a qual eu, e outros do Departamento, não concordávamos. Ele era o Catedrático e, nessa condição, tinha tudo a favor dele para simplesmente me demitir, se quisesse – mas não o fez. Provavelmente, essa seria uma atitude ‘muito pequena’ na escala de avaliação das coisas da vida do Dr. Guido – não combinava com seu jeito de pensar! Preferiu relevar a ousadia inocente deste jovem iniciante e me mostrar sua grandeza como ser humano, me deixando um exemplo que adotei como norma de conduta.

Conheci o Dr. Guido primeiro como professor e, depois, como Catedrático do Departamento de Solos da ESALQ, quando fui estagiário. Nessas relações entre pessoas com grande diferença de idade e de volume de conhecimentos, via de regra, pode não haver muita proximidade, pois para os mais jovens, a vida é ainda uma estrada desconhecida e a mente livre para apenas ‘imaginar’ o que se tem pela frente: ‘estradas planas com grandes retas, perfeitamente asfaltadas e sinalizadas, que se irá percorrer dirigindo uma Ferrari’! Àquela altura da vida, o Dr. Guido, com certeza, já tinha passado do meio do percurso nessa estrada e enfrentado todos os atoleiros, buracos no asfalto, subidas íngremes e curvas perigosas.

Mais tarde, o amadurecimento foi me mostrando o que eu não pude ver nos primeiros contatos com o Dr. Guido: ele era um homem de físico e caráter fortes, mas tolerante e compreensivo; só fazia uso desses atributos em caso de extrema necessidade; despojado de empáfia, não posava de grande cientista e, mesmo diante deste seu jovem e inexperiente estagiário e depois assistente, não se fazia de ‘o mais velho’

e, se fosse preciso, baixava o nível da conversa para quebrar o gelo e as formalidades, sem medo de revelar o lado ‘agrícola’ que ele guardava.

Hoje, na avaliação de minhas interações com pessoas muito mais jovens do que eu, muitas vezes a imagem do Dr. Guido me aparece para servir de exemplo.

Agora, perto dos meus 80 anos, posso dizer que o Dr. Guido foi um grande amigo e afirmar que ele continuaria sendo, se ainda estivesse entre nós.

Recentemente, andei planejando com muita vontade agradecer a ele pessoalmente por isso. Mas, a distância e minhas condições de saúde tornaram difícil a realização desse plano, e eu lamento que isso não tenha ocorrido.

Mas, onde quer que ele esteja, ele sabe da minha imensa gratidão por sua participação fundamental no roteiro da minha história”!

José Luiz Ioriatti Dematte

Discípulo e sucessor de Guido no Departamento de Solos da ESALQ

“Meu pai era comerciante de café e sempre que vinha de Londrina para São Paulo passava por Piracicaba. Eu fui conhecendo a ESALQ aos poucos e me apaixonando pela instituição. Eu sempre me dizia: “Um dia ainda vou voltar e estudar por aqui”.

Vim para Piracicaba sozinho para fazer o colegial e o cursinho ao mesmo tempo. Em 1960 entrei para a ESALQ e me formei em 64. Morava numa pensão acadêmica onde existe hoje um edifício com o nome da família Trevisan.

Guido era o chefe do Departamento de Agricultura Geral e tinha todos os seus assistentes em suas mãos. E comandava com mão de ferro aquele pessoal. Ele me apelidou de “italiano”, me adotou e me levava para todo canto.

Ficamos muito próximos por todo o curso. Aos sábados ele me pegava na República e íamos num jipe atrás de pesquisas sobre solos na região. Fui com ele fazer um estágio na Usina Amália. Aprendi muito com o Guido, com as excursões e incursões que fazia.

Aí ele começou a perceber que só a área de solos era insuficiente para explicar todo o campo. Fomos nos aproximando do prof. Ioda da

Geologia, até que Guido criou os programas de pós-graduação. Eu já estava nesse caminho e queria continuar fazendo mestrado e doutorado, mas precisava de um tema.

Um dos colegas da República, o Klaus Reichardt, meu amigo ‘cachorro’, me ensinou a trabalhar com calorímetro e eu fui avançando. Mas a orientação da dissertação ficou com o Dr. Guido. Em 67 descobri na biblioteca um autor americano que estava estudando gênese e morfologia dos solos. O prof. Kiehl entrou na biblioteca, perguntou o que eu estava lendo e me disse que aquele assunto não daria dissertação, nem tese; mas fui em frente e descobri os dados do professor Finto Gray, na universidade de Oklahoma. Acabei pedindo uma bolsa de doutorado e fiquei quase dois anos por lá. O conhecimento de Gray foi fundamental.

Quando voltei para escrever, Dr. Guido me deu acesso a todos os tipos de equipamentos que fossem necessários para que eu confirmasse meus experimentos. E assim procedi, sempre sob sua orientação e logo virei professor do departamento.

Fiz meu trabalho com orientação dele, mas na hora de publicá-lo, meu nome teria que aparecer em primeiro lugar! Pensei que haveria um conflito entre nós, mas ele concordou plenamente e superamos as dificuldades ali mesmo – nem ele, nem eu, éramos de guardar qualquer tipo de rancor.

Ele via meu crescimento intelectual e profissional, sempre muito questionador, e me estimulou a permanecer assim. Às vezes eu lhe perguntava coisas que ele também não sabia e me dizia: ‘Então vamos procurar saber’...

Um dos últimos passos para a consolidação da área de solos na ESALQ, ele buscou em Rio Claro, na UNESP, com a profa. Margarida Penteadó, da área de Geomorfologia – faltava essa disciplina na ESALQ, aí... ele a criou.

Eu acabei assumindo o comando do Departamento de Solos, entendia que os alunos precisavam de mais aulas em campo e consegui convencê-lo da minha tese.

Ele me marcou muito. Se não tivesse confiança em mim, não teríamos crescido juntos. Em 1984, quando estava prestes a se aposentar, ele brincou: ‘Dematte, você subiu nos meus ombros e eu te

carreguei até aqui. Agora, chegou a minha hora de pedir que me carregue”...

Henrique Amorim

Ex-aluno e amigo

“Guido era um aglutinador. Quando me formei fui convidado para trabalhar nos Departamentos de Bioquímica, Genética e de Solos. Fiquei com ele um bom tempo. Ele nos encantava pelos seus conhecimentos e pelo gosto que tinha de falar sobre os solos.

O primeiro levantamento de solos de uma cidade brasileira foi o feito por ele, aqui em Piracicaba! Viajou muito e multiplicou suas experiências com os conhecimentos que obteve. Ele sempre dizia que em Piracicaba existiam todos os solos do Brasil, desde a terra roxa típica de Limeira, até as piçarras de São Pedro, entre outras.

Nas aulas, o conhecimento era inigualável e contagiante. E o que guardo dele, ainda hoje, com carinho e respeito, era sua didática. Tinha um jeito especial de transmitir os conhecimentos, com competência científica e muito bom humor.

Mantive amizade especial com ele e sua família.

Nas nossas aulas práticas, em campo, ele aproveitava os barrancos com várias camadas diferentes de solos para nos dizer as características de cada um deles. Eu morava na república ‘San Quentin’ e fui muito ativo no Centro Acadêmico da ESALQ, vínhamos de bonde para as nossas aulas. Bons tempos.

Dr. Guido e seus parceiros como o Jaime Lacerda, sempre faziam serenatas. E a esposa do Jaime, que ainda frequenta nossos congressos, recorda-se das canções apresentadas e do carinho e afeição que havia na época.

Apesar do respeito científico alcançado no Brasil e no exterior, Dr. Guido era um homem modesto, que nunca cultivou vaidades pessoais.

A classificação de solos no Brasil mudou bastante, mas sem a base criada pelo Dr. Guido teria sido muito difícil ampliar os conhecimentos, para o nível que temos hoje!

Dr. Guido era um homem simples, falava devagar. Tudo o que ele gostava, integrava aos estudos e entregava aos alunos.”

Carlos Roberto Spindola

Ex-aluno

“Trabalhei com o prof. Ranzani logo após formado, acompanhando-o no mapeamento dos solos da Fazenda Pirituba, em Itapeva/SP. A finalidade do trabalho era a de estabelecer um pioneiro assentamento agrícola no Estado de São Paulo... o que, de fato, foi efetivado!

Não disponho de material documental sobre essa atividade, mas apenas este relato – ele se valia de fotografias aéreas da extensa área da propriedade, em escala 1: 25.000.

A empresa de planejamento à qual eu estava ligado e à qual Dr. Guido prestou assessoria era a Agroplan - Planejamento Agrícola Ltda., dirigida pelo Dr. Guido Rando, engenheiro agrônomo também formado pela ESALQ.

Isso foi no ano de 1969.”

Ana Maria Vianna Pelegrino Cerri

Amiga da família e viúva de Carlos Cerri, colega do CENA na ESALQ e grande amigo de Guido

“Eu o conheci desde minha infância, pois o Dr. Guido era amigo do meu pai. Foi um cientista marcante da ESALQ e me lembro dele contando causos – ele gostava de contar a estória da ‘rua de baixo’. Lembro-me que seu momento mais triste foi o da morte da querida Da. Giselda.

Mas, de um modo geral, ele estava sempre alegre, era brincalhão e curtia muito – gostava de cantar à mesa com a família. Quando moço, era um bom garfo, gostava de cabrito; quando mais velho, me lembro dele comendo ‘capeletti in brodo’ com vinho.”

Walter Naime

Engenheiro e arquiteto piracicabano

Walter Naime teve um papel importante e decisivo para a construção do prédio que passou a abrigar o Departamento de Solos da ESALQ. Naime já havia construído outros prédios na ESALQ, como os da Entomologia, Silvicultura e Biologia, quando foi contatado pelo Dr. Guido.

Os recursos vieram do FUNDUSP - Fundo de Desenvolvimento da Universidade de São Paulo que funciona ainda hoje na Cidade Universitária da USP e na época era presidido pelo arquiteto Lauro Zebirgof: *“Foi ele quem promoveu uma série de construções na ESALQ”* – relembra Naime.

“Foi um trabalho de equipe, primeiro Dr. Guido e eu pensando quais as instalações necessárias, uma divisão inicial dentro do espaço que nos coube, cujo projeto foi apresentado à equipe de arquitetura da USP, que fez os arranjos que julgou necessários e uma exigência: o prédio tinha que ser de tijolinho à vista, para manter o padrão das outras obras que o FUNDUSP vinha construindo à época”.

Naime lembrou-se que boa parte da madeira utilizada na construção foi trazida pelo próprio Dr. Guido e seu motorista do Departamento, que se chamava Zé Poteiro, de uma das andanças de Guido pela região do Tocantins.

Naime lembrou-se, inclusive, de alguns traços da personalidade do Dr. Guido, como tendo uma saúde de ferro e um espírito brincalhão: *“Com ele não tinha tempo quente. Guido tinha um caráter e personalidade fortes, atitudes verdadeiras de um líder. E, se aparecia alguma dificuldade, ele sempre procurava contorná-la, sempre bem-humorado.”*

Colhemos depoimento dos filhos, netos e da bisneta mais velha de Guido Ranzani, que com ele conviveram por diversos períodos de sua vida. Foram entrevistas abertas, permanecendo no texto uma linguagem mais informal e coloquial; com elas, conseguimos recuperar boa parte da memória pessoal e familiar relativas aos vários Guidos que estamos mostrando nesta obra.

Vale a pena conferir cada um deles.

A todos os que colaboraram com suas histórias, a gratidão do autor.

GODOFREDO BARBOSA RANZANI

O “DINHO”

Godofredo é o filho mais velho de Giselda e Guido Ranzani.

Godofredo casou-se com Lia Marta Furlan.



“Lembro-me da Fazenda Ipanema, em Araçoiaba da Serra – era uma fazenda do governo federal. Meu pai foi fazer o levantamento de solos por lá e me levou junto. Eu tinha uns 15 ou 16 anos e foi lá que aprendi a dirigir um carro, meio na marra. Meu irmão Adriano

também foi conosco e aprendemos a dirigir trator, até fizemos curso de tratorista – aprendemos a gradear, arar e fazer curva de nível.

Eu não fui engenheiro agrônomo por causa dele. Ele não queria que eu seguisse a mesma profissão e me estimulou a pensar noutra área. Fiz um teste vocacional aqui em Piracicaba e o meu perfil foi para ciências biológicas.

Tinha mais dois grandes amigos que se inclinaram para a medicina: o Paulo Sérgio Machado Botelho e o Raul Machado. Ai,

prestei para Ciências Biomédicas em São Paulo porque lá, a partir do 3ª ano, eu podia ir para o curso de Medicina em Ribeirão, mas houve a primeira prova e ela foi cancelada por fraude.

Fiz inscrição para outros exames. E, um dia após o carnaval, eu peguei o Fusca dos meus pais e fui a Ribeirão prestar vestibular para Medicina, em Santos. Passei e acabei ficando por lá vários anos.

Mas o trabalho do meu pai era fascinante, ele recebia fotos aéreas em tamanho 15x15, ia para o campo e, através de seu estereoscópio, acabava tendo uma visão tridimensional das terras, o que facilitava imensamente seu trabalho. Ele tinha conhecimento suficiente para perceber – só de olhar as fotos e as configurações do relevo - o tipo e o perfil do solo da área.

Depois dessa experiência na Ipanema, acompanhei-o mais uma vez na fazenda Bodoquena, no Mato Grosso – aí eu já tinha uns 18 anos. Ele fazia esses trabalhos nas férias e me dizia: ‘Prefiro, nas minhas férias, apenas mudar o ambiente de trabalho.’ E continuava trabalhando incansavelmente.”

Dentre os clientes do Dr. Guido, Dinho destacou o Dr. Dovílio Ometto, cuja empresa Dedini possuía muitas terras em Piracicaba: *“Meu pai não costumava cobrar pelos serviços, mas como contrapartida, sempre ganhava períodos de férias em fazendas ou na praia.”*

Num desses levantamentos para Dovílio Ometto, Godofredo foi de novo o motorista do pai. Ao dirigir uma camionete com tração nas quatro rodas, num determinado trecho de difícil acesso e sob as ordens do pai, foi em frente... a camionete resvalou num barranco e ralou o braço do pai, que ficou muito bravo.

“Meu pai sempre fumava muito, pelo menos uns 4 maços de cigarro por dia. Um dia, ele ficou preocupado por causa de uma tosse e eu, que ainda fazia medicina, fui acompanhá-lo num exame de Raio X do tórax. Ele me pediu para ler depois o Raio X. Não havia perigo, mas eu mostrei a mancha de uma costela e ele pensou que aquilo fosse uma mancha no pulmão. A mancha o preocupou, eu não desmenti e ele saiu de lá com a convicção de parar de fumar. Acho que consegui isso pra ele, sem dizer uma palavra. Melhor pra ele... melhor para nós, que tivemos sua companhia até os 96 anos. Bom, ele parou de fumar, mas passou a comer muito chocolate e engordou bastante.”

Certa vez, numas férias de fim-de-ano quando morava em Santos, Dinho quis fazer uma surpresa aos pais que moravam no Amazonas. Pegou um voo de primeira classe com escala em Belém-Manaus, parou lá uns dias e os trouxe para as festas em Piracicaba. Foi uma surpresa e uma grande alegria para todos.

Dinho também o acompanhou a levantamentos de solos e outras atividades em Belém e Manaus, onde prestou consultorias para a Eletronorte.

Lembra-se também como o pai era habilidoso – de um aro de roda de caminhão fazia uma bela churrasqueira, onde além de carnes, gostava de assar tambaquis. Diz que Guido também brincava que lá em Manaus as meninas com “15 arrobas” já iam pra cama... E que o pai teve um Fiat 147, que dizia ter cor de “burro quando foge”.

Quem se esbaldava nas compras em Manaus era dona Giselda, que sempre adorava passear e fazer compras por lá, sendo reconhecida pelos comerciantes tal a sua assiduidade ao local. E quando vinha a Piracicaba trazia cupuaçu em cestas de isopor.

Noutro passeio que lembra que fez com os pais, quando estavam em Manaus, foram todos – Dinho e família e os pais, ver o encontro das águas entre os rios Negro e Solimões.

Os pais quiseram ir ver um igarapé e por lá, à beira de um quiosque, foram surpreendidos por um jacaré que os assustou: “*Os meus filhos lembram do susto até hoje*”...

Sua esposa **Lia Furlan Ranzani**, diz que os fatos que tem a relatar não são de tantos anos de convívio:

“Porque quando os conheci já moravam fora de Piracicaba e voltavam só duas vezes por ano, mas convivi com o Dr. Guido por 24 anos (entre namoro e casamento) e, seguramente, posso afirmar que a perseverança era sua qualidade mais forte, pois ele dizia: ‘Minha vida é a terra.’ Embora muito requisitado pelo trabalho, vivia intensamente a família sempre que podia e nas reuniões familiares estava sempre com uma expressão de felicidade. Gostava de dançar com a Da. Giselda e gostava muito de brincadeiras. Sim, gostava de comer bem e, no Natal, não podia faltar o ‘Capeletti in Brodo’ e a torta de nozes.”

Godofredo e Lia tiveram dois filhos: Liza e Gabriel.



Liza Furlan Ranzani

A filha mais velha de Godofredo e Lia

“Uma das melhores recordações que tenho do meu avô foi uma carta que ele me enviou quando entrei no curso de Fisioterapia da PUC de Campinas. Eu já demonstrava interesse pela área acadêmica.

Depois que minha avó faleceu, eu me aproximei mais dele. Ia quase todos os dias visitá-lo, quando ele ficou na casa da rua Paulo Pinto e minha tia Macau ficou cuidando dele. Ele me contava muitas das suas histórias de vida – não era adepto a descartar nenhuma experiência de vida.

Num dos meus aniversários ganhei dele uma almofada em formato de beijo. Acho que foi um beijo de carinho e admiração que tínhamos um pelo outro. O presente foi comprado na loja Imaginarium do Shopping, a pedido dele, por minha tia Macau.

Os presentes dos natais para os netos eram mais ou menos padronizados. Um ano camisetas, outro perfumes, outro livros e assim por diante.

Ele participou da minha formatura do 3º colegial no CLQ. Sempre me ensinou e pediu que fosse respeitosa com os professores – eu

tinha que aprender e enfatizar o aspecto acadêmico de cada um deles. Vou terminar meu mestrado em 2020 e, quem sabe, continuar no doutorado, honrando a tradição e os ensinamentos dele também.

Creio que, o que piorou seu estado de espírito, foi a falta de atividades. Para quem sempre gostou de fazer pesquisa de campo, ficar em casa vendo televisão não era um negócio bom! Eu sempre o admirei e permanecerei admirando o seu brilhante lado profissional e intelectual.”

Gabriel Furlan Ranzani

O caçula de Godofredo e Lia

“Eu e minha irmã convivemos pouco com ele. Quando minha avó morreu eu tinha 13 anos e, quando chegou a vez do meu avô, eu tinha 19. Convivi mais com eles neste período dos 13 aos 19, quando eles voltaram a morar em Piracicaba. Ele ia sempre almoçar em casa, lá em Rio das Pedras. Tinha um apartamento no edifício Luiz de Queiroz, mas vendeu e foi morar numa chácara na Floresta Escura em São Pedro, ao lado de uma outra, que era dos meus tios Pedro e Magá. Em minha última foto com ele, eu tinha 15 anos e ele já estava em cadeira de rodas.

Quando eu estava no Colegial, com 16 anos, ele me levou até a ESALQ para conhecer melhor os seus prédios e os seus significados. Eu já tinha alguma convicção de que estudaria engenharia, mas ainda não sabia qual delas. Fui conhecer o Departamento de Solos com ele, que me explicou tudo sobre o assunto.

Com o falecimento de minha avó, ele ficou mais emotivo. Procurávamos ajudá-lo. Ele gostava muito de vinho e me dizia que vinho era como remédio – meia taça por dia. Quando eu nasci ele morava em Tocantins, só veio para Piracicaba quando eu tinha perto de 10 anos. Quando ele faleceu eu me aproximei mais do Toís seu sobrinho mais



velho, que era muito parecido com ele e me contava sempre as histórias do meu avô – o Toís foi quase como um avô para mim.

Uma das coisas mais estranhas do meu avô era ele não gostar de pizza – nunca vi ninguém, especialmente descendente de italiano, não gostar de pizza!

Tive um outro passeio com ele na ESALQ, e ele guiando seu velho Opala Diplomata. Mas logo seus filhos começaram a pressionar, para ele não dirigir mais, por causa da idade avançada. Dessa vez, ele me mostrou a casa em que moraram.

Aí, eu acabei entrando no vestibular de Engenharia Civil na PUC de Campinas e ele ficou muito contente com a minha decisão. Talvez hoje, eu me inclinasse a fazer agronomia!

Ele ficou lúcido até os últimos momentos de sua vida e eu admirava muito a sua inteligência. Ele era um especialista e generalista ao mesmo tempo, conhecia de tudo um pouco. Mas em solos, era certamente um dos profissionais mais qualificados do país.

Dos presentes de aniversário que me deu, o que me lembro até hoje – e guardo comigo – foi um canivete suíço de aço inox, com todos os seus equipamentos, inclusive uma pequena lanterna.



Como torcedor do Santos, ele tinha guardada uma camisa, de quando o time foi campeão em 2005, e a usava sempre que podia, pra ver os jogos do time – na foto, ele a está usando, ao lado do meu primo Gustavo e da tia

Magá – eu me tornei santista também, por influência dele.

Mesmo que tenha convivido pouco com meu avô Guido, para mim, ele foi sempre um espelho de honradez, competência e sabedoria profissional.”

MARIA DA GRAÇA BARBOSA RANZANI

A “MAGÁ”

*Magá é a 2ª filha de Giselda e Guido Ranzani
Magá casou-se com Pedro Vicente Ometto Maurano*



“Muito me admiro de meu pai, Guido Ranzani, que mesmo sem ter tido mãe para criá-lo soube educar e dar amor aos quatro filhos que vingaram, pois o caçula Ricardo, morreu com 8 horas de vida.

Onde quer que estivesse, meu pai se adequava ao meio. Na praia, fazia castelos de areia junto com os menores e maiores, pois todos se juntavam na empreitada, que era de chamar a atenção do público passante.

Certa vez, em nosso sítio, saí com ele ao campo quando estava mapeando solos em alguma área inóspita e abandonada há tempos; eu dirigindo um Jeep e ele com a foto aérea no colo, óculos no nariz, e bússola na mão, dizia: ‘Pó tocá!’ Mas eu, olhando para a frente, só via um matagal que cobria o carro e, sem ver estrada nenhuma, tinha que fechar os olhos, pisar no acelerador e tocar.

Em casa, quando não estava estudando, participava de nossas reuniões mesmo quando os namorados estavam junto. Como num belo dia em que estávamos tomando aperitivos na mesa da copa: Macau e João, Pedro e eu, os meninos e não me lembro mais quem; aí começamos uma guerra com tremoço – apertávamos a casca e saía o caroço de dentro em direção ao outro; ele só olhando e dando risada, quando então resolveu se arriscar com um ‘tremoço’ também. Mas, ao apontar e espremer o seu, minha mãe apareceu na porta e viu aquela bagunça

‘do cão’. Culpa de quem? Claro, do mais velho, que foi pego com a arma do crime.

Minha mãe dedicou sua vida à do meu pai. Era um amor louco entre os dois, não se desgrudavam nunca e ela ia junto em todas as viagens de trabalho dele, até para o meio do mato na Amazônia. Dormiam em cabanas e tudo, em barcos e em rios infestados de piranhas.

Papai contava que, quando estudante, a comida na república chegava à mesa primeiro... só depois vinham os bifês – para ninguém perder seu bife ou pegar dois; meu pai lambia logo o maior e dizia: ‘Esse é meu!’

Ficamos um ano morando numa cidade perto de Nova York, Ithaca. Os americanos confundiam meu pai com russo, pelo sotaque que ele tinha. Comprou um Ford 58 e viajamos de costa a costa; certa feita, perguntaram os frentistas de um posto: ‘Seus filhos são americanos, mas o senhor é russo, né?’ Nos Estados Unidos é comum confundirem quem fala inglês aporuguesado como sendo russo; até depois de casada com o Pedro, no elevador do hotel em que estávamos em NY, nos perguntaram se éramos russos! Deve ser a fonética ou algo semelhante.”

Magá conta que Da. Giselda tinha muito leite e que sempre foi ‘ama de leite’ de outras crianças no período em que amamentava, menos durante o nascimento da Macau: “Nós duas temos só um ano de diferença e, quando ela nasceu, eu ainda mamava... resultado, quase nem sobrou leite pra Macau, deve ser por isso que ela é magra!” Já a irmã de leite da Magá é hoje a dona da fábrica de balas Suprigel, Maria Luísa, e elas sempre se encontram.

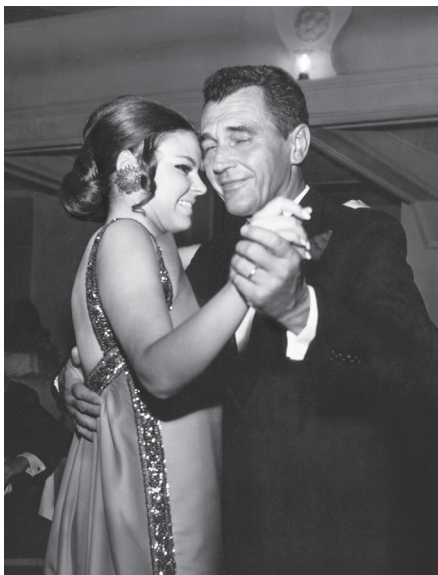
“Numa carta que o tio Mário enviou ao meu pai (ele era seu cunhado, casado com sua irmã mais velha Leonor, a tia Nora – mãe do Toís), ele falou que Giselda estava amamentando duas crianças simultaneamente e, por isso, Guido precisava cuidar muito bem dela!

Guido era uma pessoa do sítio... Giselda era da cidade, tocava piano, falava francês. Quando estavam namorando, meu pai foi apresentar a namorada a seu pai, Francesco Elia Ranzani, que disse: ‘Guido, com tanta menininha aqui em Santa Rosa que sabe lavar,

passar, costurar, cozinhar, etc... você foi logo arranjar uma que só sabe tocar piano, para casar?'

Minha mãe, na época, dirigia um Mercury vermelho conversível - 1940. Costumava vir passar férias no Grande Hotel de Águas de São Pedro com seu pai Godofredo Barbosa (que faleceu aos 49 anos e nem pudemos conhecer) e a vovó Ziza (Adalgiza Candia Barbosa). Ela vinha de motorista – era uma mulher diferente, avançada para sua época, não só por ser 'habilitada', como também 'formada' em Biblioteconomia, coisa rara de se ver!

Nas festas, ele era mesmo um 'pé de valsa' e dançava muito bem – nesta foto ele está comigo, em meu baile de formatura! Noutras festas em casa, na ESALQ, onde moramos por 10 anos, ajudava com ideias e às vezes com mão de obra, tipo a 'Noite Macabra', na qual nos ajudou a fazer as cruces com data de nascimento e morte de todos os convidados. Arrumamos um caixão de defunto e, no final da noite, tinha gente namorando sentado em cima do caixão... assim eram nossas festas temáticas e meus pais, Giselda e Guido, participavam ativamente.



Num baile do clube Coronel Barbosa, chegou uma hora que deu fome nela e meu pai saiu para comprar lanche, mas só tinha dinheiro pra comprar um. Trouxe o lanche e ela o comeu sozinha, sem dividir com ele. Com essa e outras, o Dr. Guido foi aprendendo sobre a namorada 'nariz em pé' de 'Sumpaulo'.

O João Herrmann, então estudante de Agronomia, aluno do meu pai e namorado da Macau, levava o pessoal da República dele para jantar quase todos os dias em nossa casa na ESALQ. Isso porque meus pais tinham uma casa aberta a todos os 'agricolões' e os tratavam com muita hospitalidade e carinho – o que eu adorava, pois meu namorado

Pedro Maurano também passou a fazer parte dessa ‘turma’ – era tudo muito divertido.”

Pedro Maurano, o marido da Magá, entrou na conversa e relembrou que Dr. Guido mandava cartas imensas para a filha. Ele falava das florestas, dos solos, dos bichos, dos índios... mas não falava como ele estava. Nem perguntava de ninguém. Era como um relato técnico dos seus afazeres à filha.

Lembrou-se também da festa de aniversário da cunhada Macau. Nos seus 18 anos, em meio à festa, ela e o então namorado João Herrmann anunciaram aos convidados que tinham trocado alianças de noivado. Da. Giselda não gostou da ideia, com o que o Dr. Guido concordou, pois acharam que deveriam ter sido avisados antes para que o noivado fosse comemorado com um jantar. Mas os dois se divertiram diante do fato, que em cinco minutos estava “curado”, com novo repertório de piadas por parte do Dr. Guido. O noivado acabou se concretizando num almoço, com a presença dos pais (Dr. João e Da. América) e dos irmãos do João.

Pedro lembrou-se também que, naquela época, Da. Giselda mantinha uma costureira particular em sua casa, seu nome eras Inês e uma vez por mês ela ia até a ESALQ para costurar as roupas dos filhos. Da. Giselda comprava nas lojas do centro e o tecido era entregue pelo motorneiro do bonde que passava na frente da casa: *‘Veio lá do Céu Cor de Rosa’*... gritava, jogando a encomenda para dentro do portão, sem parar o bonde. Ou: *‘Veio lá das Pernambucanas’*... *“Creio ter sido o primeiro serviço de ‘delivery’ da cidade”*, brinca Pedro.

Magá e Pedro tiveram quatro filhos: Maria Paula, Ana Carla, Tatiana e Pedro Augusto.

Maria Paula Ranzani Maurano

A filha mais velha de Magá e Pedro

“Lembro-me de um 6 de janeiro onde minha avó Giselda caiu na praia e começou a passar mal. O vovô sentiu bastante, mas manteve-se alegre e brincalhão como sempre. Depois minha avó caiu de novo no banheiro do apartamento em que morava e já tinha 76 anos. Ai os problemas começaram a ficar mais evidentes.

Creio que tive apenas uns 10 anos de convivência com eles, mas me lembro perfeitamente que em todas as férias e nas festas de final de ano toda a família estava reunida em torno deles.



Na foto, Maria Paula, Ana Carla, Tatiana e Pedro Augusto

Com a morte dos dois, os Natais foram menos intensos. Meu lugar de memória destes natais era a cozinha. Tinha um tampo giratório com vários tipos de comidas. Ficávamos conversando até altas horas. O prato principal era o ‘capeletti in brodo’ do qual, segundo fazia o vovô, tomávamos todo o caldo e depois comíamos com vinho, tinha que ser sorvida até a última gota de vinho e antes disso ninguém podia levantar da mesa.

Meus avós eram o par perfeito. Foi amor à primeira vista e nunca mais se desgrudaram. Ela usava uma bombinha para asma... e tomava todos os dias laxante para os intestinos, que não funcionavam com regularidade. Ela aceitou a posição de dona de casa, deu espaço para ele crescer profissionalmente, cuidou da casa, administrou a família e deu o respaldo que ele precisava para trabalhar. Acho – ou tenho certeza? – que meu avô não sabia nem quanto ganhava, pois dava todo o seu dinheiro para minha avó administrar.

Ele era sempre muito sutil naquilo que dizia para todos. Ele ‘jogava’ situações para você ‘pegar o espírito da coisa’ – era assim que funcionavam nossas conversas com ele, sempre inventivas.

Um dos presentes que ganhei deles no Natal, que mais me sensibilizou, foi uma boneca. Lembro-me também do Fiat 147 que ele tinha e quando íamos para o sítio, ele comigo e dirigindo, quase capotamos uma vez, subiu num barranco e depois para tirar o carro de lá foi um sacrifício. Fiquei assustada, enquanto ele repetia seu refrão preferido nestas e outras ocasiões: ‘Putá merda’...

Outra das minhas vivências com ele e o resto da família foi na praia. Quando íamos juntos, a alegria era ir à praia para caçar ‘tirisco’. Até hoje nunca cacei e nem vi um só tirisco... mas ele ia animando a turma: ‘Eu vi um aqui ... olha outro ali... corre menina pra pegar’. Era assim conosco, ele nos enrolava e nós adorávamos as suas brincadeiras. Ele sempre portava uma panela e uma colher, fazendo barulho para atrair o tal do ‘tirisco’ e íamos para a praia munidos de lanternas, pois os “tiriscos” só saíam à noite.

Ele ficava em casa sempre lendo e relendo os seus livros. Tentou me ensinar sobre solos, mas nunca tive muita vontade de aprender.

Mesmo que meus avós fingissem que brigavam, não tinha como não nos divertir com as situações, eles se amavam muito. Nem mesmo minha avó, quando comíamos os seus bolos americanos de natal antes da hora, brigava conosco. Mas ela gritava nas costas dele: ‘Giiiiiddddoooooo... quem comeu o meu bolo?’

Dos afazeres sagrados de meu avô, um era cortar minuciosamente o peru que seria servido no jantar do Natal. Cortava com capricho, pedaço por pedaço. Certa vez, me convidou para ver como se matava um cabrito no seu sítio – não foi uma experiência boa – nunca mais comi cabritos ou carneiros na minha vida!

Ana Carla Ranzani Maurano

A 2ª filha de Magá e Pedro

Segundo Ana Carla, o avô era muito carinhoso com os netos. Falava com cada um deles, perguntava como iam os estudos, dava atenção, brincava muito.

“Nunca vi ele alterar a voz, procurava instalar um clima de harmonia muito importante dentro da família. Era um homem brincalhão, mas muito centrado.

Comprava bilhetes de loteria toda semana e já confabulava em como dividir o prêmio – ficava ensaiando o que daria para cada um dos filhos, dos netos... e as maravilhas que faria com o dinheiro! Mas infelizmente nunca ganhou nada. Era um sonhador.



Carla lembra-se bem da participação e alegria do avô na sua festa de 15 anos ocorrida na casa de sua família na Nova Piracicaba: *“Foi uma valsa memorável com meu avô.”*

Segundo Carla, com a morte de Da. Giselda, como que por encanto, ele foi perdendo o gosto pela vida. Perdeu um pouco a visão e outros problemas decorrentes da idade foram aparecendo.

Ela lembrou-se também de que o avô manteve, para cada viagem de trabalho que ele fez, um ‘caderno de anotações’, mas de que são apenas observações técnicas sobre os solos que ele estudou pelo Brasil e pelo mundo afora. A coleção desses cadernos está guardada pela família na casa de Águas de São Pedro.

Tatiana Ranzani Maurano

A 3ª filha de Magá e Pedro

“Minha convivência com meus avós era mais durante o período dos natais, nas férias. Convivência diária e mais próxima ocorreu quando minha avó adoeceu, quebrou a perna e a saúde complicou de vez. Ela operou, não podia levantar, mas levantou e caiu de novo e as coisas se dificultaram.

Minha avó Giselda era sempre uma pessoa muito amorosa e com a doença perdeu aquela rigidez que a marcava e ficou mais amorosa, mais doce com todos. Eu ajudei muito nesse período, ao lado de minha mãe Magá, da minha tia Macau e de uma governanta que ficava também

com ela. Ela dizia para minha mãe: ‘Essa gordinha é bonitinha, mas é chatinha’... e ria. Eu ajudava a maquiá-la todos os dias.

Depois que ela morreu, meu avô viveu mais seis anos e morreu também, foram quase 60 anos de casados. Ele a chamava de “minha calabresa”, pelo fato de seus pais terem vindo daquela região da Itália. No fundo, no fundo, ela também era uma grande brincalhona, mas fazia o papel de má, na dupla que mantinha com meu avô, ele o ‘bonzinho’, ela a ‘mázinha’...

A biblioteca dele, os livros dele, documentos, relatórios, ela guardava com os critérios que aprendeu no curso de biblioteconomia. Ela sabia tudo aquilo que ele pesquisava e sabia a importância de cada trabalho apresentado em sala de aula, ou num congresso. Ela também lia muito.

São duas figuras humanas que admirei e ainda hoje admiro muito. Ele me incentivou muito a estudar e viajar. Quando resolvi morar em Recife e pesquisar o movimento social das mulheres e sua história, ele me deu muito apoio. Sou a primeira neta a ter um mestrado completo e a seguir a carreira acadêmica dele, estou agora no doutorado em psicologia.

Dos tempos de criança me lembro das suas brincadeiras com a dança da chuva, os gritos gloriosos, as expedições que fazíamos com ele pela mata adentro. Ele pegava uma corda, fazia com que todos pegassem na corda para ninguém se perder e ia explicando as árvores, as plantas do chão, as flores, os frutos, as aves que apareciam.

Nos almoços ou jantares em família, não queria que ninguém o deixasse sozinho à mesa. Sempre ficavam dois ou três conversando com ele. Minha primeira viagem de avião foi com ele, eu tinha uns 10 anos e fomos para Brasília.

Convivi 34 anos com o vovô Guido, que adorava descobrir temas novos de leitura. Não ficava só nas suas especialidades. Outro truque que usávamos com ele, para que ele prestasse atenção no que pedíamos ou precisávamos, tínhamos que dizer: “Vô, tira os óculos”... aí ele se concentrava na gente e prestava atenção, senão ficava lendo lá no seu mundo! Ele também não gostava de discutir religião em família. Não induziu ninguém a nada neste aspecto. Minha avó, contudo, era espírita. E eles conviviam cada qual com sua crença e orientação religiosa. Mas

ele adorava minha avó, colocava as mãos no rosto dela e dizia: ‘Como é bonita!’ E, às vezes, dava um tapinha no bumbum dela.

Já minha paixão pelo campo da história veio um pouco sob influência de minha avó Giselda. Enquanto ela fazia os seus tradicionais bolos de laranja, ou os de natal, ela me convidava para a cozinha e ia contando muitas histórias. No princípio dos natais ela fazia tudo, mas depois de idosa, as mulheres da família começaram a levar outros pratos, como assados e doces.

Quando se mudaram para o Tocantins, ela “exigiu” de meu avô um quarto com ar condicionado, pois lá era quente demais e ela não estava acostumada com aquela temperatura.

*Eu me despedi dele com um vídeo mostrando as minhas atividades no sertão de Pernambuco, pois eu dava aulas de elaboração de projetos culturais para tribos indígenas. Editei o vídeo e mandei pra ele: ‘**Que coisa bonita**’ – disse ele, todo orgulhoso.*

*Ele não discutia com filhos ou netos, quando percebia alguma conversa mais dura, ele apenas se calava. Na única vez que o vi manifestar-se sobre política, me disse: ‘**Gosto muito do Mário Covas.**’ Como o ex-governador, ele era também torcedor do Santos F.C.”*

Pedro Augusto Ranzani Maurano

O caçula de Magá e Pedro

Segundo Pedro Augusto, o avô Guido viajava muito e ele, como neto, o visitou certa vez em Porto Nacional-Tocantins, num dos hotéis em que ele se hospedava.

“Meu avô foi um dos primeiros engenheiros agrônomos a trabalhar no levantamento dos solos do Estado. Eu vivi um episódio peculiar com o vovô naquele período, quando tinha sido recém-operado e colocado uma prótese no fêmur. Mesmo assim, ele insistiu em ir ao trabalho de campo numa camionete da Universidade do Tocantins. Mas a camionete emperrou e ele, não se dando por vencido, acabou pegando carona num trator e foi sozinho fazer o seu serviço. A grande paixão dele era trabalhar naquilo que mais gostava – o levantamento dos solos em campo aberto.

Mas minhas melhores lembranças são dos Natais com ele. Uma das tradições dele era comer ‘capeletti’ e misturar com vinho.

Normalmente meus avós passavam o ano fora de Piracicaba, mas no Natal estavam sempre por aqui conosco, em Piracicaba.

Minha convivência com o vovô Guido foi mais no final de sua



vida quando meus pais compraram dele um carro Diplomata preto, 1989, que está até hoje comigo.

Ele tinha um verdadeiro xodó por esse carro. Certa vez foi guiando e voltou de Palmas com ele.

Pedro Augusto relembra também que, certa vez, Dr. Guido comprou um carro sem ‘negociar’ com a avó Giselda, que cuidava das finanças da casa. Quando ela o fez ver que ficaria fora do orçamento, ele acatou e devolveu o carro.

“O vovô Guido era sempre muito animado, com seus gritos de guerra, passeios pelas matas, gostava de dar aulas aos netos, especialmente de química e matemática. Gostava de ficar no meio dos jovens: ‘De velho basta eu’... dizia.”

Pedro Augusto lembra ainda das broncas que ele levava da avó Giselda: *“Nos Natais, quando ela via o copo dele cheio de vinho, vinha, pegava o copo, bebia tudo e dava uma bronca. Ele enchia de novo o copo e ela continuava: ‘Guidooo, você está bebendo muito’... e lá voltava ela pra enxugar o copo, mas ele enchia de novo!”*

MARIA CLÁUDIA BARBOSA RANZANI

A “MACAU”

*Macau é a 3ª filha de Giselda e Guido Ranzani
Macau casou-se com João Herrmann Neto*



“Ele era um paizão” – assim inicia sua entrevista a filha Macau Ranzani.

“Quando eu tinha uns 12 anos, meu pai me ensinou a datilografar em sua Remington, uma antiga máquina de escrever que ficava no escritório, sobre sua bela escrivaninha,

na casa da ESALQ. Eu vivia mexendo na máquina porque ela me encantava, com suas teclas altas e aquele semicírculo dos tipos em metal, que saltavam para o papel. Aí ele resolveu me ensinar direito e era muito exigente; quando me passava uma série de exercícios, ordenava que fossem feitos com um tampão que se encaixava sobre o teclado – só tenho a agradecer-lo, pois em toda minha carreira profissional e até hoje, me benefico disso.”

Macau era assídua frequentadora dos espaços de trabalho do Dr. Guido. Não gostava de ficar em casa e muito menos de atender aos apelos da mãe, para aprender a cozinhar, costurar... enfim, os serviços domésticos.

“Sempre tive mais afinidade com meu pai. Ele nunca me bateu, mas minha mãe era muito severa – dos filhos fui eu, talvez, a que mais apanhou em casa. Eu ‘fugia’ dela, ia pro rio pescar, montar carrinhos de rolimã com a molecada, disputar a bolinha de gude mais bonita, correr para o pavilhão em que ele trabalhava na ESALQ e brincar com as pipetas e tubos de ensaio nas mesas do laboratório, ele me ensinou

‘como’ usá-los e obter cores incríveis nas misturas químicas. Com ele eu podia tudo, por isso eu sumia de casa. Quando eu voltava, vinham os sermões de minha mãe: ‘Onde você estava até agora?’ Quando eu contava o que tinha feito ela ficava muito brava e eu tentava acalmá-la, dizendo que meu pai tinha deixado. Por fim, ela me dizia: ‘Ah é? Ele deixou? Mas ele tirou os óculos pra te ouvir?’ Eu dizia que não, pois meu pai vivia debruçado e concentrado diante de uma imensa papelada em sua mesa de trabalho e... de óculos, claro. E ela retrucava: ‘Pois então, ele não ouviu NADA!’

Minha vida aconteceu mais e melhor na casa em que morávamos na ESALQ, na entrada da linha do bonde, que ia até o Refeitório dos estudantes e que costumávamos ‘pegar andando’, pra desespero de minha mãe. Na rua de trás, ficava a casa do prof. Brieger da Genética, onde hoje funciona a casa de hóspedes da ESALQ, ela era murada e tinha dois cachorros bravos, mas isso não impedia o Adriano, Vicente Gurgel e eu, de pularmos o muro e ‘driblarmos’ os cachorros para apanhar frutas no pé – depois, ‘o coro comia’!

Chega a ser difícil pra mim falar do meu pai, pois fui eu quem ficou com ele depois que minha mãe faleceu! Fomos morar uns anos na chácara ‘Santa Rosa’, na Floresta Escura de Águas e ele adorava os churrascos de inverno com amigos – tomava seu vinho e ainda se arriscava no violão, aos 92 anos – ô saudade Dr. Guido!



Bom, mas continuando, nossa casa na ESALQ era enorme e tinha uma bela horta, um grande pomar variado, um viveiro de periquitos multicores, inúmeros pássaros em gaiolas, duas araras (uma vermelha e outra azul), dois cachorros (o Dique e o Twist), a macaquinha Zefa, um lobo guará, uma jaguatirica, um casal de

capivaras, um imenso jaboti e tartarugas d'água, galo/galinha, pato/marreco... era um verdadeiro zoológico! Antigamente, não havia nenhuma restrição ao fato de se ter animais selvagens em casa e criá-los.

Lembro-me de meu pai me pedindo: *'Está na hora de embrulhar os caquis'* e de outra feita eram os figos, que eu *'ensacava'* a pedido dele, amarrando com barbante um-a-um em saquinhos de pão, para que os passarinhos não viessem bicar. Tínhamos também seriguela, pera, banana, manga, goiaba, jabuticaba e amora. Eu era especialmente incumbida pelo meu pai a cuidar de tudo isso – o que eu adorava fazer, pois me sentia honrada por essa empatia e identidade com ele. Havia até um pássaro preto (o *'vira-bosta'*) que meu pai segurava nos dedos, dava comida na boca e ensinava a cantar a primeira estrofe do Hino Nacional. O bichinho aprendeu e cantava, cantava, e minha mãe sempre dizia: *'Eu ainda vou enlouquecer com esse bicho aqui em casa'...* pudera, imagina só ficar ouvindo o mesmo trechinho do Hino Nacional o dia inteiro!

Meu pai era muito divertido. Em toda reunião social que havia ele dançava com todas as *'sirigaitas'* da festa... *'sirigaitas'* pra Da. Giselda eram todas as *'outras'* mulheres que, invariavelmente, faziam parte do *'sabão'* que ela passava nele, morrendo de ciúmes. Mas não nesta foto, porque ele está comigo, no meu baile de formatura...



Certa vez, o *'Twist'*, nosso cachorrinho Fox (nome dado porque ele *'dançava'* rebolando e *'sorria'* mostrando os dentes), mordeu um sapo pela segunda vez e, desta feita, parecia estar morto, duro e esticado no chão. Minha mãe ia nos buscar na escola e não queria que o víssemos lá caído. Chamou meu pai, que o levou para os fundos do laboratório num saco de pano, mas teve que largá-lo lá ao lado da porta, pois tinha

que dar aula: *‘Mais tarde eu o enterro’* – pensou. Quando encerrou os trabalhos, voltou para enterrar o bichinho. Chegou a abrir o buraco, mas na hora que pegou o saco, percebeu que o Twist estava quente, mesmo estando todo molhado por conta da torneira espanada que ficou pingando sobre ele. Deu-lhe uma sacudida, enxugou-o e trouxe-o de volta pra casa, para espanto de minha mãe e alegria de todos nós. Meu pai adorava os bichos, mas minha mãe não chegava nem perto deles, ela nem punha os pés lá fora, no quintal.

Ele ensinou, por exemplo, a arara vermelha a falar ‘fdp’... e toda vez que minha mãe se aproximava dela, ela berrava: **‘FDP’!** Era muito engraçado ver a briga dos dois... mas quem se saía mal nessa história era sempre a arara.

Também adorava contar piadas. Em todo Natal, o lance era esperar ele abrir a terceira garrafa de vinho pra contar a tal piada do Cornélio Pires, que ficou famosa na família e hoje é uma saudosa lembrança. Meu pai contava que Cornélio Pires, afamado ventríloquo da região de Ribeirão Preto, um dia foi convidado para ir a uma das fazendas alegrar uma festa. O dono enviou um encarregado dos pastos, cujo apelido era ‘Neguinho’, para buscá-lo na estação ferroviária, informando apenas que o ilustre convidado estaria de terno branco e mala preta. Lá foi o ‘Neguinho’ na charrete e, na volta, quando desceu para abrir a primeira porteira, Cornélio dirigiu-se ao burrinho que ali pastava, perguntando como era o comportamento do tal ‘Neguinho’, ao que o burro prontamente ‘respondeu’: *‘Ah, seu Cornélio, esse ‘Neguinho’ não dá descanso, ‘senta o pau’ na gente, faz trabalhar o dia inteiro e não dá comida direito.’* O ‘Neguinho’ empalideceu, arregalando os ‘zóio’, mas seguiu em frente! Na segunda porteira, havia umas vacas pastando, Cornélio continuou perguntando sobre o ‘Neguinho’ e uma delas ‘respondeu’, acusando-o de ser preguiçoso, de dar pasto ruim e da vida dura com ele, que não as levava para o pasto bom mais distante. O ‘Neguinho’ já estava surtando de tão assustado e, na terceira porteira, foi a mesma história com as ovelhas. Quando chegaram na última porteira, antes da casa grande, Cornélio repetiu a pergunta pra uma cabrita que pastava ao largo e o ‘Neguinho’, muito nervoso, correu a interpelá-lo atônito, gesticulando muito, com voz

aflita: ‘Ói bem, seu Cornéio, o sinhô num pergunte naaada pra essa cabritinha, purquê ela é mentiroooooosa’...

Haha... meu pai interpretava cada personagem e saboreava cada segundo dessa história. Os filhos, netos e parentes caíam invariavelmente na gargalhada - sem essa piada, não tinha Natal!”

Macau lembra que ele fumava pelo menos quatro maços de cigarros por dia: *“Era o Continental sem filtro; tinha um pacote em casa, outro no porta-luvas do carro, outro na sua escrivaninha, na sala de aula da ESALQ”...* Enfim, diz que quando ele saía com os alunos para as aulas práticas no campo, se o cigarro acabasse... acabava a aula!

Mas a maior bronca da mãe era quando, nas festas em geral e segundo ela mesma, achando que Guido estava exagerando no vinho, vinha a frase de sempre: *“Pare de beber Guidooo... que você já está vesgo.”*

Macau lembra-se da mãe como uma mulher organizada e muito vaidosa. Sempre bem vestida, acordava pronta, como se fosse a uma festa: *“Ela esperava meu pai diariamente para almoçar toda maquiada, com o cabelo impecável, salto alto e roupa chique, com brincos e colar combinando! Quando ele saía para atividades no campo, adorava levar o ‘pão com ovo’ que minha mãe fazia, e tinha que fazer sempre em maior quantidade, pois sabia que ele iria dividir com os alunos e funcionários que o acompanhavam.*

Eu estava sempre ao lado dele, por toda a minha adolescência vivida na ESALQ estivemos juntos e ele me instruí, tanto nos tratos culturais da horta e do pomar, como nos cuidados característicos de todos os bichos, que ele trazia das viagens. Sempre que podia, ele me levava para as atividades do campo, dizendo: ‘Vamos companheiro?’ E eu me sentia o máximo ajudando-o em tudo, inclusive no Departamento de Solos ou em seu laboratório – ele me via chegando e logo me dava tarefas. Fui eu quem pintou, por exemplo (depois dele desenhá-lo inteirinho), o Mapa de Solos do Município de Piracicaba, que deve medir cerca de 1,5m de altura por 2,5m de largura, e que está lá até hoje.

Dr. Guido era um apaixonado por carros, apesar dos protestos da minha mãe. Uma de suas maiores paixões foi o Ford 29, que ele mesmo montou inteirinho original com seu amigo ‘Zé Poteiro’, que todo

final de tarde chegava com ele e ficavam tomando umas e mexendo no carro.

E sobre minha mãe, uma última história: Ela falava muito bem o francês, a ponto de ter herdado toda a biblioteca do meu tio-avô Ângelo, irmão da vovó 'Ziza', sua mãe; mas meu pai não dizia uma palavra em francês e só pra mexer com ela, vinha sempre com esta: 'Eu quero é ver... l'argent sonnante sur la table!' Pois era ela quem cuidava das finanças."

Macau e João tiveram quatro filhos. Na foto: João Guilherme, Matheus o caçula, Alexandra e Gustavo.



João Guilherme Ranzani Herrmann

O filho mais velho de Macau e João (neto mais velho de Giselda e Guido) casou-se com Alessandra Conde Almeida e tiveram uma filha – Pietra

“Meu avô tinha vários carros, mas ia com um Fiat 147 pick-up para o sítio, ele o chamava de ‘Porrinha’. Pegava a estrada do Anhembi,

era só estrada de terra e o Porrinha ia de boa; ele corria, com o carro pulando que nem cabrito, passava em cima das pontes do Rio Corumbataí e, nossa, o carro ia pulando, batendo, eu ofegava e ele dizia: ‘Isso aí é só pra matá lombriga!’

‘Matá lombriga com o Porrinha’ ficou na memória de João Guilherme como esses trechos da estrada e da ponte... ‘matar lombriga’, era matar a vontade de ‘voar’ no carro, chacoalhando feito louco: “*O barato da viagem era esse – fazer uma aventura.*”

Essa foi a época em que mais viveu com o avô, quando ele morou no Edifício Romano, na Prudente com São João. João conta que ia com o avô no sítio Potreiro do Congonhal todo domingo, era religioso ir no sítio aos domingos: “*Essas idas ao sítio... era eu e ele. Ninguém mais ia, sou o neto mais velho e eu dormia lá. Eu que ia. Só nos dois. A gente ia super cedo, tipo cinco ou cinco e meia da manhã. Eu dormia na casa dele, ia pra lá e voltava na hora do almoço trazendo ovo, rúcula, pupunha que a vovó adorava, etc. Era momento meu e dele, muito próximo, esse trato de fazenda, terra.*

Ele me contava as histórias da época, as histórias que ouviu de seu pai. Ele não era um homem de uma frase, era um contador de histórias, ele gostava de viver momentos; quando estávamos juntos, ele parava em algum lugar e falava: ‘Veja essa ponte, foi feita assim, assado.’ Aí, olhava o barranco e falava: ‘Olha onde começa o solo tal e tal, muda pra cá, pra ali’...

Ele trouxe mais que uma parte técnica pra mim... me ensinou a saber olhar diferente para uma montanha, saber dizer ‘aquele é um planalto, um testemunho’. Aprendi com ele e não na escola, aprendi com ele coisas que nunca mais esqueci e hoje eu olho uma planície e me recordo de tudo que ele me ensinou.”

É impressionante como João Guilherme sempre se lembra do avô contando a famosa ‘História da Cabrita’:

“Ele tinha o jeitão de sentar-se à mesa do Natal e contá-la no momento certo, lá pelas tantas, depois da ceia, quando todos estavam na mesa redonda da cozinha do Romano; era sempre quando acabava uma garrafa de vinho e ele começava a espreme-la, falava que iriam cair 16 gotas da garrafa. Aí, ele ficava: ‘Uma, tá formando outra gota; duas, outra, não pode balançar, ajudem o vô a espremer a garrafa’ –

todo mundo olhava atento – ‘passou, agora quinze, olha aí, dezoito’... quando chegava nesse ponto, ele finalmente contava a História da Cabrita.

Todo ano ele contava a mesma história, mas a gente ficava esperando por isso, ele era um ator, era um artista, eu era criança e não entendia a piada, mas dava muita risada do jeito dele contar. A vovó Giselda sempre aparecia e repreendia o vô: ‘Guido, você não vai contar essa história infame na frente das crianças, de novo!’ Mas a criançada não entendia o final da piada, quando ele falava: ‘Não pergunta nada pra essa cabritinha, que ela é mentiroosa.’ Eu, João, ria muito sem saber porque, ria de ver o pessoal rolar no chão de tanto rir; ria de ver o que acontecia à minha volta. Mas eu mesmo, só fui entender a piada quando tinha uns 18 anos... que o carinha ‘pegava’ a tal cabrita – passei minha infância inteira sem entender.

João Guilherme lembra-se do avô na casa da ESALQ, pois moravam perto, na rua Barão de Piracicamirim, no bairro São Dimas. Com 3 ou 4 anos de idade, lembra-se do ‘vô’ passando na rua com o Ford 29: “Eu ficava louco! Ele me pegava e íamos passear pelo bairro.



Depois, na minha mocidade, era eu quem cuidava do Fordinho.

O vovô era sempre alegre, nunca o vi triste. O curioso nisso, é o que minha mãe sempre nos disse, que nunca viu o vovô dar ‘a mínima’ para o dinheiro... ele era completamente desapegado, não tomava conhecimento de nada – o dinheiro todo da casa ficava na mão da vovó Giselda – isso é que é confiança!

Outras duas coisas que marcaram demais minha vida, ele dizendo: ‘Põe feijão no prato, farinha de mandioca

em cima e faz um reboco’... hahaha; e no Natal, com o ‘capeletti in brodo’: ‘Depois de tomar todo o caldo, põe vinho tinto em cima e come de colherinha!’ A vovó Giselda controlava o quanto o vovô bebia. A certa altura, ela dizia: ‘Olha pra mim Guido, olha pra mim. PARE de beber... que você já envesgou!’ Um tinha ciúme do outro.”

João Guilherme lembrou-se do nome do cavalo do avô: “*Despacho, o vovô sempre falava dele*”, e segue contando que quando o avô foi pra Brasília trabalhar na Embrapa, ele estava estudando no Rio de Janeiro: “*Nessa parte de Brasília, não convivi tanto com ele como minha mãe e meus irmãos, só um pouco, quando eu vinha de férias. Ele plantou uma horta onde morávamos, na casa do Lago Norte, sempre mostrando uma ligação muito forte com a terra.*

Passei a conviver mais com ele quando ele já estava aqui na chácara ‘Santa Rosa’, em Águas de São Pedro, pra onde eu vinha quase todo final de semana, pois minha mãe morava junto pra cuidar dele. Mas aí, ele já estava bem velhinho e a vovó já tinha morrido. Ele era hipervaidoso, gostava de estar sempre bem arrumado e tal.

Na parte científica, eu via o trabalho dele quando vinha, seus cadernos todos organizados e bem escritos me impressionavam. Ele me influenciou muito nesse aspecto, ao ver tantas anotações impecáveis e os equipamentos que ele tinha para fazer avaliação de solo, cartas de solos. Ele desenhava muito bem e me ajudou muito nos desenhos.

Nessa hora, a Macau o interrompeu, contando: “O Luiz Antônio, casado com nossa prima Maria Stella, vinha sempre passar o Natal conosco, em Piracicaba – ele também era agrônomo e meu pai o adorava. Conversavam muito, pois ele tinha uma fazenda que era colada ao deserto do Jalapão no Tocantins, onde eram feitos os ‘Rallys dos Sertões’, dos quais o João Guilherme sempre participou com sua equipe de carros ‘Baja’, da Federal de São Carlos. Certa vez, eu disse: ‘Você sabia, João Guilherme, que depois que seu avô fez todo o levantamento de solos do deserto do Jalapão e região, a pedido do Governador do Tocantins... foi ele quem proibiu o ‘Rally dos Sertões’?’ E você filho, indignado, disse: ‘Ahhh... vô, não acredito que foi VO-CÊ quem proibiu que se fizesse o ‘Rally dos Sertões’ ali, no Jalapão!’ Dr. Guido respondeu: ‘Aquilo tem que permanecer intocado João Guilherme... porque ali, o que parece ser apenas um deserto, em cujas dunas vocês

faziam o Rally, revolvendo tudo, é a área de todas as cabeceiras, responsável por todas as águas do Estado.’

E João Guilherme concluiu: *“Meu avô morreu em 2011. Eu tinha 39 anos. Fiquei uns 15 anos fora, longe dele. Tive parte da infância muito intensa a seu lado, mas só depois, nos últimos 5 ou 6 anos de vida dele pudemos conviver novamente, pois ele morava com minha mãe e, vindo vê-la, eu sempre tinha o privilégio de conversar com ele.”*

Alexandra Hermann Gil

A 2ª filha de Macau e João, casou-se com Fernando D’Abronzo Gil e tiveram 3 filhos – Mariana, Rafaela e Enrico

“Eu morei com meus avós alguns anos no Lago Norte, em Brasília. O vovô tinha sido designado para trabalhar na Embrapa e ficou uns anos conosco por lá.

Uma das minhas tarefas, sob seus cuidados, era molhar diariamente, em horários predeterminados, todas as árvores do nosso jardim, com a quantidade de água que ele determinava. Meus irmãos fugiam do serviço e sobrava tudo pra mim, mas eu fazia com alegria. Tínhamos muitos coqueiros e eles precisavam de cuidados diários. E ele ia me ensinando um pouco do assunto que ele amava, que eram os solos. E perguntava: ‘Você sabe quantos litros de água um coqueiro precisa para manter-se saudável?’ Lógico que eu não sabia, mas aos poucos fui aprendendo: ‘Nada de esguicho, só com baldes de 20 litros, dois por dia, sempre às 17 horas’, era essa a orientação. Os coqueiros ficavam na frente da nossa casa, nas laterais e também internos, e tínhamos também muitos ciprestes. Ele era muito controlador.

E quando minha mãe viajava a trabalho, ela nos deixava sob os cuidados deles: ‘É só obedecer, e pronto!’ Era essa a orientação dela pra nós. A convivência com o vovô Guido e a vovó Giselda era muito tranquila. Daí eles se mudaram para um apartamento perto do Colégio Dom Bosco onde eu estudava. Ia sempre vê-los após as aulas, eles gostavam de tirar um cochilo após o almoço, vendo os telejornais.

Mas o que mais me marcou com meu avô, foi uma situação difícil, que ele resolveu com muita competência. Eu estava com notas muito ruins de matemática – que era uma das especialidades dele. Já estava de Recuperação e precisava tirar nota 10 no exame. Eu fiquei por alguns

dias lá no apartamento deles e ele me preparava vários exercícios; deixava tudo arrumado pra mim: lápis, borracha e caneta sobre a mesa. Me explicava o que tinha que fazer e depois corrigia tudo comigo, e assim foi me ensinando, com calma, tudo o que eu não tinha conseguido aprender naquele semestre.

Foi um bombardeio de fórmulas e contas, equações e problemas, divisões de catetos com hipotenusas sem fim. E o que era sem nexos e sem fundamento para mim, foi tomando forma, tinha comigo mesma um compromisso, o de aprender com ele. Foco e meta me conduziram ao sucesso com a desconhecida matemática e ela deixou de ser minha inimiga, o castigo de aprender forçado dava espaço ao prazer de alcançar os resultados certos, com um professor nato, que me mostrou a deliciosa experiência do saber e fazer, que nada mais era do que simplesmente saber ensinar, como ele ensinava.

Enquanto para mim era obrigação, para meu avô era paixão. E como todo professor que leciona por amor, ele passou adiante muito além de fórmulas matemáticas, passou inspiração e o incrível exemplo de persistir até conseguir aprender.



No dia do exame fui muito bem e tirei nota 10! Um ‘DEZ’ de matemática na sétima série do ensino fundamental não é para qualquer um, fala sério, de jeito nenhum! Mas como não tinha muita gente na classe fazendo exame, nem pude ‘comemorar’ com os amigos o fato de ter passado de ano. Graças a ele, graças à sua paciência e didática!”

Na foto, Alexandra com o avô Guido e sua filha Mariana. Mariana é a bisneta mais velha, casada com Paulo Davi Jabur, e interveio na conversa. Certamente, nos deu um depoimento válido em nome dos 13 bisnetos: “O biso Guido sempre foi muito alegre e de bem com a vida. Sempre muito inteligente, conseguia animar toda a família na hora de fazer o ‘grito de guerra’ nas celebrações anuais de Natal, Páscoa,

aniversários, etc. Hoje em dia, entre os bisnetos, seus ‘gritos de guerra’, principalmente o ‘Plin-plin-cavalin’, sempre são assunto das nossas lembranças de infância. Idolatrávamos nossos bisavós, por todos estarmos unidos nas festas e fazermos o grito de guerra mais famoso da família! Isso até hoje é muito forte em nós... e éramos apenas crianças. No Natal, lembramos especialmente dele na mesa da cozinha, cortando o famoso peru – era um momento que todos esperávamos ansiosos, para começar a ceia – ele com sua também famosa faca elétrica e todos nós, adultos e crianças, à sua volta. Resultado: o peru nunca chegava à mesa da ceia! Éramos bem novos, mas essas lembranças estão muito vivas em nossos corações.”

Alexandra retoma seu depoimento:

“Um professor é a base de tudo na vida escolar de uma criança. Um ‘Mestre’ contém a arte na forma de ensinar. Um ‘Doutor’ jamais deixa de praticar o que ama. E foi assim que tive o privilégio de ter meu avô Guido como meu professor, mestre e doutor particular de Matemática. Com tantos afazeres e compromissos importantes, ele teve a singela dedicação pessoal a mim, como se estivesse lecionando num auditório lotado de universitários dentro da ESALQ.

Depois que voltamos para Piracicaba, às vezes eu passava as tardes com a vovó Giselda, que amava sorvetes de qualquer sabor e eu sempre levava pra ela. Lembro-me que ela tinha mania de limpar os potes de manteiga com os dedos, não sobrava um pingão de manteiga nas vasilhas, que depois ela lavava com cuidado, para usá-las como potes.

Meu avô tinha um jeito delicioso de brincar, era um companheiro. Não lavava um copo sequer, mas dele estão na lembrança as datas... canções... histórias... risadas... e tudo o mais que expressa a união de uma família em torno de seu baluarte.

Depois que eu me casei e morei em Piracicaba, ele me trazia leite, verduras e frutas do sítio. No sítio ele se transformava, era só alegria. Acho até que ele conseguia conversar com os bichos e as árvores, tal a intimidade que estabelecia com eles naquele seu pedaço de terra.

O amor ao conhecimento sempre foi a chave da procura incansável deste homem desbravador. Meu avô Guido fez da vida dele

uma escola, e a nossa missão depois dele será apenas tirar proveito desta vida de trabalho, pois para ele, ensinar era apenas felicidade!

Na sua última semana de vida e do alto de seus 96 anos, incrível, mas o vovô Guido estava lendo os livros de Física Quântica da minha mãe... deixou muita saudade, muita. Te amo, vô!”

Gustavo Ranzani Herrmann

O 3º filho da Macau e João, casou-se com Mariana Rolim Everaldo e tiveram 2 filhos – Leonardo e Manuela

Engenheiro agrônomo como o avô, nos cursos de Agronomia que frequentou na UNESP de Jaboticabal e na ESALQ de Piracicaba, como é tradição a todo aluno receber um apelido, o do Gustavo foi “Guido” (em Jaboticabal) e ‘Prefeito” (em Piracicaba). Alguns amigos ainda o tratam pelo apelido de “Guido” até hoje – o mais marcante.

“Morei com meus avós um tempo de minha vida na nossa casa, no Lago Norte em Brasília. E minha maior lembrança era o meu avô, de domingo a domingo, pelas manhãs, sempre de sunga, cuidando da horta que ele plantou lá, replantando, regando, tirando mato e fazendo a gente colher a salada do dia. Deixava o espaço um brinco. Eu devia ter uns 12 anos mais ou menos.

Mas a grande e definitiva imagem dele era a de estar sempre estudando. Não havia domingo ou feriado, ele estava sempre lendo coisas do seu campo de trabalho ou de outros, adorava ler sobre Química e Física.

Outra passagem importante foi quando estive no Tocantins e influenciou definitivamente a decisão do governo do Estado, contra a realização anual do Rally de carros ‘Baja’ pelas areias do deserto do Jalapão. Ele mostrou ao então governador Siqueira Campos, que a areia era um ser vivo e que a passagem de muitos veículos simultaneamente por suas dunas, acarretava no comprometimento e desestabilização daquele importante ecossistema. O governador suspendeu o evento por causa dele. E para tristeza do meu irmão João Guilherme, que adorava frequentar aquela área, durante sua participação nos ‘Rallys dos Sertões’.

Meu avô tinha uma atenção especial para aquela região, justamente pelo encontro de dois biomas importantes que se

complementam ali: a floresta e o cerrado. Essa sua compreensão do mundo através dos solos e plantas foi um marco na minha vida desde cedo, pois aprendi a apreciar, depois, as fazendas do meu outro avô João Guilherme Paz Herrmann. Eu ia com frequência a esses espaços rurais e ficava ouvindo as conversas do meu pai (que também era agrônomo e tinha empreendimentos no campo do agronegócio) com meus avôs.”

Dos Natais que passou com o avô Guido, Gustavo lembra-se da faca elétrica do avô, que fatiava milimetricamente cada pedaço do peru, para que servisse a todos: *“Ele demorava duas horas, contava histórias e celebrava cada fatia conquistada”*.

“Creio que fui o único neto a escolher a profissão de agrônomo. Entrei na Unesp em Jaboticabal, mas depois, no terceiro ano, me transferi para a ESALQ onde me formei. E mesmo já aposentado, o prestígio do meu avô Guido, do ponto de vista acadêmico, ainda era muito grande, na ESALQ e no mercado de trabalho, por onde andei pelo Brasil, seu nome é referência.

Também como profissional ele era sempre muito requisitado. Ele só diminuiu o ritmo depois que minha avó Giselda faleceu. Embora fosse uma verdadeira enciclopédia, adorava estudar e ampliar seus conhecimentos e sua cultura já vasta. Ele poderia ter morrido milionário se soubesse cobrar pelos serviços que prestou vida afora, aos inúmeros clientes particulares e instituições que atendeu, especialmente no campo do levantamento de solos! Mas ele nunca se permitiu cobrar pelo seu conhecimento.

Gustavo reconhece com alegria o fato do seu ‘gen’ de agricultor ter sido influenciado pelos três ‘agricultores’ de sua vida: o avô Guido, professor e pesquisador; o avô João, administrador de fazendas e o pai João Herrmann Neto:

“Meu pai, quando estudante, era frequentador assíduo da casa do vovô Guido, mas, mesmo depois de casado com sua filha Macau, minha mãe... sempre tratava o vovô por ‘Doutor’: ‘Fala Doutor’... ‘E aí, Doutor’... mesmo entre brincadeiras, piadas, cervejadas, etc.

Em nossa chácara na Pompéia, havia um Ford 29 do vovô, que nos levava passear quando estava por lá. O carro ficou numa garagem

perto da piscina por muitos anos, capota de lona, bancos de couro. Era uma festa para a criançada.

Quando fui vereador aqui em Piracicaba e presidente da Câmara, tive a oportunidade de homenageá-lo durante uma sessão comemorativa do centenário de fundação da ESALQ. Depois de muita conversa e influenciado por ele, lembro-me do discurso que fiz - fui rigoroso na análise dos papéis desempenhados pela ESALQ em nossa



cidade, nos campos do ensino, pesquisa e extensão. E levei para o campo da 'extensão' minhas maiores críticas, o que causou algum constrangimento e cara feia do então diretor Júlio Marcos.

Mas depois de terminada a solenidade, ele me disse: 'Você está certo'... e eu fiquei muito feliz por não ter sido considerado deselegante na minha argumentação – a presença do vovô Guido me deu muita força! A grande pergunta, já não mais como aluno, mas como vereador, foi simples: 'Como a ESALQ contribuiu para a evolução da agricultura na cidade de Piracicaba?'

Era pouco e continua pouco, a extensão é uma grande lacuna a ser resolvida pela instituição até hoje, na cidade que a abriga. Especialmente quando é o dinheiro público que dá manutenção a ela, ESALQ, através do Governo do Estado e, indiretamente, pelo contribuinte piracicabano.”

Lembro-me também de uma viagem que fiz com ele, num Fiat que ele tinha, até Jaboticabal. Eu fui dirigindo a, no máximo, 100 km por hora, pois ele não permitia mais do que isso, quando não estava no volante! A certa altura, eu dei uma fígada de cochilo e levei uma baita bronca. Acho que foi a única bronca que ele me deu durante toda minha

vida, mas, também, aquele baita estradão vazio era um tédio, a 100 por hora!

Enfim, posso afirmar seguramente que meu avô Guido foi meu farol para a vida.”

Matheus Ranzani Herrmann

O filho caçula de Macau e João teve as filhas gêmeas Carolina e Catarina com Paula Palamartchuk. Depois casou-se com Stella Freire e tiveram 3 filhos – João, Francisco e Guilherme

“Meu avô sempre foi uma referência intelectual, moral e humorística. Sua presença sempre reconfortante e muito agradável. Alegre e dedicado à família, foi uma pessoa da qual só guardo boas lembranças.

Para mim, as lembranças sempre carregam lições de vida nas mais diversas áreas... desde comer até estudar e saber apreciar o mundo em sua diversidade e beleza, pois de tudo ele fazia um ensinamento e uma oportunidade de apreciação e aprendizagem. Tive o privilégio de morar com ele quando criança e tudo o que sei hoje sobre plantas, animais, terra e seu trato adequado, devo a ele.

Posso dizer sem medo, que a distância do meu falecido pai, também agrônomo, foi muito amenizada graças à presença marcante e amorosa do meu avô Guido em casa. Creio ser engenheiro, hoje, por ter tido exemplo tão nobre. Mesmo tendo feito engenharia civil, os caminhos que segui me levaram aos passos de meu avô, pois por obra do acaso, iniciei projetos de infraestrutura subterrânea, acabei me especializando em Geotecnia e, ao longo da minha carreira, pude presenciar diversas vezes os melhores profissionais serem tomados por grata satisfação, ao saberem que eu era neto do ‘Guido Ranzani’.

Certa vez, o Comitê de Geologia da Petrobrás me convocou – durante uma obra de gasoduto subterrâneo da qual eu era o responsável técnico – para elogiar e reverenciar o Dr. Guido, inclusive pedindo para que eu submetesse a ele os projetos geotécnicos da obra, até então sigilosos para o público, para que meu avô os corrigisse e analisasse.

Para mim, um orgulho e uma honra! Para o Comitê, um ‘bode na sala’, pois não só ele os corrigiu, como me orientou sobre erros, acertos e melhorias possíveis durante a execução da obra. Fato foi, que virei consultor de um Comitê de veteranos e PhDs renomados, o que

facilitou o desenvolvimento do projeto e o meu, como profissional, já que sempre estava alinhado com os ‘gurus’ da matéria.

Ao longo da vida pessoal, meu avô sempre foi motivo de minha alegria e motivação. Era a figura mais alegre e indispensável em todos os eventos e lugares onde havia oportunidade de vivenciar e ensinar coisas boas. Ele tinha tradições que fazíamos nós, os netos, questão de manter ativas, pois sem ele e tudo o que fazia, as reuniões não teriam graça.



Esta é a última foto do vovô, cinco meses antes de ele falecer... ele está com meu quarto filho Francisco no colo – o último bisneto que chegou a conhecer.

É, sem dúvida, um privilégio e uma satisfação enorme ser neto e ter tido a oportunidade de conviver, amar e ser amado por uma pessoa tão apaixonada pela vida e pelo planeta, que chegou a me dizer, no dia desta foto, aos 96 anos (4 anos após perder sua mobilidade), que: ‘Seria melhor ter partido 5 anos atrás’, tamanha sua frustração de não poder mais explorar, ensinar e aprender com as aventuras e andanças pelo mundo.

Sua presença faz e sempre fará falta, por ter sido tão essencial para minha formação como indivíduo. Espero e batalho para fazer jus ao seu precioso legado como ser humano e cientista!

Atualmente, também por obra do acaso (ou do destino?), inicio um novo projeto profissional com uma Serraria – profissão exercida pelo meu bisavô Francesco Elia, pai do meu avô Guido – tendo oportunidade de viver um ambiente muito parecido com aquele no qual meu avô cresceu.

Infelizmente, não o tenho mais ao meu lado para, mais uma vez, me orientar pelo bom caminho da técnica, excelência e ética profissional.”

ADRIANO RANZANI

O “DRI”

*Adriano é o caçula de Giselda e Guido Ranzani
Adriano casou-se com Marcia Regina Toledo de Camargo.*



Adriano nos recebeu numa mesa e cadeiras feitas pelo próprio pai, na serraria do avô. Recém-casados, Guido e Giselda foram construindo a casa aos poucos. Primeiro veio a mesa grande de imbuia e, mais tarde, as cadeiras. Nesse meio tempo, Guido recebia os amigos em caixotes de madeira no lugar das cadeiras, para o desespero da mãe.

“Uma das lembranças que tenho é da minha avó materna, a vó Ziza, na casa em que morávamos na rua Voluntários de Piracicaba

(entre Governador e Santo Antônio) que, ao ver um guarda na esquina e eu fazendo estripulias em casa, me disse: ‘Olha menino, se você não ficar quieto eu vou chamar o guarda!’ Eu corri para dentro do guarda-roupa e fiquei escondido por horas lá...

Sobre a casa da Paulo Pinto, primeiro ele comprou o terreno e depois foi construindo aos poucos, com o orçamento de que dispunha, por isso o azulejo de um banheiro é de uma cor, o outro de outra... foi na base do ‘este mês eu tenho tanto e posso gastar tanto’, nada de luxo. A casa da Paulo Pinto ficou pronta enquanto morávamos na Agronomia. Na época, eu lavava o carro do prof. Moxon e ganhava US\$ 1,00. Eu

dava o dinheiro para minha mãe e ele retornava, ela sempre generosa, quando eu precisava, era a melhor das aplicações que eu podia fazer.

Lembro-me do meu pai contando sobre a braveza do vovô Francesco Elia Ranzani. Certa vez, vindo a Piracicaba fazer uma visita, ao sair de São Simão com seu outro filho, o tio Zé, o carro quebrou. Ele tentou consertar, não conseguiu e acabou dando uns tiros no carro.

Outra das lembranças que tenho da casa na Agronomia é muito interessante. Eu adorava comer pombas fritas à passarinho e caçava por lá mesmo, com estilingue. E um dos vizinhos, o Vavá (prof. Evaristo Neves, do Departamento de Economia da ESALQ), veio uma vez reclamar com meu pai que eu tinha comido um pombo correio que ele criava no quintal! Levei uma bronca danada, mas eu não tinha feito isso, não. Porém, como eu era muito travesso, foi duro fazer meu pai acreditar em mim.

Outra lembrança que tenho é a de uma viagem à Bahia. Vimos uma pessoa na estrada vendendo o que parecia ser um ‘cachorro’ preso numa gaiola, pois o bicho estava coberto. Sem muitas palavras, meu pai ficou com dó e comprou. Com o tempo de viagem, percebemos que o bicho era muito bravo e, na verdade, não era um cachorro, mas uma onça suçuarana, que estava rosnando. Acabamos doando-a para o Zoológico de Piracicaba.

Nossa casa na Agronomia era uma casa aberta, vinham os amigos do meu pai, os nossos amigos, vivia cheia de gente. E de festas. Almoços e jantares.

Eu aprendi a dirigir num jipe que a Fapesp tinha dado para o meu pai, no qual ele trabalhava. E acabei levando-o a diversas viagens pelo Brasil. Certa vez, no sertão da Bahia, pelos cálculos dele olhando para o mapa, tínhamos apenas três cidades para dormir: Gameleira, Xique-xique e Deus-me-livre. Fizemos uma rápida votação no jipe e deu Xique-xique... ninguém queria dormir em Deus-me-livre.

Meu pai não tinha parada. Quando estava em casa, sempre levava os netos para passearem de jipe, com o detalhe técnico de que o jipe não tinha retrovisor. Ele pegava um espelho de maquiagem da minha mãe e ia dirigindo pela cidade com a criançada e o espelinho.

*A esposa de Adriano **Marcia de Camargo Ranzani**, relembra que o Dr. Guido trazia de suas viagens muitas sementes e mudas de*

árvores nativas, que eram plantadas no sítio Potreiro do Congonhal. As mudas formadas, ele distribuía entre os amigos e parentes que o procuravam.

Adriano retoma o depoimento e lembra que o pai também pedia ajuda a ele para dirigir o velho Diplomata preto, que de tanto sol que tomou no Tocantins desbotou a pintura e estava cinza: *“Meu pai queria que eu ficasse morando no Tocantins, pois previa um bom número de construções na região, no futuro. Mas, embora eu seja arquiteto, não topei”*.

Depois nos disse que, quando os pais moraram em Manaus, foi ele quem conduziu o Fiat 147 da família entre Piracicaba e Belém, botou-o numa balsa e o entregou ‘inteirinho ainda’ para o pai em Manaus. Lembrou-se ainda que: *“Já naqueles tempos, ficávamos impressionados com as queimadas e o desmatamento da Amazônia!”*

“Há 50 anos, meu pai me chamou para uma viagem com seus alunos Ricardo Titotto e o ‘Bichinho’ (Afonso Negri Neto), para uma expedição ao Rio Cravari, no Mato Grosso. Mas fomos pelo Canal de São Simão, que estava inundado por um acidente na barragem, então pegamos uma estrada de terra de 1.600 km até Cuiabá. Íamos numa perua Impala ‘Biscaine’ doada ao meu pai pela Fundação Rockfeller. Quando pegamos novamente o asfalto já em Cuiabá, a perua perdeu uma roda e tivemos que fazer os 600 km restantes num monomotor caindo aos pedaços, com a dupla de alunos segurando o painel, para não cair no colo!”

Outra de suas lembranças foi o fato de ter nascido com 5,1 quilos e ter ouvido da mãe, dona Giselda, a seguinte história: *“Uma freira prognosticou que, depois do seu parto, eu não viveria muito mais”...* e lhe deu um santinho de papel, para protegê-la. Adriano relembra que a mãe rasgou o santinho e manteve um convívio intenso com seu filho caçula.

“Numa das viagens que fizemos, meu pai estava usando um trado à beira da estrada (o trado é um instrumento para cavoucar a terra e alcançar suas camadas profundas). Aí, apareceu um sitiante que lhe perguntou: ‘E aí Doutor, tá dando corda no mundo?’ Foi uma risada só!!!”

Adriano e Marcia tiveram duas filhas: na foto seguinte, a caçula Rafaela e Fábía.



Fábía Regina de Camargo Ranzani

A filha mais velha de Adriano e Marcia mora em Lisboa/PT. Lá, casou-se com Rui Ermenegildo Barreira Marques Gonçalves e tiveram 2 filhos – Antonio e Pedro

“A maior parte das lembranças que tenho do vovô Guido vem da minha infância, provavelmente porque foi aí, e até os meus 15-16 anos, que partilhei mais momentos com ele.

Como as primeiras memórias são (e vão ficando, ao longo da vida, cada vez mais) vincadas, as minhas lembranças do Vovô têm sons, cheiros e cores bem vívidos.

Lembro-me da sua presença robusta, com uma voz forte e uma personalidade magnética. Lembro-me das sobranceiras grossas e da estrondosa risada. Lembro-me dele a cortar o peru no Natal, a andar pelo sítio e a cantar "gritos de guerra" em italiano com os meus primos mais velhos, o que achava fascinante. Para mim, ele era enorme,

enquanto eu era pequena, e continuou enorme quando eu cresci, só que de uma maneira diferente.

Da última vez que estive com o vovô Guido, na casa dos meus pais, já o almoço tinha virado jantar, quando ele disse uma das lições de que nunca mais me esqueci e espero não esquecer. O Vovô discutia sobre a ciência e a investigação e disse: ‘O problema de muitos cientistas, quando fazem uma descoberta, é acenderem fogos de artifício, quando deveriam, na verdade, acender uma vela para iluminar o caminho dos cientistas que vêm a seguir.’”

Rafaela de Camargo Ranzani

*A 2ª filha de Adriano e Marcia casou-se com Francisco Tattini
“Lembranças... de ir ao sítio no Ford 29 com todos os primos.
De andar pelo sítio, sempre em fila atrás dele.*

*Cheiro de fazenda, leite fresco, vaca... lembro-me dele fazendo
queijo branco.*

*De dar a mão pra ele em Brasília, eles moravam lá quando eu
era pequena. Uma lembrança forte desta viagem, além da primeira vez
a andar de avião, é de dar as mãos para ele e meus pais para atravessar
a rua e andar pela cidade.*

*Do Natal, do vovô fatiando o peru com faca elétrica e todos à
sua volta, sem deixar uma fatia pra contar história; e do presépio, que
ele montava no centro da mesa da sala de estar do edifício Romano, em
Piracicaba, o centro da mesa era de vidro e o presépio era montado
abaixo do vidro, com luz, rio e paisagem.*

*Do vovô me dizer que ler e estudar nos mantém vivos: “Cabeça
vazia, paiol de besteira.” De uma aula que ele nos deu sobre mata ciliar
na casa da tia Magá, na mesa da cozinha; da dança do índio em volta
da piscina, com todos os primos, pra chamar a chuva; dos hinos
italianos à mesa, em todos os encontros da família, especialmente no
Natal; dele tocando piano, violão ou qualquer instrumento que lhe
dessem às mãos; das gargalhadas em volta dele, sempre contando
histórias, que só ele sabia contar.*

*De aprender a dirigir em Palmas no diplomata automático:
“Buzina e acena, Rafaela” – dizia ele quando passávamos por um*

guarda ou qualquer pessoa conhecida pelas ruas – Palmas era uma cidade muito nova ainda, planejada, vazia e espaçosa.

Tive a sorte de passar uns dias com o vovô em Palmas. A vovó Giselda estava em Piracicaba e fui com ele para lá. O amor e respeito que ele tinha em casa pela família era o mesmo que os alunos, colegas de faculdade, além dos funcionários do hotel onde morava, tinham por ele. Era querido, esperado e festejado em todo canto.

Ele e a vovó sempre foram o coração da família. Não morávamos na mesma cidade quando eu e minha irmã éramos pequenas, mas a distância era sempre vencida por encontros cheios de energia, ensinamentos, presença e amor. Ele sabia estar onde estava, sabia viver o momento.

Além disso, o sítio estava sempre lá, produzindo verduras, milho, leite e queijo para a família. Meus pais e tios se organizavam na distribuição e eu ficava sempre feliz quando era o nosso final de semana de buscar a colheita e produção. Cresci com leite fresco e bolacha de nata na lancheira.

Sorte da família e dos alunos que tiveram a chance de conviver e aprender com ele. Seus ensinamentos foram infinitos e para a vida toda.”

MEDALHA DE MÉRITO

2010



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA FUNDADO EM 1967

Rua do Rosário, 781 – CEP 13400-183 – Fone (19) 3434-8811
Utilidade Pública, Decreto Municipal nº. 748, de 6/11/1968
Lei Estadual nº 368, de 22/07/1974 – CNPJ 50.853.878/0001-48

Piracicaba, 04 novembro de 2010.

Ilmo. Sr.
Prof. Dr. Guido Ranzani
Rua Edu Chaves, 1410 – ap. 121
13416-020 – Piracicaba, SP

Prezado Senhor:

A diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba tem a honra de comunicar ao ilustríssimo senhor que, em reunião de 3 de novembro em curso, por unanimidade de seus membros e integrantes da Comissão Especial de Outorga, nos termos da Lei nº 2122 de 01/07/1974 e respectivo Regulamento de 10/07/1974, foi conferida a V.Sa. a **Medalha de Mérito "Prudente de Moraes"** por força da avaliação de suas atividades relevantes à causa do engrandecimento da terra piracicabana, asseguradoras do futuro das novas gerações.

A solenidade de outorga da comenda oficial do Município de Piracicaba deverá ocorrer em data e local determinadas conforme a programação a ser divulgada pelo Protocolo do IHGP.

É com justa satisfação e alegria que apresentamos a V.Sa. os cumprimentos pela merecida homenagem ora oficializada.

Cordiais Saudações.

Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

Pedro Caldari
Presidente 2010/2012



CIÊNCIA DO SOLO PERDE PROFESSOR GUIDO RANZANI



Foto: Soares (ESALQ)

Guido Ranzani

Faleceu, dia 29 de março, aos 96 anos, o professor Guido Ranzani, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da USP, em Piracicaba, de falência múltipla dos órgãos.

O Professor Guido Ranzani foi um dos fundadores da SBCS, em 1947 e foi sócio ativo por mais de 30 anos. Dos 31 sócios fundadores, foi o último a falecer. Foi Conselheiro da SBCS entre os seguintes períodos: 1947 – 1951, 1957 – 1961, 1965 – 1969 e 1979 – 1983. Foi vice-presidente da SBCS e presidente da Comissão Organizadora do VII CBCS - Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, realizado em julho de 1959, em Piracicaba e presidente da Comissão Organizadora do X CBCS, também realizado pela Esalq, em julho de 1965.

Como Presidente da Sociedade Latino-Americana de Ciência do Solo SLACS, realizou o II Congresso Latino – Americano, juntamente com o X CBCS. Guido Ranzani recebeu o título de Sócio Honorário da SBCS em 1997.

Nascido em 1915, Guido Ranzani é natural de Serra Azul - SP, mas foi criado em Santa Rosa do Viterbo - SP. Iniciou suas

atividades profissionais na Esalq como assistente da Cadeira de Química Agrícola, em 1944. Em 1957 tornou-se professor catedrático. Ainda na Esalq, foi responsável pela criação e direção do Centro de Estudos de Solos entre 1965 e 1973. Os modelos para análise dos solos foram trazidos por ele, dos Estados Unidos.

Aposentou-se na Esalq em 1977. Entre 1981 e 2002, foi chefe do Departamento de Ciências Agrônômicas do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA). Foi assessor do Instituto Interamericano de Ciências Agrárias (IICA). Na Embrapa foi consultor, além de chefe do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados. Atuou ainda como professor visitante e consultor da Fundação da Universidade do Tocantins.

Em nome de todos os sócios, a Diretoria da SBCS cumprimenta a família do professor Guido reconhecendo e agradecendo a grande contribuição dada por ele à Sociedade Brasileira de Ciência do Solo.

NOTA

JORNAL DE PIRACICABA

Faleceu no dia 29 de março, no final da tarde, o professor Dr. Guido Ranzani aos 96 anos, formado pela ESALQ em 1941. Seu corpo foi velado no Salão Nobre da Câmara de Vereadores de Piracicaba e sepultado no dia 30 de março, às 16:00h, no Cemitério da Saudade, junto ao jazido de seus falecidos: o filho Ricardo e sua esposa Giselda Ranzani.

“Perfiro passá fomi e sofrê muita mardade, do que largá meu sitinho e vim morá na cidade”!
Thales de Andrade



A família

Guido Ranzani,

agradecida pelas demonstrações de carinho recebidas, convida a todos, amigos e parentes, para assistirem à missa de 7º dia de seu falecimento, antecipando sinceros agradecimentos por mais este ato de amizade.

Local: Paróquia Sta. Cruz de São Dimas
Rua Dª Eugênia, 819.

Data: Sábado, dia 9 de abril,
às 19:00h.

O ADEUS

Dinho, Magá, Macau e Dri

Satisfação imensa, pai... por todas as alegrias que vivemos juntos.

Tristeza imensa, pai... pelo que não tivemos tempo de viver.

Seus ensinamentos vão nos acompanhar para sempre e nosso orgulho será eterno, por tudo o que você representou para nossa família e pela honra, a nós legada, de todos os seus feitos e conquistas em sua trajetória profissional.

Você foi um grande homem, Dr. Guido!

E um pai, sogro, avô e bisavô melhor ainda - te amamos.

BIBLIOGRAFIA

PESQUISA

RANZANI, Guido.

Solos para Cana-de-Açúcar – Ed. Instituto Brasileiro de Potassa, no livro “Cultura e Adubação da Cana-de-Açúcar”, Cap.IV:99-120, São Paulo/SP, 1937.

Pequeno Guia para Levantamento de Solos – Editado pela ESALQ/USP, 11 p., 1963.

Manual de levantamento de Solos – Editora da USP, Universidade de São Paulo/SP, 1ª Edição, 112 p. ilustradas, 1965.

Terras para Café – Ed. Cia. Melhoramentos de São Paulo, no livro “Manual do Cafeicultor”, Cap.IV:63-103, com E. J. Kiehl, 1967.

O Solo como Fornecedor de Nutrientes aos Vegetais – Ed. Agronômica Ceres Ltda., no livro “Manual de Química Agrícola de E. Malavolta, Cap.XXVI:587-606.

Manual de Levantamento de Solos – Ed. Blucher, São Paulo/SP, 2ª Edição Revista e Ampliada, 167 p. ilustradas, 1969.

Subsídios à Geografia de Piracicaba – Editado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba/SP, 79 p. ilustradas, 1976.

DEMATTE, José Luiz Ioriatti.

Depoimento publicado no Boletim da SBCS – Sociedade Brasileira de Ciências do Solo nº1, volume 27 de 2002.

ELIAS Neto, Cecílio.

Almanaque 2000. Memorial de Piracicaba Século XX – Yangraf Editora e Gráfica, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Jornal de Piracicaba e Universidade Metodista de Piracicaba, 416 p., 2000.

LEME, Francisco Piffer; SIMÕES, Katia; PRIOSTE, Roberto.

O mestre da terra, vida e obra de Hugo Almeida Leme – Edição dos autores, (Editora não indicada), São Paulo, 284 p., 2017.

QUEIROZ, Adolpho.

Luiz de Queiroz agora em bronze, mas não em papel – Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba nº 25, páginas 17 a 20, 2019.

REICHARDT, Klaus.

ESALQ 1901-2001, um olhar entre o passado e o futuro - Ed. Prêmio, São Paulo, 2001.



DIRETORIA 2018 – 2020

Presidente: Valdiza Maria Caprânico

Vice-Presidente: Edson Rontani Júnior

Primeiro Secretário: Aracy Duarte Ferrari

Segundo Secretário: Jamil Nassif Abib

Primeiro Tesoureiro: Vitor Pires Vencovsky

Segundo Tesoureiro: Adolpho Queiroz

Orador: Alexandre Sarkis Neder

Diretora de Acervo: Carolina Martin

Suplentes: João Umberto Nassif, Rubens Leite do Canto Braga

Conselho Fiscal: Antonio Messias Galdino, Claudinei Pollesel

Suplente do Conselho: Geraldo Claret de Mello Ayres

Comissão Editorial: Evaldo Vicente, Luis Antonio Rolim,
Sylvana Zein, Toshio Iczuca

ISBN 978-65-86541-00-7



9 786586 541007



Adolpho Queiroz

Adolpho Carlos França

Queiroz é pós-doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília e publicitário formado pela UNIMEP de Piracicaba. Ex-presidente da INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) e da POLITICOM (Sociedade Brasileira dos Pesquisadores de Comunicação e Marketing Político); um dos fundadores do Salão Internacional de Humor de Piracicaba; ex-presidente da AHA (Associação dos Amigos do Salão de Humor de Piracicaba) e segundo tesoureiro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Este livro de memórias do Dr. Guido Ranzani é o seu 49º trabalho, entre autorias individuais e coletivas, nos campos do jornalismo, publicidade, humor gráfico e biografias.



DOS SOLOS DE PIRACICABA ÀS TERRAS DA AMAZÔNIA

**A história dos 96 anos
de existência de um dos pioneiros
no Estudo e Classificação de
Solos do Brasil.**



APOIO:

KOPPERT

BIOLOGICAL SYSTEMS